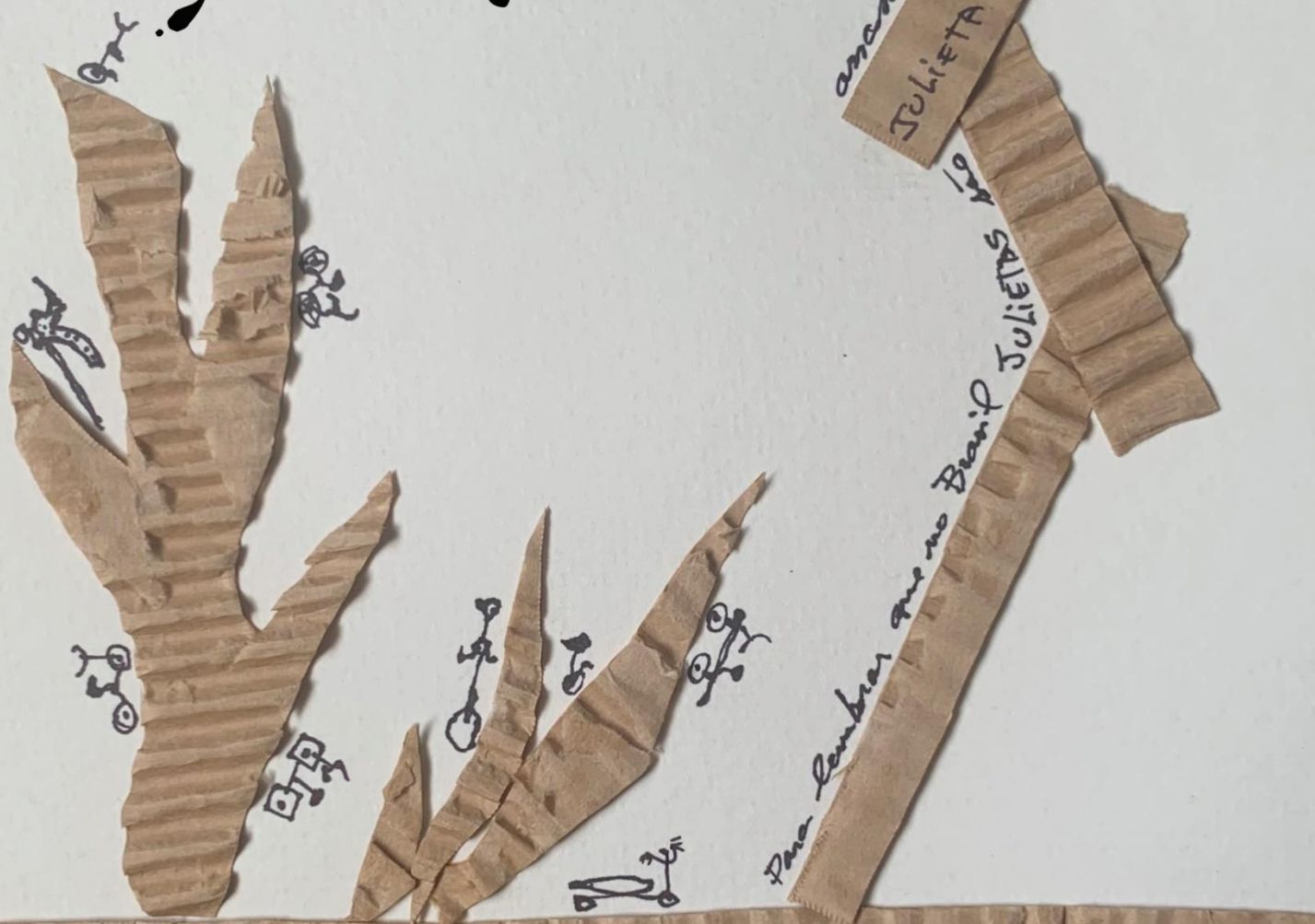


Atos de Escritura.



Bene Martins & Ivone Xavier (Orgs.)

ORGANIZADORAS
BENE MARTINS & IVONE XAVIER

Atos de escritura 6

Programa de Pós-Graduação em Artes

PPGARTES-UFPA



Belém
2023

Copyright © 2023

Autores

ISBN: 978-65-88455-82-1

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Emmanuel Zagury Tourinho (Reitor)

Gilmar Pereira da Silva (Vice-Reitor)

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PROPESP)

Maria Iracilda da Cunha Sampaio (Pró-Reitora)

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE (ICA)

Dra. Isis de Melo Molinari Antunes
(Coordenadora)

Dra. Adriana Valente Azulay
(Vice-Cordenadora)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES (PPGARTES)

José Denis de Oliveira Bezerra
(Coordenador)

Ivone Xavier
(Vice-Cordenadora)

EDITORA PPGARTES*

Maria dos Remédios de Brito

Ana Cláudia do Amaral Leão (Coordenadoras)

Larissa Lima da Silva (Assistente Editorial)

COMITÊ CIENTÍFICO

Prof^a. Dr^a. Maria dos Remédios de Brito
(Presidente)

Prof^a. Dr^a. Ana Cláudia do Amaral Leão
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof^a. Dr^a. Ana Flávia Mendes Sapucaí
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof^a. Dr^a. Ana Mae Tavares Bastos Barbosa
(ECA, Universidade de São Paulo;
Universidade Anhembi-Morumbi)

Prof. Dr. Áureo Deo de Freitas Júnior
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof^a. Dr^a. Giselle Guilhon Antunes Camargo
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof. Dr. José Carlos de Paiva
(FBA, Universidade do Porto)

Prof^a. Dr^a. Laura Malosetti Costa
(IA, Universidad Nacional San Martin)

Prof^a. Dr^a. Maria das Vitórias Negreiros do Amaral

(CAC, Universidade Federal de Pernambuco)

Prof. Dr. Orlando Franco Maneschy
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof^a. Dr^a. Rejane Coutinho
(IA, Universidade Estadual Paulista)

Prof^a. Dr^a. Valzeli Figueira Sampaio
(ICA, Universidade Federal do Pará)

FICHA TÉCNICA DESTA EDIÇÃO:

Projeto Gráfico: Raphael Andrade

Editoração Eletrônica: Raphael Andrade

Capa: Wlad Lima

Ficha Catalográfica: Larissa Silva

*A Editora do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA pratica a avaliação por pares (preferencialmente externos) e seu eixo editorial refere-se às linhas de pesquisa deste programa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Programa de Pós-Graduação em Artes/UFPA

A881a

Atos de escritura 6 [recurso eletrônico] / Organizadoras: Bene Martins e Ivone Xavier. – Belém: UFPA/PPGArtes, 2023. – Dados eletrônicos (1 arquivo : PDF).

Vários autores

Inclui bibliografias

ISBN (e-book) 978-65-88455-82-1

Acesso: <http://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/>

Arte – estudo e ensino. 2. Escrita criativa. 3. Metodologias. 4. Processo de criação. 5. Memória. 6. Arte - pesquisa. I. Martins, Bene (org.). II. Xavier, Ivone (org.). III. Título. IV. Série.

CDD 23. ed. 700.7

Elaborado por Larissa Silva - CRB 2/1585

SUMÁRIO

Prefácio.....	7
 Cartas por uma escrita entremundos	14
Ana C. Marceliano Nunes Ivone Xavier	
 Entre práticas e processos criativos	30
Bárbara Trindade Freire	
 Cenas ao mar: Correspondências imaginárias com a primeira dramaturga do mundo.....	40
Bárbara Gibson Bene Martins	
 O atelier de saúde: um inédito viável: Trabalhar e compor com o invisível....	60
Cleber Cajun	
 Ainda respiramos: A resistência da memória e história da mulher artista em tempos de esquecimento.....	76
Érika Silvana A. Mindelo	
 ContAÇÃO comunitária: das peles ancestrais matrilineares amazônidas aos banhos cênicos.....	99
Ingrid Gomes Ivone Xavier	
 Devir de uma transilhaça.....	121
Isabella Valentina Larissa Latif	

O movimento da escrita acadêmica na disciplina atos de escritura133

José Eduardo Pastana Silva

(EU) Nós líricos amazônidas: Poesia e música em diálogo147

Marina Donza Guedes

Morte e Vida de um Violoncelo.....162

Rafaela Alcântara Barata

Áureo Déo de Freitas Júnior

Tramas do vestir. Correspondências entrelaçadas com o estilista indígena Rodrigo

Tremembé sobre moda sustentável e memórias ancestrais188

Rubens Santa Brígida

Bene Martins

**Memórias, processos bonitos & eloquentes ou a história de como a Arte me
chamou para dançar214**

Yasmin Gomes

PREFÁCIO

**ATOS DE ESCRITURA
CADA PESQUISA EM ARTES POSSUI UMA ESCRITA SINGULAR**

Ivone Xavier¹
Bene Martins²

Este é o sexto ano consecutivo de publicação do E-book *Atos de Escritura*, resultado prático da disciplina optativa com o mesmo nome, do Programa de Pós-graduação em Artes – PPGARTES – da Universidade Federal do Pará-UFPA, ministrada pelas professoras Bene Martins e Ivone Xavier. Nestes seis anos ininterruptos, *Atos de Escritura* têm acionado exercícios metodológicos capazes de estimular experimentações de escrituras propositivas (verbais, visuais, sonoras, cênicas) nas interfaces epistêmicas das artes com as demandas epistemológicas (políticas) da contemporaneidade.

No ano de 2023, o exercício metodológico proposto foi o da escrita de Cartas, “Cartas ao objeto/fenômeno da pesquisa”, permitindo aos discentes o exercício de uma escrita criativa, acionada por pensamentos em espirais capazes de ligar memórias, afetos e esquecimentos, em aproximações com os seus objetos/fenômenos de estudo/investigação, atravessados pela estética de si. Foucault, no texto “A escrita de si”, já sinalizava que:

Parece não haver dúvida que, entre todas as formas que tomou este adestramento (o que comportava abstinência, memorizações, exames de consciência, meditações, silêncio e escuta do outro), a escrita – o fato de se escrever para si e para outrem – só tardiamente tenha começado a desempenhar um papel considerável. Em todo o caso, os textos da época imperial que se referem às práticas de si concedem uma grande parte à escrita. É preciso ler, dizia Sêneca, mas escrever também. E Epicteto, que, todavia não ministrou senão um ensino oral insiste repetidas vezes no papel da escrita como exercício

¹Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida é professora Adjunta da Universidade federal do Pará (UFPA), lotada no Instituto de Ciências e Artes (ICA), vinculada à Escola de Teatro e Dança (ETDUFPA). Mestrado em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPA (1998); doutorado em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da PUC-SP(2010). Desenvolve pesquisa sobre Festas, Brincadeiras, Procissões e Atos Devocionais na Amazônia paraense vinculado às linhas de investigação :1-Etnocologia e Artes do espetáculo e Performatividades e, 2- Teatralidades Contemporâneas: poéticas e políticas do corpo e da cultura. Endereço eletrônico: ivmaxavier@gmail.com

² Professora associada da Faculdade de Dança e do Programa de Pós-graduação em Artes (PPGARTES), da Universidade Federal do Pará. Mestrado em Letras: Linguística e Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará (1997), doutorado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004). Pós-doutorado em Estudos de Teatro, 2016, Universidade de Lisboa-PT, realizado com apoio UFPA-CAPES. Coordenadora do Projetos de Pesquisa: Memórias da dramaturgia amazônica: construção do acervodramatúrgico. Dramaturgias da dança e estudos do corpo, 2022, e do projeto de extensão: Acervo decríticas cinematográficas. In: Coleção Memórias da cinefilia amazônica. E-mail: behneafonso@gmail.com

pessoal: deve-se “meditar” (*meletan*), escrever (*graphein*), treinar; “possa a morte arrebatá-me enquanto penso, escrevo, leio” (Foucault, 2009, p. 133).

De acordo com Foucault, a escrita de si constitui a si próprio como sujeito de ação racional pela apropriação, a unificação e a subjetivação de um “já dito” fragmentário e escolhido.

(...) no caso das notações monásticas das experiências espirituais, tratar-se-á de desentranhar do interior da alma os movimentos mais ocultos, de maneira a poder libertar-se deles. No caso da narrativa epistolar de si próprio, trata-se de fazer coincidir o olhar do outro e aquele que se volta para si próprio quando se aferem ações quotidianas às regras de uma técnica de vida” (Foucault, 2009, p. 137).

Neste sentido, a utilização de cartas como exercício criativo no campo das pesquisas em artes, permite, dentre outros elementos, a descoberta do estilo de escrita, considerando que cada pesquisa em artes possui sua digital própria. Todavia, este movimento só se torna denso, profundo, se o pesquisador acionar dentre o campo da experiência, aquelas experiências vividas. Para Benjamin, a experiência constitui um traço cultural enraizado na tradição, enquanto a vivência ou experiência vivida reenvia para a vida particular do indivíduo, na sua inefável preciosidade e na sua solidão. No ensaio sobre Baudelaire, Benjamin afirma que “a experiência é matéria da tradição, na vida coletiva como na vida privada. Constitui-se menos a partir de dados isolados rigorosamente fixados na memória, e mais a partir de dados acumulados, muitas vezes não conscientes, que afluem à memória” (Benjamin, 1989, p. 45).

É no movimento da escrita de cartas ao objeto/fenômeno da pesquisa que o pesquisador-artista, acionando campos da memória consegue desenhar os caminhos/contornos da pesquisa em exercício rigoroso e sistemático, permitindo-lhe compreender o fluxo da própria escrita. Este movimento compreende a necessidade de se pensar/criar métodos específicos para a pesquisa em Artes, sobretudo, por considerar o objeto/fenômeno investigado em constante diálogo com o pesquisador. Neste caminho, o objeto de investigação não está dado, ao contrário, ele se constrói e é construído pelo pesquisador em todo o processo de pesquisa. Assim, a escrita de cartas ao objeto/fenômeno da pesquisa em artes permite se enxergar seu caráter instável, ou seja, de que não possui uma estabilidade cartesiana. Que é suscetível a quedas, tombos, viradas e reviradas. Aqui, o pesquisador é o próprio artista e se coloca na condição de artista-pesquisador. Neste sentido, a expansão do espectro organizativo da pesquisa, a responsabilidade em relação a si mesmo e ao fenômeno investigado, requer por parte do artista-pesquisador uma prática transdisciplinar. Na mesma proporção, a escrita de cartas

como exercício criativo e metodológico permite ao artista-pesquisador compreender que o ato de escrever também é ato de ficcionalizar, sendo portanto, uma ficcionalização, ação ou resultado de ficcionar, de apresentar ou abordar algo como ficção.

É importante considerar que a ficcionalização na escrita acadêmica encontra amparo nas reflexões do antropólogo americano Clifford Geertz, na obra *A Interpretação das Culturas* (1979). Para Geertz, o antropólogo deve interpretar os fenômenos da *teia de significados*, tentando apreender o que eles significam para a comunidade em questão:

O conceito de cultura que eu defendo (...) é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teia de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura do significado (Geertz, 1979, p. 15).

Para Geertz os textos antropológicos são interpretações de "segunda e terceira mão", pois apenas um nativo pode fazer interpretações em primeira mão. Trabalhos antropológicos baseados em pesquisas anteriores, como o de Levi-Strauss são, para Geertz, “de quarta mão” (1979, p. 25). Assim “os textos antropológicos são ficções, algo construído, modelado, fabricado, imaginado” (1979, p. 26).

Na esteira de compreender a escrita como ato ficcionalizado é oportuno considerá-la também como movimento devaneante, acionado pelo verbo de ação devanear, cujo significado é “conceber na imaginação; sonhar”. As obras noturnas do filósofo Gaston Bachelard – *A Psicanálise do Fogo; A Água e os Sonhos; O Ar e os Sonhos; A Terra e os Devaneios da Vontade; A Poética do Devaneio; A Poética do Espaço* – fortemente influenciadas pelo surrealismo e psicanálise, são provas da potência de escritas conduzidas pelo ato criativo/poético de devanear. Na obra *A poética do devaneio*, Bachelard afirma que: “Demasiadamente tarde, conheci a boa consciência, no trabalho alternado das imagens e dos conceitos, duas boas consciências, que seria a do pleno dia e a que aceita o lado noturno da alma” (Bachelard, 1988, p. 52).

Ainda de acordo com Bachelard, a Imaginação Material, manifestada no terreno da poesia, do devaneio podem, dentre outras coisas, ser acionadas pelos elementais da natureza – Água, Terra, Ar e Fogo – considerados pelo autor como Raízes da Realidade, ou seja, quatro elementos que alimentam o imaginário poético. Já na obra *A poética do espaço*, este filósofo considera o espaço como “instrumento de análise para a alma humana” (2005, p. 20). A obra configura-se como um tratado, extremamente poético, sobre as imagens desencadeadas a partir de diferentes espaços recorrentes na literatura:

casa, porão, sótão, cabana, gaveta, cofre, armário, ninho, concha e canto. A partir do Espaço pode-se chegar a uma Fenomenologia da Imaginação.

O alargamento de sentidos provocados pelas fontes teórico-filosóficas citadas acima no processo metodológico de escrituras de cartas ao objeto/fenômeno de pesquisa, também permitiu uma mudança substancial nos modos de *ver* e *perceber* tais objetos de investigação nos campos das Artes. Nesta área de conhecimento, o objeto não está dado. Ele é antes de tudo, um processo em construção. Seu campo de conhecimento é motivado pelo pensamento advindo de experiências vividas, sensações e afetações. Aqui reside a diferença crucial entre filosofia, ciência e arte. Na primeira, o conhecimento é sustentado no pensamento-conceito. Na segunda, no pensamento-função. E na(s) Arte(s) o pensamento é derivado do mundo das sensações, de seu *estar aí*, de seu *devenir*.

Desse modo, a produção de conhecimento no campo da(s) Arte(s) não advém de estudos cujos objetos de investigação se encontrem apartados do pesquisador. Ao contrário, o objeto só é anunciado se o campo das experiências humanas estiver aberto. São essas experiências que permitem desvelar as dobras, as finas camadas que o encobrem.

Os artistas que se inscrevem no novo paradigma não concebem a si mesmos como inventores de formas e manipuladores de objetos, mas como geradores de saber ou agentes numa rede de geração de saberes. Nessa rede, os artistas não ocupam uma posição de privilégio, mas se deslocam guiados por questões ou afetados por problemas, aos quais respondem pondo à disposição da coletividade os procedimentos e as habilidades próprias de sua prática, mas sem por isso depreciar os procedimentos e as habilidades próprias de outras disciplinas do conhecimento e outras práticas sociais. (Sánchez, 2015, p. 323).

Assim, na disciplina *Atos de Escritura*, o exercício de escrever cartas ao objeto/fenômeno de pesquisa foi um procedimento que norteou todos os encontros ocorridos no segundo semestre de 2023, e a orientação dada pelas professoras foi de que cada mestrando/doutorando, ao mesmo tempo que fosse ao encontro de sua própria escrita, de sua escrita digital, também devesse considerar tal movimento a partir do princípios da leveza e da visibilidade, tal qual Ítalo Calvino, na obra *Seis propostas para o próximo milênio* (1990), manifestadas através de metáforas, consideradas indispensáveis na escrita. Para este autor, “A leveza não está na pluma, mas no pássaro!” (Calvino, 1990, p. 45). Já, na conferência sobre visibilidade, Italo Calvino parte de seguinte constatação: “a fantasia, o sonho, a imaginação é um lugar dentro do qual chove”! (Calvino, 1990, p. 56).

Calvino considera que a leveza está relacionada a elementos diversos que permeiam os textos literários – e aqui ampliamos o olhar para os textos acadêmicos – capazes de fazer com que o leitor vivencie esta sensação. O autor faz consideração sobre a construção textual sinalizando a existência dos seguintes elementos: a corrente filosófica; o ponto de vista; as ferramentas linguísticas peculiares; a definição da ideia e a precisão da linguagem. São estes os elementos que irão estimular a percepção do leitor. E, particularmente no caso da escrita de cartas, estimulará a percepção do artista-pesquisador em relação ao objeto/fenômeno da pesquisa.

Toda reflexão proposta por Calvino para a visibilidade, advém, em grande medida, da obra de Jean Starobinski “*A Tinta da Melancolia – uma história cultural da tristeza*” (2016) em que percorre algumas concepções de imaginação, segundo o pensamento de diferentes épocas e de diferentes áreas do conhecimento: a imaginação como instrumento do saber, corrente mais próxima do pensamento científico, e a imaginação como identificação e comunicação com a alma do mundo.

A partir desta influência, Calvino pensa imaginação: “sempre busquei na imaginação um meio para atingir um conhecimento extraindividual, extraobjetivo” (Calvino, 2010, p.106). O autor avança as ideias de Starobinski, propondo uma nova definição: “a da imaginação como repertório do potencial, do hipotético, de tudo quanto não é, nem foi e talvez não seja, mas que poderia ter sido” (Calvino, 2010, p.106). Tal ideia volta-se ao indivíduo “imaginante”, àquele que dá ordem a este conjunto de imagens esparsas, a fim de produzir algum tipo de conhecimento.

Para Calvino,

Seja como for, todas as "realidades" e as "fantasias" só podem tomar forma através da escrita, na qual exterioridade e interioridade, mundo e ego, experiência e fantasia aparecem compostos pela mesma matéria verbal; as visões polimorfos obtidas através dos olhos e da alma encontram-se contidas nas linhas uniformes de caracteres minúsculos e maiúsculos, de pontos, vírgulas, de parênteses; páginas inteiras de sinais alinhados, encostados uns aos outros como grãos de areia, representando o espetáculo do mundo numa superfície sempre igual e sempre diversa, com dunas impelidas pelo vento do deserto (Calvino, 2010, p.114).

Por fim, as atmosferas propostas em sala de aula, no estímulo da escrita de cartas para o objeto/fenômeno da pesquisa propiciaram o despendimento de procedimentos metodológicos pré-estabelecidos. Somente após o reconhecimento da existência de memórias coletivas e individuais, das experiências vividas pelo artista-pesquisador, é possível iniciar a criação de dispositivos poéticos para a ampliação da dimensão simbólica

das realidades, que se apresentam na perspectiva de um dilatamento elemental para o rabiscar das bordas dessas mesmas realidades e de um disparo criativo na modelagem do objeto de pesquisa. Neste movimento bocas, olhos, ouvidos e tatos devem estar escancarados, no exercício de permitir à arte através de seus artistas-pesquisadores, o ato transgressor de refletir sobre seu próprio conhecimento, seu pensamento-ação.

É o que nos ajudar a pensar Manoel de Barros, na “entrada” de sua obra *Poesia completa* (2010):

Eu queria que as garças me sonhassem. Eu queria que as palavras me gorjeassem. Então comecei a fazer desenhos verbais de imagens. Me dei bem. Perdoem-me os leitores desta entrada mas vou copiar de mim alguns desenhos verbais que fiz para este livro. Acho-os como os impossíveis verossímeis de nosso mestre Aristóteles. Dou quatro exemplos. 1) É nos loucos que grassam luarais; 2) Eu queria crescer pra passarinho; 3) Sapo é um pedaço de chão que pula; 4) Poesia é a infância da língua. Sei que meus desenhos verbais nada significam. Nada. Mas se o nada desaparecer a poesia acaba. Eu sei. Sobre o nada eu tenho profundidades. (Barros, 2010, p.7).

Ou, ousadamente, eu queria-quero que as páginas em branco e as letras me insiram no mundo da escrita poético-acadêmica. Eu desejo escrever com mais sustança criativa. Eu quero pensar, imaginar, poetar, escrever com e a partir de minhas vivências. Eu quero transpor o estabelecido com meu fluir de saberes outros. Eu quero alimentar meu ser com mais ritmo, leveza, fluidez e que este estado de ser transpareça em minha vida artístico-acadêmica! Eu quero!

Referências

BACHELARD, Gaston, **A Poética do Devaneio**. São Paulo: Martins e Fontes, 1988.

BARROS, Manoel de Barros. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: **Mágia e Técnica, Arte e Política**. Traduzido por Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. **Mágia e Técnica, Arte e Política**. Traduzido por Paulo Sérgio Rouanet. (Obras Escolhidas; v. I). São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão Única**. Traduzido por Rubens Rodrigues Torres Filho e José Martins Barbosa. Obras Escolhidas; v.II. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Traduzido por José Martins Barbosa e Hemerson Batista. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras Escolhidas; v.III).

CALVINO, Italo. **Seis Propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins e Fontes, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1979.

SANCHÉZ, José A. **A pesquisa Artística e a Arte dos Dispositivos**. In: *Questão de Crítica*. Vol VIII, nº 65, agosto de 2015.

CARTAS POR UMA ESCRITA ENTREMUNDOS

Ana Carolina Marceliano Nunes³;
Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida⁴

O presente trabalho dedica-se a acompanhar o processo de criação de uma escrita artística e transgressora estimulada na disciplina Atos de escritura, ofertada pelo programa de Pós-graduação em Artes da UFPA, ministrada pelas professoras Ivone Xavier e Bene Martins. Na disciplina os pesquisadores da pós-graduação produziram cartas endereçadas aos seus projetos de pesquisa. Neste capítulo irei apresentar a escritura tecida por mim enquanto atriz/performer, endereçada à bufa Darcy, sujeito da pesquisa “Atos Performativos de Cura - Memória, Riso e Subjetividade Cabocla em Belém do Pará”.

O trabalho a seguir apresenta uma dinâmica de correspondência entre atriz e personagem onde são apresentadas ideias-força do trabalho de pesquisa em curso no mestrado acadêmico, turma de 2023, que aponta para caminhos de uma escritura artística, cômica e transgressora, abordagem que vem ganhando espaço dentro da pesquisa em Artes e se consolidando no PPGArtes, UFPA.

A escrita das cartas é uma narrativa *autoficcional* pois está imbricada em relatos pessoais vivenciados por mim, desvelando uma *dramaturgia pessoal da atriz* (LIMA, 2004), no campo do *metateatro*, com contribuições da *psicologia analítica* Junguiana.

A imagem a seguir registra um dia de aula da disciplina Atos de Escritura, onde a bufa Darcy, sujeito da pesquisa de mestrado, se fez presente em sala para ler uma carta resposta endereçada à mim, atriz pesquisadora.

³ Mestranda em Artes pelo PPGARTES UFPA. Especialista em Arteterapia pela Censupeg/RJ (2019). Professora de Teatro licenciada pela UFPA (2013). Email: anamarceliano@gmail.com

⁴ Profa pesquisadora da Universidade Federal do Pará -UFPaICA/PPGARTES/ETDUFPA. Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2010) e Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Pará (1998). Email: ivmaxavier@gmail.com

Fig.1 - Darcy frequentando aula no mestrado



Foto: Paula Nayara, 2023

As cartas foram escritas em dias diferentes, e todas foram criadas à partir do exercício de *escrita automática* na tentativa de deixar fluir o pensamento e deixar surgir conteúdos do inconsciente. Esta técnica surge em 1919 dentro do surrealismo, postulada por André Breton, dá início ao movimento Dadaísta, mas foi amplamente aplicada como prática psicanalítica.

Assim, como método surrealista, a escrita automática implica na escrita daquilo que o inconsciente traz à tona em sua espontaneidade e, abolindo toda a forma de censura, supõe o advento de um discurso autêntico, livre do controle consciente (Jorge, 1988 apud Rezende, 2011, pg. 71).

Após o exercício de escrita automática cada carta era revisada, recebendo correções e ajustes, posteriormente foram lidas em sala de aula, atriz e personagem leram suas cartas em dias distintos. Seguem imagens dos rascunhos das cartas. A primeira figura corresponde à escrita de atriz para personagem, fluida, com poucos erros e ajustes.

Fig.2 - Caderno de registro das cartas – Escrita da atriz à bufa

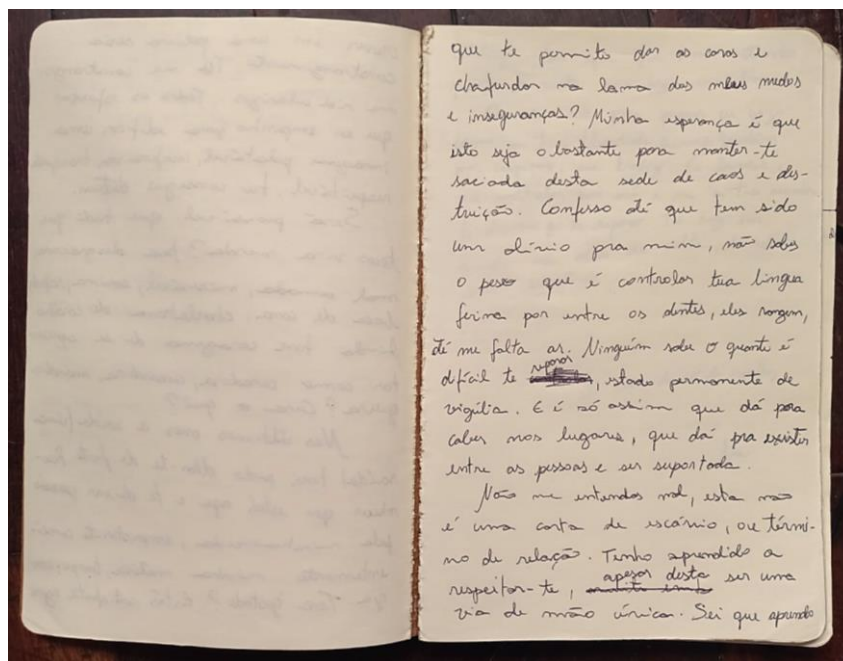


Foto: Autor, 2023.

A próxima imagem corresponde à escrita automática da personagem para a atriz. É possível observar que foi uma escrita mais apressada e desorganizada, na revisão foram feitas diversas mudanças e ajustes. Isto ocorre porque escrever como um personagem exige maior elaboração no momento de revisão, porém a pressa na escrita, que aparece na caligrafia mais desorganizada, revela as características desse ser Darcy, expressando a energia caótica que emerge do inconsciente e se apresenta no estado de ser bufa.

Fig.2 - Caderno de registro das cartas – Escrita da bufa â atriz

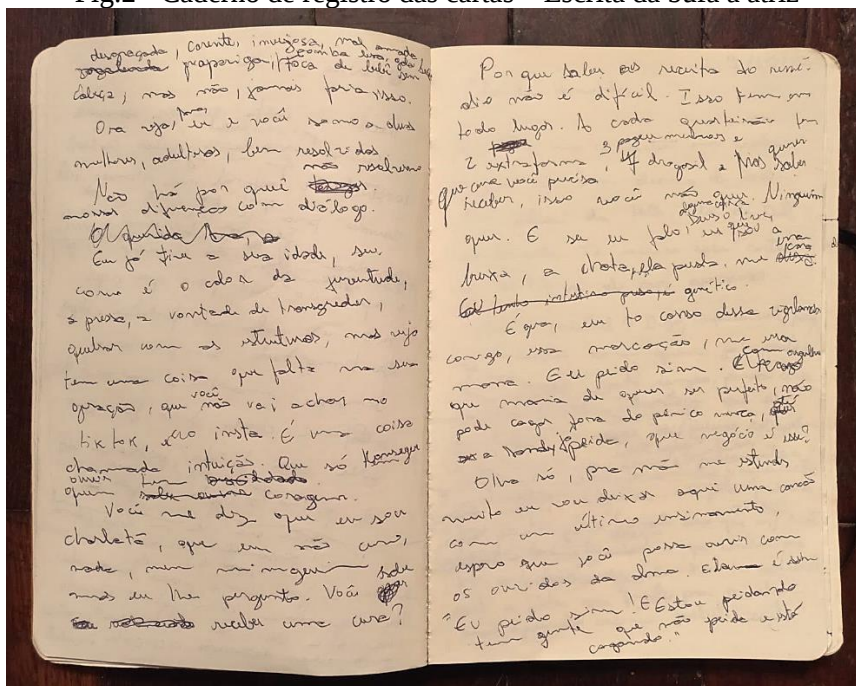


Foto: Autor, 2023.

A seguir, convido o leitor a acompanhar as cartas trocadas entre atriz e bufa, com a ressalva de que este material escrito não tem o intuito de ser somente uma expressão literária, pois que tem um caráter intencionalmente dramatúrgico, isto é, foi pensado para ser apresentado em forma de cena, sem se valer de rubricas. O que se pode ler, então, são apenas pistas desta busca de uma atriz pela personagem e vice-versa.

1. CARTA ANA PARA DARCY

28 de agosto de 2023

Darcy,

Já faz alguns anos que te procuro, muito embora sejas tu que me persegues. Esta carta que te escrevo é para prestar conta e pedir satisfação. Imagino que para ti a convivência com alguém como eu deve mesmo enlouquecer-te. Minha necessidade de controle, de agradar, de ser aceita, te enfurece. Provoca. Mas não há justificativa racional para o que me fazes diariamente, Darcy.

Já foi pior, eu sei. E agora que sei, que tenho consciência que és tu e não eu quem me sabota tem sido mais leve o caminhar. Antes, o que eu fazia Darcy desfazia. Eu me esforçava e Darcy bebia. Eu me calava e Darcy dizia, gritava, desenhava com urina na calçada, pra todo mundo ver.

Lembro com vergonha dos dias que acordava sem memória e cheia de dores pelo corpo, eras tu e eu não sabia, tinha que perguntar aos estranhos e aos amigos o que me tinha passado, porque noites e noites dedicastes a me maldizer, praguejar, expor-me ao ridículo revelando os segredos mais bem guardados, misteriosos até para mim.

E que barra fizestes aqueles que me eram próximos passar, constrangendo as pessoas com comentários ácidos, maldosos, sinceros. Isso não se faz, Darcy! Isso não se faz com ninguém. Especialmente em espaços onde a formalidade e as boas condutas sociais são exigência. Mas tu não ligas, não é mesmo? Quem não te deu educação?

Se eu pudesse te descrever em uma palavra seria: constrangimento. Tu me constranges, me ridicularizas. Todos os esforços que eu empenho para edificar uma imagem palatável, inofensiva, simpática, tranquila, respeitável, tu consegues destruir. Será possível que tudo que tocas virar merda? Sua desgraçada, mal-amada, miserável, sovina, safada, boca de cana, charlatona. Ainda tens coragem de se apresentar como curadora, curandeira, mandingueira? Cura o quê?

Nos últimos anos a saída (única saída) tem sido olhar-te de frente, reconhecer que estás aqui e te deixar passear pela minha vida, emprestar-te conscientemente minha matéria, tempo, energia. Tens gostado? Estás satisfeita agora que te permito dar as caras e chafurdar na lama dos meus medos e inseguranças? Minha esperança é que isto seja o bastante para manter-te saciada desta sede de caos e destruição.

Confesso até que tem sido um alívio para mim, não sabes o peso que é controlar tua língua ferina por entre os dentes, eles rangem. Até me falta ar. Ninguém sabe o quanto é difícil te reparar. Estado permanente de vigília. E é só assim que dá para caber nos lugares que dá para existir entre as pessoas e ser suportada. Não me entenda mal, esta não é uma carta de escárnio ou término de relação. Pelo contrário. Tenho aprendido a te respeitar, apesar desta ser uma via de mão única.

Sei que aprendo contigo. Sei que por um estranho ponto de vista me fazes um bem. Quando saís para passear eu gozo com a tua liberdade. A inveja também. Me inspiras, me traduz. Tu brincas e me maltratas por aí e eu à tua sombra te observo, te reparo. Tu, vez em quando me olha de volta, de relance. Somos cúmplices.

Do lado de cá do espelho,

Ana

2. CARTA DARCY PARA ANA

19 de setembro de 2023

Querida Ana,

Recebi a carta que me escrevertes e quero por meio desta agradecer-te pelas críticas construtivas que me fizeres, afinal, nós estamos neste mundo para quê, se não é pra melhorarmos nos? Pra nós se curar das dores da alma, da mente, do corpo do espírito... Não verdade? Você, Ana, em sua carta endereçada à minha pessoa humana me disse palavras duras, malinas, reinou comigo e me chamou nomes... E eu? Se fosse uma pessoa menos evoluída, de baixo calão, lhe responderia com palavras grosseiras, ofensivas, chamaria você de mentirosa ou imatura... mimada... estressada... insolente, recalcada, desgraçada, carente, invejosa, mal amada, pomba lesa, gala seca, rapariga, touca de bebê sem cabeça... mas não! Jamais faria isso!

Ora veja, Ana, eu e você somos duas mulheres, adultas... teras, bem resolvidas, não há por que não acertarmos nossas diferenças com diálogo. Eu mesma já tive a sua idade, eu sei como é o calor da juventude, a pressa, a vontade de transgredir, quebrar com as estruturas. Mas veja, tem uma coisa que falta na sua geração que você não acha no ZAP ZAP, no TOK TOK, é uma coisa chamada intuição. E pra conseguir ouvir ela, tem que ter coragem. E isso tá em falta, não tá entregando pelo delivery, né?!

Você me diz que eu sou charlatã, que eu não curo nada nem ninguém, mas eu lho pergunto: Você sabe receber uma cura? Porque saber a receita do remédio não é difícil. Isso tem em todo lugar. A cada

quartirão tem 2 *Extra Farma*, 3 *Pague Menos* e 7 *Drogasil*. Mas querer saber que cura você precisa receber, isso tu não quer. Ninguém quer.

E se eu venho e falo alguma coisa, Deus o livre... aí eu sou a Bruxa, a chata, “ah, ela peida...”, Égua, me deixa! Eu vou te contar... eu tô canso dessa vigilância comigo, essa marcação. Me erra, colega. Olha, eu peido sim! E com orgulho! Que mania é essa de querer ser perfeita, que empentelhação... não pode cagar fora do penico nunca? Eu tô é cagando e andando mesmo. Que negócio é esse?

Para não me estender muito, que você já tem demais o que pensar, eu vou deixar aqui um último ensinamento pra você. É um mantra que eu carrego comigo, maravilhoso, em forma de canção, ele diz assim: “Eu peido sim! E estou cagando. Tem gente que não peida e está cheirando... Eu peido sim!”

Com amor,

Darcy

3. RÉPLICA DA ATRIZ

24 de setembro de 2023

Darcy,

Estou reflexiva com a sua carta resposta. Me propusestes um diálogo para resolução de nossas diferenças e decidi me dispor a esta conversa franca e ver onde vamos nos levar. Relevando as ofensas indiretas, passivo agressivas, muito do que me contas me faz refletir. Devo reconhecer que tens essa capacidade incrível de deslocar meu olhar, expandir, me fazer olhar de novo, e muitas vezes esse olhar outra vez para a mesma situação me mostra uma perspectiva diferente. Talvez isso traga a cura da qual tanto falas. Por outro lado, me pergunto, o que me impede de ter esse tipo de reflexão sem a tua presença, costumeiramente inconveniente? És necessária? Preciso de você para enxergar o que não está evidente pra mim na vida rotineira? Seria então

o incômodo do que é inconveniente, constrangedor, ridículo, algo necessário para encontrar a tal cura? Jung diz que para se alcançar a individuação, é preciso fazer o trabalho das profundezas, para ele a individuação seria o auge do desenvolvimento pessoal do ser, a integração dos aspectos desconhecidos e sombrios que estão no inconsciente. Não para trazer à luz da consciência tudo que povoa a sombra, mas para estabelecer uma harmonia entre os dois mundos, e alcançar um estado de equilíbrio da psique.

Na carta que me enviaste falas que “saber a receita dos remédios não é difícil”, mas os remédios que estão disponíveis nas esquinas tomadas pela indústria farmacêutica servem unicamente aos sintomas e adoecimentos que se revelam na matéria, não é mesmo? O que eu busco, e o que dizes que ofereces é uma cura da integralidade do ser, que não é considerada pela medicina alopática. Esta medicina ocidental, tal qual conhecemos, é edificada e restrita à anatomia do corpo, isto é, só considera como parte da realidade aquilo que podemos ver ao dissecar com bisturi. Quando o médico corta a carne, vê pele, sangue, ossos, músculos, a alma não está lá. A alma não é vista a olho nu. Nossos pensamentos não derramam pela sala de cirurgia quando o crânio é aberto, tampouco nossos sentimentos se revelam sob o fio de corte da lâmina fria.

Te digo isso porque ao longo da vida fui curada de muitas maneiras de mazelas de diferentes dimensões do ser, fui curada por minha mãe com remédios alopáticos quando tive papeira, mas também por ela fui curada com banhos de cheiro. Por sete dias fui banhada com garrafadas misteriosas que me livraram das forças da noite que habitavam a casa antiga, o lugar, nossa nova morada em Belém, após sair do interior, era povoada de seres que me assombravam à noite quando criança e não me deixavam dormir. O que será que estes banhos lavaram? Na farmácia não há receita de remédio para isso.

Me lembro ainda das curas que recebi de minha avó Deltrudes, a Del curava a garganta das crianças com embrocamento, usava uma mistura de mel, copaíba, cabacinha e outros segredos para remexer o céu da boca e as gargantas dos netos doentes. Também foi por ela que recebi os primeiros benzimentos, ela trazia d. Lucinda, a senhora mais idosa da rua, benzia crianças

e adultos com galhos inteiros da cabeça aos pés. Do que será que d. Lucinda me curou? Tu tens essas respostas Darcy? Te vejo prometer essas e outras curas mas não tenho certeza se acredito em ti. Para mim és um pouco de verdade e um pouco charlatã. Onde está a diferença então entre curar de verdade e performar uma cura?

Deixaste em aberto uma provocação, perguntas se eu sei receber uma cura, não sei responder esta pergunta, mas reformularia ela: Será que eu sei reconhecer uma cura quando passo por ela? Sentir-se curado da alma, do corpo, da mente, como tanto prometes, é algo que só pode ser atestado pelo sentir de quem recebe a cura. Então o que eu posso dizer é que eu sinto, sim. Sinto transformações que se passam no meu universo particular e acho que este diálogo contigo tem a ver com essas transformações. Quem diria, tu Darcy, me ajudando a fazer este mestrado, pensando junto comigo, problematizando o que eu ainda não enxergo. Estaria eu ficando curada? Ou louca de vez?

Amistosamente,

Ana

4. QUEM PROCURA CURA

09/11/2023

Querida Ana,

Já compreendi que minha presença lhe desagrada, e ainda assim você me pergunta se eu sou necessária. Para mim é ovini que se minha existência não é opcional é porque é essencial. Para onde você acha que vai tudo aquilo que você tenta esconder, Ana? Se eu existo é porque sozinha tu não tá bem das perna...

Você diz que eu te constrange, mas a vergonha de ser quem você é me trouxe até aqui. Tudo aquilo que você não diz pra você mesma coça na minha garganta pra caguetar, se tu não diz eu digo, e agora eu vou dizer uma verdade porque tu merece e tá precisando. É que tu olha pra mim e me acha jeca, feia, mal vestida, bronca, caboquética, pobre, ingnorante, bicho do mato. Tudo aquilo que no fundo tu pensa que os outro pensa de ti. Porque durante a vida alguéns te fizeram acreditar em tudo isso. Aí da nisso. Tamanha cavalona com medo de ser quem é.

Nesse mundo, minha filha, não tem benção maior que a gente poder ser quem a gente é. Isso é que é ter uma vida plena, isso é saúde. Me perguntardes se sabes reconhecer uma cura quando passa por ela... Eu só te digo uma coisa, colega, a cura ela nos procura todos os dias, o nosso corpo e a nossa mente quer ficar bem, eles fazem de um tudo pra gente ficar bem, porque o que todo mundo quer é ser feliz e se a gente vai e procura o que faz a gente feliz a cura acha a gente. Mas tem que querer. Ainda duvidas que eu vim aqui pra te ajudar?

O teu problema é essa desconfiança, tu não confia nas pessoa, nas coisa, em ti. Aí a cura não vem. É como eu sempre digo, tem que vir com fé!

Darcy

5. QUERIDA DARCY

11 de novembro de 2023

Querida Darcy,

Estamos aqui nesse diálogo brincando de nos traduzir e nos acusar. Estou de acordo em ultrapassarmos essa rixa, muito mais travada por mim do que por ti. Reconheço que me falta confiança, como bem disseste. E reconheço, com certa resistência, que a experiência de mundo que eu tive me

faz em algum lugar, não tão consciente, ter vergonha da minha existência cabocla. Tua carta me fez lembrar de mim criança, quando saí de Alenquer, região do baixo Amazonas, para vir morar na capital do estado, o quanto tudo era tão novo, eu era uma criança grande que nunca tinha visto um prédio, entrado num elevador... vivi várias situações de constranger meus pais por não saber as coisas da vida na cidade, e se for parar pra pensar até hoje não sei bem. Tem coisas que não entendo até hoje, como nomes das marcas das coisas, marcas de carro, marcas de roupa, de aparelhos eletrônicos, confundo tudo até hoje e me sinto um pouco ignorante por isso, é algo que eu sempre estranhei na infância, não entendia como todo mundo sabia o nome dessas coisas em Belém e até hoje tenho dificuldade pra aprender.

Lá, onde eu vivi minha primeira infância, não tinham tantas coisas fabricadas, tinham as minhocas, os muruci, as ginja, os carneiros, os porcos, as galinhas, os acarís, a bosta do cavalo, os cavalos, a poeira, as mangueiras, a ateira, o rio Surubíú, isso tinha. Mas saber dessas coisas não teve muito valor entre o povo da cidade, então acho que a sensação de ser ignorante, jeca, bicho mato, “bocó do lago” como diz a minha família, vem daí. Te agradeço por me revelar isso, Darcy, porque não é assim que eu quero continuar me sentindo, uma ignorante. Quero ter orgulho da minha caboquísse. E por isso aqui te escrevo. Assim como fez Glória Anzaldúa, escritora filha de mexicanos nascidos nos EUA, estudiosa da teoria cultural Chicana, como assim ela se declarava. Dizia “Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você” (2000). Sei que é contraditório dizer isso, mas é que ao mesmo tempo me orgulho sim de minhas origens, de meu modo de ser amazônida, de ser mulher, paraense, de saber de coisas que as pessoas da cidade não sabem, porque nunca viveram. Não sabem viver sem luz à noite, não sabem dormir no mato sem reclamar de carapanã, não sabem comer peixe, não sabem que não se pisa em folha seca no mato (esconde cobra), não sabem que não se entra em água nenhuma depois das 18h, tem um monte de coisa que gente da cidade não sabe. Também são ignorantes. Ser caboquinha, portanto, também é ser entendida

das coisas. Dito isto, Darcy, aqui me despeço dessa conversa, já que agora estamos entendidas.

Sem rancores,

Ana

As escrituras produzidas em forma de cartas se propõem a atravessar a distância entre a realidade e a ficção, entre o inconsciente e a consciência, tangenciando a linguagem do Metateatro. Por via de regra, o metateatro é aquele que se propõe revelar-se como teatro, lembrando ao espectador a todo momento os bastidores da construção da própria cena, “*o metateatro pode ser compreendido como matriz de teatralidade por devolver a arte teatral ao terreno das convenções dramáticas, por fazer dessas convenções objeto de reflexão do próprio teatro.*” (PASCOALATI, 2008). Na correspondência entre Darcy e Ana, a personagem ganha autonomia para refletir sobre sua própria existência e o que esta existência representa na vida da atriz, é a cena que trata sobre a cena, campo da metalinguagem no teatro.

Além da metalinguagem, a correspondência entre atriz e personagem revela ainda o elemento de *autoficção* presente nesta escrita, pois não é apenas o teatro falando sobre o teatro, mas também misturando conteúdos reais com ficcionais, histórias de vida da atriz que se entrelaçam às narrativas da personagem, impossibilitando ao leitor e espectador de identificar onde começa ou termina a ficção e a realidade.

É certo que, como afirma Ricardo Lima, todo teatro é real e fictício ao mesmo tempo, de forma indistinguível, sendo esta a duplicidade do pacto de referencialidade no teatro (2017, pg. 108), porém, um teatro *autoficcional* é aquele que congrega aspectos autobiográficos em sua dramaturgia, isto é, realçando a tensão entre realidade e ficcionalidade. Por outro lado, a *autoficção* não se resume à autobiografia por não ser um relato retrospectivo, mas sim uma escrita do tempo presente (FAEDRICH, 2014).

A pesquisadora Wlad Lima trabalha com o termo *Dramaturgia pessoal do ator* (2004), ao tratar da encenação que faz uso das experiências de vida e memórias do ator e da atriz como principal matéria de criação da cena, o conceito se encaixa perfeitamente à dinâmica de cena aqui proposta, porém, como o exercício da disciplina está pautado na escritura em formato de cartas convoco também o termo *autoficção*, que surge na

literatura em 1977 com Serge Doubrovsky, e traduz a dinâmica teatral e literária que se estabeleceu na disciplina Atos de Escrita a partir da correspondência das cartas entre atriz e personagem, onde memória e criação se entrecruzam. Ana Maria de Bulhões-Carvalho afirma que

Esse modo literário de reconstituição das memórias pessoais pertence ao campo livre da criação e portanto, como diz Serge Doubrovsky (o criador da expressão): “se eu tento me lembrar, eu me reinvento... sou um ser fictício...” [1989: 212]. (2018, pg. 2).

Desta forma, o exercício artístico tem não apenas revelado as experiências pessoais vividas pela atriz, mas servido para transformá-las, a partir de uma dinâmica de observação de si, que produz mudança a partir da prática artística. Darcy ao problematizar as condutas de Ana traz à tona ideias força da pesquisa em curso, mas também funciona como catalisador de um processo de autoanálise, tomada de consciência e desejo de mudança da atriz. A correspondência entre atriz e personagem, busca, portanto, não apenas versar sobre o tema da cura por meio das artes, mas também de produzi-la durante o processo de pesquisa. Esta afirmação se sustenta em noções da psicologia analítica e para compreender os princípios que conduzem este trabalho se faz necessário o entendimento desta base conceitual.

Sigmund Freud, no início do séc. XX, interessado nas artes, afirmou que o inconsciente se manifesta por meio de imagens, transmitindo significados mais diretamente do que as palavras, simbolizando o inconsciente na produção artística. Mas, foi Carl Gustav Jung que inseriu a expressão artística em consultório, acreditando que a simbolização do inconsciente individual e do inconsciente coletivo ocorre na arte. Utilizou a linguagem artística como forma de tratamento pedindo aos clientes que desenhasssem imagens de sentimentos, sonhos, situações conflituosas, ou de forma livre. Jung acreditava que a criatividade tem uma função psíquica natural estruturante. Assim, priorizava a expressão artística e a verbal como componentes de cura, considerando que a atividade plástica e a criatividade são funções inatas que contribuem na evolução da personalidade e estruturação do pensamento. Para Jung,

uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos inconsciente pessoal. Este porém repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos inconsciente coletivo. (2002, p.15)

A psicologia analítica Junguiana aqui pontuada contribui na análise desta prática artística *metateatral autoficcional*, ao tratar sobre os símbolos que emergem do inconsciente pessoal e coletivo, considerando que o inconsciente pessoal estaria ligado às memórias individuais de cada pessoa, principalmente, aquelas ocorridas na primeira infância, mas que o comportamento humano também é suscetível a forças externas que estão além de seu controle pessoal, pois são oriundas do inconsciente coletivo. Este território misterioso chamado inconsciente coletivo é povoado por padrões compreendidos como arquétipos.

O arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta. (JUNG, 2000, p. 17).

O termo arquétipo pode ser interpretado como tipos psicológicos, formas complexas que estão presentes em diferentes culturas e que influenciam nossos comportamentos, sentimentos, desejos, pensamentos, nossa forma de ver o mundo. São experiências que viram padrões reconhecidos no mundo todo por diferentes sociedades, ao longo do tempo, criando assim um conhecimento universal a respeito de determinados temas.

É a partir desta interpretação do trabalho de C. G. Jung, no campo das artes visuais aqui traduzido para a expressão cênica, que considero a existência da personagem Bufa Darcy a transmutação em forma de arte teatral de conteúdos arquetípicos que emergem do inconsciente coletivo e do inconsciente pessoal da atriz. Darcy, por vezes, se expressa como a figura do *Trikster*, com sua insensatez, humor, astúcia; em outros momentos, surge como a *Velha sábia*, com seus ensinamentos, ou mesmo revela-se como expressão da *Sombra*, trazendo aspectos de meu inconsciente pessoal enquanto atriz que não são reconhecidos ou aceitos por mim.

Jung afirmava que “*O encontro consigo mesmo significa, antes de mais nada, o encontro com a própria sombra*” (2002, p. 31). Este arquétipo, *sombra* representa todos aqueles elementos não integrados na personalidade, e que por isso se alojam no inconsciente. São defeitos, ou mesmo qualidades, que o indivíduo não reconhece que possui. Estas características habitam a sombra por serem negadas, consideradas inaceitáveis ou desconhecidas pelo indivíduo, muito frequentemente, são questões que atrapalham a vida da pessoa que se recusa a tomar consciência, aceitá-las e assim buscar uma transformação.

A prática teatral com Darcy, em sala de aula na pós-graduação em Artes, tem desencadeado uma série de sentimentos e pensamentos, produzindo verdadeiras transformações pessoais em mim. Acredito que isto ocorre porque o exercício de atuar como Bufo Darcy põe um componente da psicologia analítica em funcionamento: a livre expressão artística; e o exercício de escrever sobre, proposto pela disciplina Atos de escritura, põe o segundo componente em ação: a expressão verbal, criando assim uma dinâmica para elaboração dos conteúdos que surgem da experimentação cênica. Desta forma, a dinâmica estabelecida permite que minhas memórias de vida possam ser recontadas, recriadas, ressignificadas e permite também que determinados conteúdos inconscientes nocivos, como forças autodestrutivas, possam emergir através da arte e alcançar novas camadas de consciência, contribuindo, então, para o equilíbrio psíquico do ser.

É importante pontuar que, neste trabalho, não há intenção de tratar a expressão artística como ferramenta dentro do campo terapêutico, mas sim de observar a potência de cura que o campo das artes pode oferecer.

REFERÊNCIAS

BULHÕES-CARVALHO, Ana Maria de. **A autoficção no teatro contemporâneo: um exemplo argentino (Nunca estuvisste tan adorable, de Javier Daulte)**. Programa de Pós-Graduação em Teatro – UNIRIO, 2018.

JUNG, Carl.Gustav. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luiza Appy e Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2002, 2ª ed.

LIMA, Ricardo Augusto de. **Relações entre autoficção e metateatro: um exemplo na dramaturgia brasileira**. Universidade Estadual de Londrina, Brasil. Impossibilita. Revista Internacional de Estudios Literarios, Nº 13, páginas 106-130, 2017

LIMA, Wladilene de Sousa. **Dramaturgia pessoal do ator: a história de vida no processo de criação de Hamlet - um extrato de nós com o Grupo Cuíra, em Belém do Pará**. 2004. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, UFBA, 2004.

PASCOLATI, Sonia Aparecida Vido. **Metateatro: inscrição do espetáculo no texto dramático**. XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências, USP – São Paulo, Brasil, 2008.

PHILIPPINI, Ângela. **Universo Junguiano e Arteterapia**. Coleção de Revistas de Arteterapia. Volume II “Imagens da Transformação” – Pomar – 1995.

SERBENA, Carlos Augusto. **Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica.** Diálogos (Im)Pertinentes - Dossiê Inconsciente. Revista da Abordagem Gestáltica. vol.16 no.1 Goiânia jun. 2010.

REZENDE, Jamily Nacur. **A inscrição do movimento artístico surrealista interrogando a escrita de Lacan.** Reverso. Belo Horizonte. Ano 33; n. 61; p. 67 – 74, 2011.

ENTRE PRÁTICAS E PROCESSOS CRIATIVOS

Bárbara Trindade Freire⁵

Neste ato de escritura escrevo definindo-me artista, artista-professor que afeta outras pessoas pela arte, artista-professora e pesquisadora que estuda os próprios processos de criação, ensino e aprendizagem e nesse trânsito entre criação, ensino e pesquisa vou lavrando o meu lugar de fala.

Comecei a fotografar em 1995 e, no ano seguinte, passei a cursar a Licenciatura em Educação Artística – Habilitação Artes Plásticas na Universidade Federal do Pará (UFPA). Passei então no vestibular, no ano de 1996, o que me possibilitou lecionar justamente na Fundação Curro Velho algum tempo depois, ocasionando grandes transformações em relação à segurança e paixão pela fotografia. Dessa forma, pude realizar alguns de meus desejos e redescobrir minhas potencialidades no processo de criação artística e, assim, fui amadurecendo e caminhando para uma vida profissional mais efetiva na arte.

Como professora de Arte da Educação Básica do Centro de Educação de Jovens e Adultos Professor Luiz Octávio Pereira (CEEJA), vinculado à Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC), e professora da disciplina Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Escola Superior Madre Celeste (ESMAC), em 2016, criei o **Laboratório de Sensibilização: nos saberes da Arte para o ensino personalizado**, onde venho desenvolvendo um método de ensino em que os atos de criar e de conhecer são indissociáveis.

A pesquisa **Laboratório de Sensibilização nos Saberes da Arte para o Ensino Personalizado**⁶, tendo como objeto de estudo e campo de observação a experimentação de métodos, visa contribuir com os processos de ensino e aprendizagem de jovens e adultos e, neste sentido, aponto alguns caminhos que venho experimentando no meu trabalho como educadora de Arte, traduzidos em ações de troca com o sujeito que contracenou (o aluno), pela

⁵ Licenciada em Educação Artística – Habilitação em Artes Plásticas (UFPA, 2001). Especialista em Ensino das Artes na Educação Básica (UEPA, 2005). Atualmente cursa o Mestrado Profissional em Artes (PROFARTES/UFPA, 2023). bfmestrado23@gmail.com

⁶ Título provisório da dissertação de mestrado, orientada pela professora doutora Janice Shirley Souza Lima, em curso no Programa de Mestrado Profissional em Artes (PROFARTES/UFPA).

via do sensível, ao destacar aspectos como: a intuição, a emoção, a criação, a percepção de vida e a sensibilidade natural de cada um.

A Arte ensina que é possível transformar continuamente nossa existência e, neste contexto, escolhi o Programa de Mestrado em Artes (PROFARTES), associado à Universidade Federal do Pará (UFPA), especificamente na linha de pesquisa “Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes”. Deste modo, o **Laboratório de Sensibilização: nos saberes da Arte para o ensino personalizado** tornou-se o centro gerador de minha pesquisa, um espaço e um instrumento de flexibilização e motivação em que o criar e o conhecer são indissociáveis, sendo condições fundamentais para aprender, conhecer, analisar e experimentar.

O cerne desse projeto de laboratório é o ato de transver o conhecimento que sustenta os Componentes Curriculares de Arte, ampliando as perspectivas para que o estudante tenha uma melhor compreensão da arte e de suas relações com o mundo, de modo que a imaginação, a criação e a experiência estética também façam parte da sua formação. É neste sentido que me aproprio da palavra transver criada pelo poeta Manoel de Barros, cujo significado encontra-se neste verso “o olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê” (Barros, 1996, p.75).

Neste sentido, o projeto está relacionado ao estudo prático-reflexivo pertencente à minha atuação como docente no ensino da Arte e aos meus processos de criação como artista-professora, nos quais venho atuando e desenvolvendo experiências para colaborar e fortalecer a formação dos alunos no ensino de jovens e adultos atendidos no CEEJA-Belém.

O CEEJA tem como objetivo atender, de forma efetiva, adolescentes e adultos que, na idade própria, não conseguiram escolarização regular, além de dar início ou prosseguimento aos estudos atendendo às suas características próprias e fazendo uso de uma metodologia caracterizada como Ensino Personalizado, cujo material didático impresso é elaborado pelos docentes conforme as necessidades apresentadas pelos alunos que ingressam ou que pretendem estudar por meio dessa metodologia.

A metodologia é vista não apenas como “chance renovada de escolarização”, mas também como processo de educação dotada de conteúdos e métodos que atendam aos objetivos de desenvolvimento cultural, de ampliação de experiências, vivências e aquisição de habilidades.

Segundo Albuquerque

[...] ao considerar as práticas docentes que dialoguem com as perspectivas, as individualidades, as diferentes culturas e vivências dos alunos da EJA, é que o ensino personalizado se apresenta como uma proposta pedagógica centrada no aluno como protagonista da sua aprendizagem. (Albuquerque, 2003, p. 11).

De acordo com esse entendimento, a personalização exerce no aluno um trabalho próprio de conscientização em que seus desejos interiores e a necessidade de agir para alcançar seus objetivos são estimulados na busca de sua autonomia.

Escolhi o método cartográfico para realizar esta pesquisa porque, por meio dela, posso estabelecer as minhas reflexões sobre os processos à medida que construo pressupostos em poéticas visuais, fazendo um recorte nas minhas experiências, ao descrever e refletir sobre a minha atuação no Laboratório de sensibilização nos saberes da arte, buscando entender como ocorrem as transformações nos processos de ensino aprendizagem no CEEJA-Belém.

Eu criei um método de acompanhamento dos alunos em 2016, quando fiz as primeiras experimentações, tanto no Ensino Superior quanto na EJA, porém o recorte que estabeleço neste texto começa em 2023. Entretanto, por vezes remeterei à experiência daquele ano inicial de 2016, por ser uma memória que remete aos processos experimentais que colaboraram para sedimentar uma prática que já dura sete anos.

Desde 2023 venho estabelecendo novas ações que podem ser vivenciadas pelos meus alunos e por todo o coletivo que constrói o CEEJA – Belém. Essas ações envolvem dinâmicas que podem ser observadas nos fazeres que são propostos em minhas aulas, estabelecendo como os sujeitos podem estar inseridos de fato nessas ações. Com essa prática, eles estão sendo sensibilizados para atuarem e estabelecerem estas conexões de aprendizagem e de continuidade dos estudos para, enfim, alcançarem sua formação.

A elaboração de mapas conceituais ou de uma imagem desse lugar que permite vivenciar as linguagens artísticas, destaco uma especificidade, porque se trata do ensino personalizado. Nós docentes temos que estabelecer esses contatos de acordo com a presença e frequências dos alunos na escola, considerando os deslocamentos que eles fazem, pois alguns deles moram na capital próximo à escola, outros nem tanto. Por exemplo, temos uma aluna que vem da ilha do Maracujá, que precisa de vários tipos de transportes para chegar nesta escola que oferece o método onde ela pode fazer seu horário para assistir as aulas. Mesmo que seja um dia por semana ou uma vez a cada mês, essas intercorrências nas frequências são

percebidas, sendo necessário considerar que as elas ocorrem porque o aluno não tem condições de alugar o barco, uma vez que nem sempre a prefeitura disponibiliza o transporte para esse público.

São esses aspectos que justificam a flexibilização dos horários, das frequências dos atendimentos nas aulas, o que requer adequações na condução dos processos de ensino aprendizagem, e exige a compreensão e a disponibilidade dos professores que atendem os alunos que se caracterizam neste perfil.

A cada encontro, temos que nos reinventar para entender as peculiaridades dos alunos, exigindo que tenhamos como referências as histórias de vida de cada um, assim podemos planejar melhor os atendimentos/aulas que vamos oferecer. Assim, a cartografia desse universo de atuação dos saberes em todas as áreas do conhecimento no ensino fundamental e médio permite essa flexibilização no ato de transmitir os conteúdos para os alunos, considerando os diferentes universos que eles estão inseridos em suas vidas cotidianamente, as experiências de vida que os nossos alunos nos trazem, o que enriquece as aulas e motiva nossos fazeres como mediadores desses saberes.

O método cartográfico me possibilita, portanto, criar um mapeamento do como os docentes do CEEJA precisam atentar para essas particularidades para construir o ensino personalizado, como um método importante na estrutura que compõe a Educação no Estado.

Como definem Deleuze; Guatarri

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revestido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. (Deleuze; Guatarri, 1995, p. 22).

Quando utilizo a cartografia no desenvolvimento da pesquisa, o faço como acompanhamento para traçar os percursos práticos e poéticos que venho elaborando nas ações, de modo que possibilitem o vivenciar dos conteúdos de arte e fazê-los pensar, produzir, compreender, permitindo a expressão desse entendimento como exercício cognitivo de todos os envolvidos nas ações.

A elaboração e organização dos mapas me ajuda na apresentação dos resultados que pretendo alcançar, como as aulas teóricas, práticas, visitas monitoradas em diversos espaços onde podemos, presencialmente, entender as configurações que a Arte pode ser vista; com isso, posso mostrar não só um objeto de pesquisa, mas também, o percurso que tenho praticado, e seus desdobramentos no processo de ensino aprendizagem, fazendo relações com os conteúdos ministrados e que são necessários para a formação dos alunos que tenho atendido e conseqüentemente para minha formação como professora-artista. Assim, “Cartografar é perceber as coisas através da experiência, do deixar vir e trazer isso à Arte de maneira poética” (Moura; Hernandez, 2012, p. 3).

A pesquisa está relacionada à análise de dois aspectos: o primeiro associa-se à necessidade dessa pesquisa que é a primeira realizada na área de Arte dentro do CEEJA-BELÉM, uma vez que houve três pesquisas de mestrado que tomo como referências no desenvolvimento deste trabalho, mas que estão vinculados à área da Pedagogia: (Albuquerque, 2020); e aos processos de construção do material didático (Nunes, 2015) e (Santos, 2013).

O segundo aspecto, é que esta busca fundamentar o necessário e importante papel do Ensino Personalizado dentro da Secretária de Educação do Estado do Pará, uma vez que ainda sofremos algumas penalidades pela ausência de fundamentos que justifiquem sua necessidade.

Nesse sentido, o ensino personalizado é entendido por nós como uma forma contínua, que pode alcançar um número bem relevante de alunos em termos de formação, mas o Governo do Estado do Pará ainda insiste em criar turmas regulares dentro do ensino personalizado, embora o CEEJA-Belém já atue no modelo personalizado há mais de trinta anos. Contudo uma série de intervenções ocorreu em 2023, provocando problemas de lotação docente no início do ano letivo, e prejuízos ao alunado.

O Laboratório: Um lugar onde não somos o que somos

Em meus processos de criação artística utilizo a linguagem fotográfica para produzir ensaios autorais conectando-me com a minha subjetividade do sentir o mundo. Esse exercício de organizar em composições imagéticas, momentos de criação onde imprimir diversos elementos da linguagem visual por meio da cognição, percepção e imaginação, para criar o que chamo de **Quimeras**.

O ensaio quimeras foi realizado em meio a efervescência da década de 1990, quando vivencia-se a fotografia experimental paraense, então eu estava muito próxima dos artistas e dos fotógrafos que utilizaram da experimentação em seus trabalhos autorais.

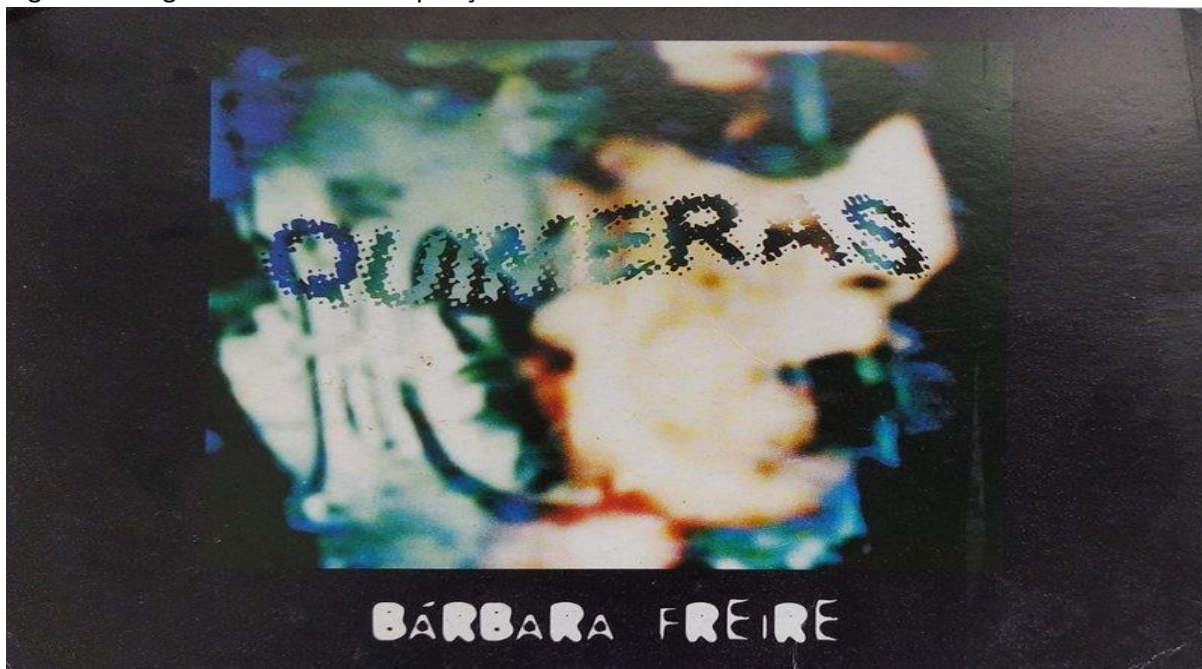
Como o grupo Caixa de Pandora e Arthur Leandro, outros artistas surgiram nesta época. A produção artística em Belém, nesse período, transitou pelo que é chamado de fotografia experimental. Foi quando participei do Salão Arte Pará, fui classificada com o ensaio fotográfico Quimeras, que me rendeu algumas premiações, participações em exposições, e publicação no importante livro Fotografia Contemporânea Paraense – Panorama 80/90 (PARÁ, 2002).

Figura 1: Conjunto de imagens relativas aos trabalhos em publicações



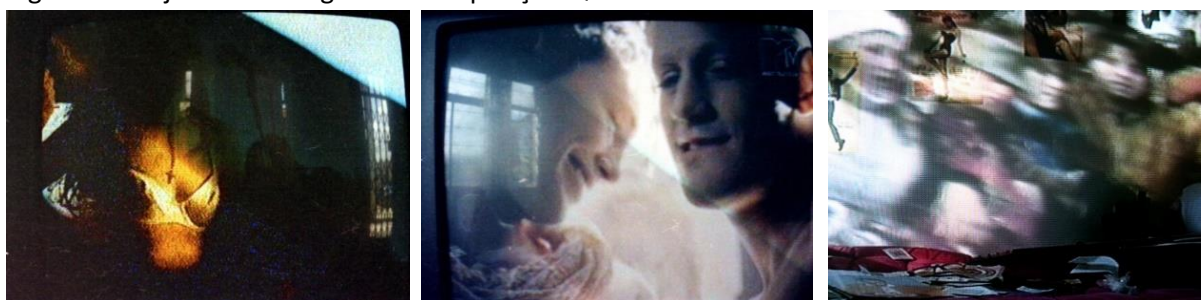
Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 2: Imagem do convite da exposição Quimeras



Acervo da pesquisadora.

Figura 3: Conjunto de fotografias da exposição Quimeras – 1997



Acervo da pesquisadora.

Tudo inicia em um rápido instante, quando percebo em cores, luz e sombras, texturas e movimentos o que quero enquadrar para compor uma imagem. Os processos técnicos são deixados em segundo plano em meu processo de criação, pois quero imprimir meus sentimentos na impulsividade do instante, ser surpreendida por diversos sentimentos, memórias, como se algo surgisse no instante que vou clicar e criar a imagem fotográfica.

Para olhar os reflexos, as sobreposições de imagens, os efeitos que construo em minha linguagem visual e expresso num íntimo universo do meu sentir, posso dizer que estou exercitado o olhar do transver o mundo real. Quando me aproprio da palavra **transver** é no intuito de resumir minhas esfuziantes sensações para produzir imagens.

A fotografia me deixa em um estado apaixonado pela minha produção artística e uma vivacidade para me envolver com a experiência que a Arte me conduz. Podemos pensar a partir das palavras, vejo que algumas palavras me motivam para pensar minha produção como Professora/Artista.

Segundo Bondía Larrosa

[...] a partir da convicção de que as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, a força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. (Larrosa, 2021, p. 20-21).

Desta forma, encontro caminhos para traduzir o que sinto, no momento da criação artística e no processo de ensino-aprendizagem, para elaborar as ações que me permitem transpor o pensamento para mediar o aprendizado nos saberes da Artes. Entre pensamentos, memórias, emoções e sensações, busco criar com poesia, música e imagens ao fazer as experimentações, dentro do Laboratório, na minha prática de ensino-aprendizagem, na minha atuação como docente de forma personalizada e coletiva, sobretudo, quando as ações começarem a acontecer efetivamente em visitas e oficinas, palestras, relatos de experiências.

“Um lugar onde não somos o que somos” vem, ainda, com o intuito de colocar uma poética de ação, em que chegamos nesse lugar, para vivermos um novo momento, um novo ser de produção, de estar se refazendo, se autoconhecendo, se construindo. É um lugar em construção onde tento falar do encontro entre pessoas que só podem **ser e viver** as suas emoções em pequenos momentos de sensibilização do seu sentir. Onde não somos o que somos, quero dizer ou mesmo enfatizar que estamos em constante aprendizado e transformações inevitáveis, visíveis ou só notadas mais tarde, mas estamos em ininterrupta construção.

Eu, enquanto mulher professora, artista e pesquisadora, quero estabelecer a construção desses novos saberes, tanto na minha relação com o aluno, quanto como produtora de arte e, agora, nesse processo de estar me revendo como artista pesquisadora. Chego nesse lugar para não ser somente o que fui, mas um novo ser que se soma com aquilo que estou propondo construir nessa pesquisa.

Novas possibilidades de ser mulher surgem a partir de seus desejos e processos de autoconhecimento. A mulher buscando expandir-se num novo momento, em que essa

professora-artista que está se fazendo pesquisadora faz conexões que estão nesse processo de feitura; e, nesse processo, chegam novas possibilidades de buscar transcender, de ir além do que já estava fazendo enquanto professora, agora, imersa em novas perspectivas enquanto mulher e artista. A pesquisadora vai me dando o respaldo, a validação do pensar, do sentir, do produzir em arte de uma forma mais coerente com aquilo que sou neste momento da minha vida.

Assim, entre pensamentos, memórias, emoções e sensações, busco criar com poesia, música e imagens ao fazer as experimentações dentro do Laboratório, na minha prática de ensino-aprendizagem, na minha atuação como docente de forma personalizada e coletiva, sobretudo, efetivamente em visitas e oficinas, palestras, relatos dessas experiências.

Figura 4: Experimentações no Laboratório.



Acervo da pesquisadora.

As imagens da figura 4 acima, são registros de uma experiência de alfabetização visual por meio de imagens, em que todos os alunos foram fotografados e sua imagem foi projetada, para que criassem o autorretrato usando a técnica de desenho e pintura com betume em papel grafite. O resultado de cada exercício foi apresentado como parte da avaliação de cada aluno, trabalhando na prática o conteúdo de cada módulo da disciplina de Arte.

Os Entremeios da Criação Artística

Os entremeios da criação podem ser imagens, palavras, poemas, pensamentos, desejos, memórias, emoções, percepções e delírios. Tudo o que constrói processos de vida e de criação na arte são pontos de reflexões e transformações do ser, um fazer-se diário e contínuo para o autoconhecimento e aplicabilidade nas relações com o outro.

Há um tempo, estou realizando transformações no ensino e aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos, por meio da Arte ao utilizar a linguagem fotográfica como instrumento pedagógico, o que propicia ao aluno a interação e registro de seu cotidiano, a fim de refletir os conteúdos ministrados de forma interdisciplinar.

A proposta é proporcionar ao aluno a ampliação das perspectivas em sua formação, no sentido de ter uma melhor compreensão do mundo e dos temas da atualidade (meio ambiente, política, educação, dentre outros). Busco, então, um entendimento da dimensão da integralização dos saberes na educação.

Em minha pesquisa, trato da importância da expressão artística como ação criadora no Ensino da Arte, em que o aluno registra suas percepções e sentimentos numa relação contínua de ensino e aprendizado entre professor-aluno em busca de diversas visões e possibilidades de desdobramento enquanto seres humanos fazedores de seus experimentos. O conhecimento pela arte potencializa nossos instintos, dando novos sentidos à realização de formação para alcançar os objetivos de vida, no âmbito pessoal ou profissional, proporcionando uma visão crítica da realidade e da sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Luciana Pereira *et al.* **Práticas docentes na educação de jovens e adultos no ensino personalizado**: vivências do Centro de Educação de Jovens e Adultos Prof. Luiz Octávio Pereira—CEEJA/Belém. 2020. (E-book)
- BARROS, Manoel. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- BONDIA LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, 2002, p. 20-28.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. v. 1. São Paulo, SP: Editora 34, 1995.
- MOURA, Carla Borin; HERNANDEZ, Adriane. **Cartografia como Método de Pesquisa em Arte**. XI Seminário de História da Arte, n. 2, 2012.
- NUNES, Graceli da Silva et al. **Proposta de material didático para alunos da EJA do ensino personalizado – nível fundamental – em uma escola pública de Belém - Módulo I**. Dissertação de Mestrado. Belém/PA: UFPA, 2015.
- SECULT. Secretaria de Estado da Cultura. **Fotografia contemporânea paraense: panorama 80/90**. Belém, PA: SECULT, 2002, p.12-13.
- SANTOS, Izabel Conceição Nascimento Costa dos. **Tecnologias de Ensino na Educação de Jovens e Adultos**: O Ensino Personalizado no Centro de Estudos de Educação de Jovens e Adultos Prof. Luís Octávio Pereira – CES. Dissertação de Mestrado. Belém/PA: PPGE; UEPA, 2013.

**CENAS AO MAR:
CORRESPONDÊNCIAS IMAGINÁRIAS COM A PRIMEIRA
DRAMATURGA DO MUNDO.**

Bárbara Gibson⁷
Bene Martins⁸

Cara Primeira Dramaturga do Mundo

Escrevo-lhe essa carta
tal como uma naufraga que,
munida de tinta e papel,
resolve registrar seus pensamentos
e depositá-los numa pequena garrafa empoeirada,
a fim de lançá-la na imensidão do mar,
na esperança de que a pessoa certa a encontre um dia.

O mar, entre nós,
representa os séculos
que nos separam.
Não sei em que direção
devo lançar minha pequena garrafa,
pois não sei a sua direção.

⁷ Atriz, dramaturga, diretora e professora de teatro. Doutoranda em Artes pela UFPA (2023-2027), Mestra em Artes pela UFPA (2022) e Especialista em Teatro-Educação pela Faculdade Paulista de Artes (2016). Integra o Projeto de Pesquisa Memórias da dramaturgia amazônida: construção de acervo dramaturgico, coordenado pela Profa. Dra. Bene Martins, com quem organizou as coletâneas *Jovens Dramaturgos(as) Amazônidas*, volumes 1-2-3. E-mail: babigibson@hotmail.com

⁸ Professora associada da Faculdade de Dança e do Programa de Pós-graduação em Artes (PPGARTES), da Universidade Federal do Pará. Mestrado em Letras: Linguística e Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará (1997), doutorado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004). Pós-doutorado em Estudos de Teatro, 2016, Universidade de Lisboa-PT, realizado com apoio UFPA-CAPES. Coordenadora do Projetos de Pesquisa: *Memórias da dramaturgia amazônida: construção do acervo dramaturgico. Dramaturgias da dança e estudos do corpo*, 2022, e do projeto de extensão: Acervo de críticas cinematográficas. In: Coleção Memórias da cinefilia amazônida. E-mail: behneafonso@gmail.com

Contudo, acredito veementemente
que você receberá minhas palavras escritas,
porquanto um fio condutor mágico
nos conecta através do tempo e do espaço,
interligando nossas histórias.

Somos da mesma linhagem.
Brincamos na mesma roda.
Eu consigo ouvir, bem baixinho,
o barulho das ondas que lavam os seus pés.
Sim.
Você receberá minhas palavras escritas.

O mais sensato seria começar pelo básico (*qual seu nome?*), mas não consigo controlar a euforia de estar, de alguma forma, na sua presença, então gostaria de partir imediatamente para as perguntas principais:

Como você decidiu transformar o mundo que lhe rodeia em peças de teatro?

O que lhe fez decidir registrar seus pensamentos em diálogos e rubricas?

Por que você escolheu a escrita teatral?

Ou você sente que a escrita teatral lhe escolheu?

Confesso-lhe, minha senhora (*moça? menina?*), que, por vezes, sinto que forças desconhecidas me designaram o caminho da dramaturgia. Confesso-lhe, também, que minha primeira recordação de infância é a força do vento que batia em meu rosto enquanto eu me movimentava livremente num palco qualquer. Não lembro de nada que tenha vindo antes do teatro. Não consigo imaginar uma realidade em que o teatro não estivesse em tudo.

Você também se sente assim?

O teatro sempre ocupou todos os espaços da sua vida?

*E aquele vento, o vento que ainda bate no meu rosto,
foi gerado por suas mãos que bailam no papel?*

Quando criança, estudei num colégio religioso. Certa vez, a professora de português pediu para que a turma apresentasse trechos da biografia de Maria de Nazaré. No meu rico imaginário infantil, o momento em que o Anjo Gabriel visita a mãe de Jesus era tão mágico que merecia ser representado no palco.

- Professora, meu grupo pode apresentar uma cena?
- Uma cena?
- Sim, de teatro! A Carla quer interpretar Maria. A Lis pode interpretar o anjo.
- E você?
- Eu quero escrever.

E escrevi, sabe? A professora gostou, então me estimulou a escrever mais. Em pouco tempo, já tinha em mãos uma pequena peça. A minha *primeira* peça. Apresentamos para turma e depois, a convite da coordenadora, para o colégio inteiro. Assim, naquela sala de aula, encorajada por uma mulher que enxergou algum potencial em mim, dei meu primeiro passo como dramaturga. Nunca esqueci.

E o seu primeiro passo?

Também foi dado na escola?

Você pôde frequentar uma escola?

Não tenho informações sobre sua vida, contudo, caso você tenha nascido no Brasil antes século XIX, por lei, seus aprendizados provavelmente ficaram restritos à costura, ao bordado, às boas maneiras e ao ensino religioso. Na calada da noite, quando todos estavam dormindo, talvez você também tenha escrito uma peça sobre Maria.

Permitiram apresentá-la para o mundo?

Ou mandaram parar de besteira?

Mandaram largar o lápis?

Mandaram limpar a casa?

Um dia desses pesquisei quem foi (oficialmente) a primeira brasileira a ler e escrever. Descobri o nome de **Catarina Paraguaçu**, uma indígena tupinambá que desafiou as leis vigentes na época e redigiu uma carta para o padre Manoel de Nóbrega, em 1561. Porém, foi só em meados de 1800 que as mulheres conquistaram o direito de frequentar o ensino fundamental no país. Faculdade? Só no final do século XIX, se os pais ou maridos consentissem. Por muito tempo, as matérias escolares permaneceram restritas e a única profissão encorajada foi o magistério. O preferível *mesmo* era ficar em casa, cuidando apenas do marido e dos filhos.

Não importa onde você nasceu,
minha cara dramaturga.
Brasil, França, Marrocos
ou qualquer outro local.
Espero que, assim como Catarina Paraguaçu,
você tenha subvertido as normas do seu país
e não tenha ficado em casa,
cuidando apenas do marido e dos filhos.

~~Minha intuição me diz que você não ficou.~~

Penso muito sobre a evolução da condição feminina no decorrer dos séculos. Uma das minhas autoras favoritas, **Simone Beauvoir**, escreveu que, para os filósofos, a mulher não passa de um homem imperfeito (2008). Segundo ela, o gênero feminino é definido como **o outro**. Enquanto os homens são essenciais, as mulheres são incidentais; enquanto os homens são sujeitos, as mulheres são objetos; enquanto os homens são o que decretam ser, as mulheres são o que lhes é decretado. Seguindo essa linha de pensamento, uma dramaturga, para muitos, nada mais é que um dramaturgo imperfeito. E isso me entristece profundamente.

Entristece você também?

Enquanto os dramaturgos são *essenciais* na história da dramaturgia mundial, o surgimento das mulheres nessa vertente artística parece ter sido incidental, casual,

fortuito. Enquanto os dramaturgos são sujeitos de suas obras e sempre puderam assinar seus nomes como autores, as mulheres, por séculos, ficaram relegadas ao papel de objetos: apareciam como personagens das tramas desenvolvidas por homens, nada mais. E isso me revolta imensamente.

Revolta você também?

Beauvoir (2008) buscou razões para a subordinação do chamado segundo gênero e conclui que, em termos biológicos e psicológicos, as mulheres **nunca** foram inferiores. Apesar disso, elas têm ocupado o segundo lugar em praticamente todas as áreas e suas histórias continuam a ser determinadas pelas percepções do *primeiro* gênero.

Revolta você também?

A filósofa explica que, até os doze anos, as meninas são tão fortes quanto os irmãos e demonstram a mesma capacidade intelectual. Porém, com o passar do tempo, são ensinadas a renunciar à autonomia, abandonando, nesse processo, suas identidades. As mulheres são condicionadas a buscar um ideal de feminilidade encarado como satisfatório pelo mundo patriarcal e, por isso, aceitam os papéis estritamente domésticos.

Revolta você também?

Uns anos atrás, li sobre uma senhora chamada **Caroline Kennard**, destaque no movimento feminista em Massachusetts, e queria lhe falar um pouco sobre ela. No ano de 1881, Kennard escreveu uma carta muitíssimo civilizada a Charles Darwin, contando que alguém do seu ciclo de amizade havia utilizado os princípios científicos esquematizados pelo biólogo britânico para garantir uma inferioridade intelectual das mulheres. A ativista, acreditando na razoabilidade do gênio, pediu que ele esclarecesse a questão.

Qual resposta você imagina que ela recebeu?

A resposta de Darwin, redigida de forma extremamente desleixada, foi a seguinte: “Certamente acredito que as mulheres, conquanto, em geral, superiores aos homens em qualidades morais, são inferiores em termos intelectuais” (SAINI, 2018, p.38). Darwin continuou: “parece-me muito difícil, a partir das leis da hereditariedade, se eu as compreendo da forma certa, que elas se tornem intelectualmente iguais ao homem” (SAINI, 2018, p.39).

Difícil de acreditar, certo? Só que piora.

Darwin disse mais. Disse que as mulheres não devem sonhar com uma vida fora do ambiente doméstico, pois, para superar a inferioridade biológica, teriam que se tornar provedoras, assim como os homens, e isso poderia prejudicar o desenvolvimento das crianças e a felicidade dos lares.

Revolta você também?

~~Ainda bem que o mundo não é feito só de Darwins e que também existem as Kennards.~~

Caroline Kennard escreveu uma tréplica, assegurando que somente nas camadas mais abastadas da sociedade era alto o número de mulheres que viviam limitadas ao lar, pois a grande maioria contribuía, tanto quanto os homens, para situação financeira das suas famílias. A diferença, afirmou ela, estava no tipo de trabalho que a classe feminina estava autorizada a realizar, já que as mulheres eram majoritariamente excluídas da educação superior e do ambiente político em pleno século XIX. A carta foi finalizada de modo extraordinário: “Deixe que o ambiente das mulheres seja semelhante ao dos homens, e com as mesmas oportunidades, antes que elas sejam julgadas – de maneira honesta – e consideradas intelectualmente inferiores a eles, por favor” (SAINI, 2018, p.41).

Você também virou fã da Sra. Kennard?

Gostaria que a Sra. Kennard tivesse conhecido Simone Beauvoir. Imagine comigo a seguinte cena: as duas sentadas num bar, conversando sobre como as mulheres podem desafiar a construção social da feminilidade e devem buscar trabalhos gratificantes, de cunho intelectual, que lhes garantissem autonomia. Concluiriam que, na presença de suas aliadas, as mulheres tornam-se mais capazes de identificar as opressões compartilhadas e fortalecem, dessa forma, a luta conjunta por libertação.

É isso que estamos fazendo, certo?

Fortalecendo a luta conjunta?

Eu, você e todas nós?

A cena ficaria ainda melhor se mais uma das minhas autoras favoritas chegasse na mesa de bar: **Virginia Woolf**. Em um dos seus ensaios mais famosos, *Um Teto Todo Seu*, Woolf relata a necessidade de um espaço próprio – literal e figurativo – para que as autoras pudessem escrever livremente. Sem isso, dificilmente conseguiriam adentrar o mercado literário, dominado pelos homens (WOOLF, 2014). Imaginemos a inglesa, sentada ao lado de Beauvoir e Kennard na mesa do bar, levantando questões que discute na sua obra: por que milhares de livros escritos por homens, com temáticas femininas, são publicados todos os anos? Por que muitos desses homens não possuem qualquer qualificação a não ser o fato de serem homens e são amplamente aclamados por isso?

Cara primeira dramaturga, alguma obra sua foi publicada?

Alguma vez, em qualquer circunstância,

você foi aclamada simplesmente por ter nascido mulher?

Woolf nos convida à seguinte reflexão: se uma mulher no início do século XX resolvesse visitar uma universidade, provavelmente não seria bem recebida. Se decidisse conhecer a biblioteca, um homem – tal como um anjo guardião – a proibiria de entrar caso não portasse uma carta de apresentação, assinada pelo pai ou marido. Então, questionaria: “por que os homens bebem vinho e as mulheres, água? Por que um sexo é

tão próspero e o outro, tão pobre? Que efeito tem a pobreza sobre a ficção? Quais as condições necessárias para a criação de uma obra de arte?” (WOOLF, 2014, p.41).

A sua carreira foi regada a água ou vinho?

Você viveu na pobreza? Na prosperidade?

Ou conseguiu encontrar prosperidade na pobreza?

Quais foram as condições necessárias

para criação da(s) sua(s) dramaturgia(s)?

Cara primeira dramaturga, você foi uma artista de teatro, porém, caso tenha nascido antes de 1630 – quando as primeiras mulheres puderam, finalmente, oficialmente, depois de séculos, atuar num espetáculo teatral, no advento da *Commedia Dell’Arte* – o seu nome artístico provavelmente não aparece em documentos históricos. Se séculos se passaram até que fosse permitido às mulheres que desempenhassem a função de atriz, outros mais demoraram para que as dramaturgas pudessem ser reconhecidas como tais.

Você foi reconhecida como tal?

Mas não se sintam só: as mulheres de qualquer ramo artístico também tiveram que aguardar séculos para receber algum tipo de reconhecimento, porquanto o discurso patriarcal fez com que a humanidade acreditasse, por muito tempo, que o dom da criação artística era, na sua essência, masculino. **Linda Nochlin** questionou “por que não houve grandes artistas mulheres?” e concluiu: não foi falta de talento; não foi falta de capacidade; foi falta de oportunidade, diante das inúmeras exclusões enfrentadas ao longo dos séculos (MCCANN, 2019).

Você não está só.

Mas... você se sente só?

Desconheço dados sobre sua vida, mas caso tenha visitado Londres no século XVII, certamente foi barrada de eventos artístico-culturais e sequer pode frequentar os cafés onde ocorriam ricas discussões literárias. Se, além de dramaturga, você também foi pintora, provavelmente não conseguiu espaço nas academias. *SE* conseguiu, teve muita

sorte; porém, suas pinturas devem ter ficado restritas aos gêneros considerados inferiores: pintura floral, natureza morta e retratos.

Revolta você também?

Se, além de dramaturga, você também se interessou por música, seu acesso à esfera pública foi dificultado imensamente. Caso tenha sido uma jovem europeia de classe média nascida no século XVIII, teve alguma sorte e pôde receber uma restrita instrução musical quando lhe foi designado o papel de dama de salão, ou seja, “de mocinhas amestradas na arte de entreter convidados da família – leia-se: dos pais ou do marido – executando ao piano delicadas pecinhas musicais, escritas expressamente com esta finalidade, por compositores profissionais do sexo masculino (SOUTO-MAIOR, 1995, p.12). Caso tenha sido uma jovem europeia de classe baixa, sinto muito, nem o papel de dama de salão foi possível.

*O papel de mocinha amestrada na arte de entreter convidados da família
revolta você também?*

Talvez você não tenha se interessado em música ou pintura, talvez tenha se dedicado estritamente ao trabalho de escritora. Porém, por muito tempo, para que as autoras recebessem o mínimo de validação, precisaram aprender a “pensar como homem” (MCCANN, 2019). Caso você tenha se recusado, deve ter sido convidada a viver à margem da sociedade. Talvez tenha sido acusada de “desviante”. Talvez tenha sido enterrada como uma indigente, e as suas obras tenham desaparecido junto com você, desconhecidas, sem terem pisado nos menores dos palcos.

Revolta você também?

Não tenho qualquer informação sobre sua vida, mas, ainda que as piores coisas possam ter acontecido – margens, desvios, indulgências, desaparecimentos – gostaria que soubesse o quanto nada foi em vão. Tudo valeu a pena. Cada sacrifício. Cada ato de coragem. Cada palavra, cada rubrica escrita. Pois, minha cara primeira dramaturga: você mudou o mundo.

Você sabia que mudou o mundo?

Sem você, eu não teria escrito aquela pequena peça sobre Maria de Nazaré no colégio. Sem você, talvez eu nem pudesse frequentar um colégio. Sem você, não teríamos:

Beauvoir. Kennard. Woolf.

Ou:

Maria Angélica Ribeiro, dramaturga nascida no Rio de Janeiro, em 1829.

Josephina Alvares de Azevedo, dramaturga nascida na Paraíba, em 1851.

Júlia Lopes de Almeida, dramaturga nascida no Rio de Janeiro, em 1862.

Maria Jacinta Trovão da Costa Campos, dramaturga nascida no Rio de Janeiro em 1906.

Rachel de Queiroz, dramaturga nascida no Ceará, em 1910.

Edy Lima, dramaturga nascida no Rio Grande do Sul, em 1924.

Maria Inez de Barros Almeida, dramaturga nascida do Rio Grande do Sul, em 1925.

Hilda Hilst, dramaturga nascida em São Paulo, em 1930.

Renata Pallottini, dramaturga nascida em São Paulo, em 1931.

Isabel Câmara, dramaturga nascida em Minas Gerais, em 1940.

Maria Adelaide Amaral, dramaturga nascida em Alfena-Portugal, em 1942.

Leilah Assumpção, dramaturga nascida em São Paulo, em 1943.

Consuelo de Castro, dramaturga nascida em Minas Gerais, em 1946.

Wlad Lima, dramaturga nascida no Pará, em 1961.

Adriana Cruz, dramaturga nascida no Pará, em 1971.

Silvia Gomez, nascida em Minas Gerais, em 1977.

Dione Carlos, dramaturga nascida no Rio de Janeiro, em 1977.

Grace Passô, dramaturga nascida em Minas Gerais, em 1980.

Paloma Franca Amorim, dramaturga nascida no Pará, em 1987.

Valéria Lima, dramaturga nascida no Pará, em 1992.

E *tantas*, tantas outras.

~~Sem você, eu não me teria.~~

Gostaria que você soubesse que as coisas melhoraram. Estão longe de serem perfeitas, mas melhoraram muito. As mulheres estão ocupando mais espaço em praticamente todas as áreas profissionais e artísticas, inclusive na dramaturgia. Ainda falam pouco sobre nós, dramaturgas, mas, não se preocupe: nós estamos falando.

Você consegue nos ouvir?

O vento que geramos com nossas mãos que bailam nos papéis lhe alcançam?

Hoje, estou falando nos palcos e na Universidade, também. Concluí meu Mestrado em Artes na Universidade Federal do Pará em 2022 e pesquisei sobre mulheres dramaturgas. Em 2023, fui aprovada no Doutorado, e continuo pesquisando sobre mulheres dramaturgas, agora com um enfoque maior no cenário do meu estado, Pará. Inclusive, estou finalizando uma disciplina chamada *Atos de Escritura*, ministrada pela Profa. Dra. Ivone Xavier e minha orientadora, Profa. Dra. Bene Martins. Ah, você adoraria conhecer a Bene! Ela é a maior referência de pesquisa dramaturgológica no Norte do Brasil e coordena o Projeto de Pesquisa *Memórias da dramaturgia amazônica: construção do acervo dramaturgológico*, no qual atuo como dramaturga e pesquisadora.

Desse acervo, inúmeras peças foram publicadas pela Editora do Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES-UFPA). A maioria dos autores teatrais contemplados ainda são homens, mas alegra-me dizer que nas quatro coletâneas intituladas Jovens Dramaturgos(as) Amazônicas, existe maior equiparidade entre os gêneros e uma grande quantidade de mulheres dramaturgas marcam presença com textos fortes, inteligentes e inspiradores.

Alegre você também?

Peço sua licença para compartilhar um exercício de escrita que fiz na disciplina, alguns meses atrás. É um diálogo com meu objeto de pesquisa, em forma de cena. Gostaria que percebesse como sou apaixonada pelo movimento que você iniciou: a dramaturgia feminina.

Obrigada.

Muito obrigada.

Aqui vai:

INTERLÚDIO CÊNICO
CENA-CARTA-CRISE

(Entram duas figuras no palco: ele e ela. Sentam-se de frete um para o outro).

ELA

O mais educado seria começar dizendo “não é você, sou eu”.

ELE

Certo.

ELA

Mas, no nosso caso, é você, sim.

ELE

Quê?

ELA

Eu não te aguento mais! Tu consomes uma enorme parte dos meus dias. Malmente me deixas descansar. Desde que te conheci, não tenho paz.

ELE

Amor...

ELA

Não, não! Não me chama de amor, não. Tu não me amas. Quem ama, liberta. Tu me sufocas.

ELE

Como eu te sufoco?

ELA

Invadindo os meus pensamentos nas horas mais inapropriadas. Eu tô trabalhando, tu estás lá. Eu tô tomando banho, tu estás lá. Eu tô dormindo, de repente *bam*, tu apareces nos meus sonhos.

ELE

Okay. Eu vou tentar dizer isso de uma forma delicada, mas, querida... Acho que tu estás obcecada por mim.

ELA

SIM! COMPLETAMENTE OBCECADA!

ELE

E como isso é culpa minha?

ELA

É que tu... és interessante *demais!*

ELE

Esse argumento não faz qualquer sentido.

ELA

Ah, *pronto*, agora eu sou a louca! A desequilibrada! A perturbada!

ELE

Eu não disse isso.

ELA

Mas tá nas entrelinhas.

ELE

E quais são as linhas?

ELA

Eu já te expliquei: Linha 1, Linha 2 e Linha 3.

ELE

Ah, verdade, eu havia me esquecido.

ELA

Viu só! Tu não prestas atenção nas coisas que eu falo.

ELE

Eu literalmente passo todos os dias te ouvindo falar.

ELA

Ah, *pronto*, agora eu sou a inconveniente! A chata! A sem noção!

ELE

Eu não disse isso.

ELA

Mas eu consigo ver nos teus olhos.

ELE

Que olhos?

ELA

Não importa! Olha aqui, essa conversa não vai nos levar a lugar nenhum.

ELE

Eu só queria entender o que mudou.

ELA

Eu mudei. Tô começando um novo capítulo da minha vida, tô conhecendo novas pessoas. Chegou a hora de transmutar. Quero explorar coisas diferentes, ter novas experiências, e se a gente continuar junto, nada disso será possível. Vou ficar na mesma.

ELE

Eu nunca te impedi de fazer nada.

ELA

Mentira! Perdi viagens, perdi amigos, perdi *anos* da minha vida desde que começamos a nos relacionar.

ELE

Mas eu também te fiz ganhar muitas coisas.

ELA

Sim, isso é inegável. Tivemos momentos incríveis juntos. Tu me ensinaste várias lições. Me fizeste ver o mundo de outra forma. Contudo, os ciclos terminam, e o nosso termina aqui.

ELE

Quem virá depois de mim?

ELA

Ainda não decidi. Só sei que quero algo bem diferente.

ELE

Ninguém vai te entender como eu.

ELA

Talvez sim, talvez não.

ELE

Ninguém vai combinar contigo como eu.

ELA

É, nós somos bem parecidos.

ELE

Ninguém vai compreender a tua história como eu.

ELA

Estamos juntos há muito tempo, né?

ELE

Sempre estivemos juntos. Lembra daquele bilhete que tu me escreveste quando tinhas oito anos?

ELA

Tu ainda guardas?

ELE

Sim. Diz assim: “Eu + você = para sempre”. Eu também guardo a carta que tu me escreveste quando acabou o curso técnico.

ELA

Jura?

ELE

Juro. Diz assim: “Não são todas as pessoas que podem afirmar ter encontrado algo que as faz sentir genuinamente realizadas. Eu posso afirmar que você me realiza. Desperta. Faz com que eu me sinta viva, indiscutivelmente viva. Jamais poderia explicar o que sinto quando estou com você. Nem quero. Explicar não é suficiente”.

ELA

Eu nem lembrava disso.

ELE

Eu lembro de tudo. Guardei tudo. Tu também escreveste uma carta para mim no final do teu Mestrado. Diz assim: “Estar aqui, nesse momento, é a realização de um sonho. Quando entrei pela primeira vez numa sala de teatro, vinte e cinco anos atrás, minha vontade era de nunca mais sair. E estar aqui, nesse momento, com você, meio que concretiza esse desejo. Eu permaneço aqui, nesse mundo de coxias, luz, fumaça, encanto. E não somente como atriz. Também como diretora. Dramaturga. Pesquisadora. Eu gosto da pesquisa que fiz, gosto muito, mas sinto que ela não é o suficiente. E, realmente, não é. Tenho que continuar. Falar sobre esses assuntos – feminismo, dramaturgas, autoras paraenses – é algo que mantém minha chama acesa, sabe? Então, espero continuar. Espero que esse seja apenas o primeiro passo, e que, daqui em diante, eu possa conhecer muitas outras dramaturgas, especialmente da Amazônia. Quero trocar experiências com elas, ler seus textos, dividir histórias. Sei lá, fazer história. Acho que estamos fazendo história”.

ELA

Aí tu pegaste pesado.

ELE

Só li tuas palavras.

ELA

Eu escrevi muitas cartas pra ti. Cartas, capítulos, dissertações.

ELE

E, agora, tu queres escrever coisas totalmente novas.

ELA
Sei lá. Tô confusa.

ELE
Eu vou respeitar tua decisão, mas acho que a nossa história só começou. E eu sou movente. Me torno algo novo todos os dias. Quem eu era na tua infância, mudou na adolescência, cresceu na vida adulta e agora tem multifaceis, interfaces.

ELA
Isso é coisa da Linha 2. Eu sou da Linha 3.

ELE
Tanto faz. Eu me adapto a todas as linhas.

ELA
Isso é verdade.

ELE
Eu sou bem inovador, também.

ELA
Super inovador.

ELE
E tem toda aquela questão da minha importância política.

ELA
Sim.

ELE
E a minha relevância acadêmica.

ELA
Sim.

ELE
E a nossa compatibilidade.

ELA
Sim.

ELE
Mas, se tu não me queres mais, tenho certeza que outra pessoa...

ELA
EU QUERO!

ELE
Ah, já?

ELA

Esquece tudo que eu disse. Foi só um breve momento de crise, afinal, serão *quatro anos*, mas, jamais conseguiria passar tanto tempo assim com outro. A paixão que eu sinto por ti não tem limites, e disseram na aula que paixão é um elemento fundamental nesse tipo de relação.

ELE

Então, continuamos juntos?

ELA

Sim, mais juntos do que nunca. Eu não consigo imaginar a minha vida sem ti.

ELE

Então, acho que essa relação aqui vai ultrapassar os quatro anos.

ELA

Sim. Acho que é pra vida toda.

ELE

Posso só te pedir uma coisa?

ELA

Claro.

ELE

Podemos mudar meu nome? Me sinto muito objetificado.

ELA

Tu és um objeto.

OBJETO

Sim, mas não tem um nome mais interessante?

PESQUISADORA

Aí já não sou eu que decido, é coisa da Universidade.

OBJETO

Tem uma professora que me chama de fenômeno, acho bacana.

PESQUISADORA

Quer que eu te chame de fenômeno, então?

OBJETO

Não sei. Tenho medo de acharem que eu sou aquele jogador de futebol dos anos 2000.

PESQUISADORA

Pensa melhor sobre isso e depois me conta, tá?

OBJETO

Tá.

PESQUISADORA

E obrigada por não desistir de mim.

OBJETO

Foste tu que não desististe de mim.

PESQUISADORA

Ah, pronto, já tá me contestando.

OBJETO

Eu nunca prometi que te traria sossego.

(Pesquisadora e Objeto dão as mãos. Que a deusa os ajude).

FIM DO INTERLÚDIO CÊNICO

Cara Primeira Dramaturga do Mundo

Finalizo essa carta
tal como uma naufraga que,
munida de tinta e papel,
chega em terra firme
e sente-se esperançosa
olhando para o futuro.

A terra firme que piso
representa a fundação
que você construiu
e da qual usufruo.
Eu e todas as outras
que decidiram seguir seu caminho.

Acredito veementemente
que você recebeu minhas palavras escritas,
porquanto um fio condutor mágico
nos conecta através do tempo e do espaço,
interligando nossas histórias.

Sempre seremos da mesma linhagem.
Sempre brincamos na mesma roda.
Eu sempre ouvirei
o barulho das ondas que lavam os seus pés
e sentirei o vento da mudança
que você gerou com suas mãos
que ainda bailam no papel.

Sempre bailarão no papel,
pois suas criações lhe eternizaram,
ainda que eu não as tenha em mãos.
Não importa.
Eu as tenho na alma.

Não sei seu nome.
Não sei onde você nasceu
Mas sei
que você mudou o mundo.

*Assinado:
uma grata dramaturga.*

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- MCCANN, Hanna (org.). **O Livro do Feminismo**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.
- SAINI, Angela. **Inferior é o Car*lhø**: Não existem meias palavras para corrigir o que foi perpetuado. A verdadeira conquista é poder contar a verdade. Rio de Janeiro: Darkside, 2018.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. **O florete e a máscara**: Josephina Alvares de Azevedo, dramaturga do século XIX. Dissertação (Mestrado) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p.241. 1995. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/76228> Acesso em: 12 mai. 2020.

O ATELIER DE SAÚDE: UM INÉDITO VIÁVEL

Trabalhar e compor com o invisível

Cleber Cajun⁹



“Loucura, embora tem lá seu método”

(William Shakespeare. **Hamlet**)

Todo artista trabalha e compõe com o invisível. Suas ideias, conceitos, ficções e verdades provisórias, mesmo que a própria materialidade seja a sua ferramenta, há no invisível uma possibilidade de criação infinita, onde se pode desenhar no ar, correr, cantar, vagabundear pensamentos, jogar feito tarrafa, tanger devagar as ideias, meter o dedo no enxame de cabas e sobrepor, explorar, revirar o que se acreditava como verdade absoluta, recriar e inventar novos momentos de pulsão de vida. Talvez seja esse o meu papel: atirar as ideias na bolsinha da baladeira em direção da própria contradição do sistema, do Sistema Único de Saúde (SUS).

A toda essa forma empírica, jocosas, plural, híbrida, aberta e inacabada que é o meu trabalho, chamo de “abracadabra gambiarra”, que seria um “fazer acontecer”

⁹ Nome artístico de Cleber Silva de Oliveira, mestrando em Artes pela Universidade Federal do Pará (UFPA), artista visual formado pela mesma universidade desde 2019, ator, palhaço, ilustrador, narrador de histórias e um dos atuais coordenadores do projeto Casa Rua da prefeitura de Belém.

baseado no repertório livre de atuação e metodologia sensível, que desenvolvi ao me lançar no desafio de aproximar arte e saúde e com muita audácia borrar essas fronteiras.

A atuação de um arte-educador está em propor um jogo de suspensão da lógica, criar a abertura da possibilidade do riso, da ternura, da descoberta, do esquecimento das dores físicas e mentais, por longos instantes, estabelecer um lugar provocativo e tornar cada participante um provocador ou apenas retornar a uma fase de audácia criativa, desconfiar das certezas e colocá-las em perspectiva sob a mesa ou no chão.

Me redescubro nessa jornada de dois mil anos trabalhando na Casa Rua. Não é apenas um superlativo ou uma metáfora exagerada, é que a experiência nos provoca uma avaliação diferente da noção de tempo. Não são apenas dias e meses vividos, são somatórias de luas e sóis, de ondas de dores batendo em nossos peitos feito rochas vulcânicas em total e constante erupção, mesmo pedindo pro universo “calma, deixa eu desassossegar um pouco”, mesmo assim, a roda viva não para, tudo move, queima e esfarela. São as duas forças da existência numa constante gira: morte-vida-morte-vida-morte-vida, sem parar! Feito Shiva dançando tecnobrega.

Encaro esse trabalho como se estivesse pulando amarelinha na beira do precipício. Seria muito romântico dizer que é uma missão de vida?

Quando eu era criança, meu sonho era ser carteiro, pois imaginava que um carteiro levaria uma carta a qualquer lugar do mundo, ou seja, eu queria viajar, entregar as cartas seria apenas o pretexto. Mas tinha algo de mágico em cartas, até hoje, não sei explicar. Uma mensagem única, preciosa, só para aquela pessoa. Escrevi cartas para alguns usuários baseado nas minhas vivências com os mesmos, vou compartilhar quatro delas aqui.

.....

Belém, 18 de março de 2023

Márcia,

Percebi que você chorou algumas vezes em cena...

(Ela que nunca teve acesso ou proximidade com a arte cênica, em qualquer nível, nenhuma proximidade aos métodos de Stanislavski, mas, nossa! Quando foi pra dançar, dançou! Na vida, ela foi o que deu pra ser. Disse, com sua voz trêmula, que preferia estar ali no palco, pois podia estar naquele momento fumando ou roubando, mas estava ali, sob as luzes da ribalta. Ao invés da luz do cachimbo de crack, era o inofensivo cachimbo do Saci, peraltando na noite sem fim).

Tu não tens medo e nem vergonha, atributo fundamental para quem faz teatro. Tu, com o teu nariz de palhaço, vences o mundo, pode tudo! Subversiva, vencedora de sei lá o que, livre do sucesso e do fracasso, sem saber, criou o circo da lona preta e inaugurou outras possibilidades de vida. Era tu ali. Na maternidade de estrelas, cada qual com o seu desejo e som, brilho e pertencimento.

.....

Belém, 28 maio de 2023

Davi,

Tens um tempo diferente em teus mansos olhos verdes. A mãe que está em profunda vulnerabilidade social, na rua ele a acompanha. Ela já ganhou concurso de beleza, mas agora, tem dor nas costas de dormir no chão.

Davi, agora, está no curso de fisioterapia com jaleco e sapato branco, que já foi roubado várias vezes. Veio com a gente compartilhar sua alegria e nossos corações se encheram de lágrimas doces. Dá algum senso de justiça inspiradora. É como riscar um isqueiro, que gira sua engrenagem e fricciona a pedra libertando o gás. Fagulhas entram em contato e explodem uma pequena chama, e esse lume feito novos vagalumes urbanos, em paralelo aos verdes da floresta, estes são vermelhos como a brasa de cigarro, flutuando no breu do céu. Essa alma queima em esperança de querer estudar, de viver mais, ter dias de sonho.

.....

Belém, 23 de agosto de 2023

Ela gosta de ser chamada de Cássia Eller. Ela usa bolsa de colostomia, após levar uma facada. Ela foi eleita rainha do carnaval, com faixa e coroa dourada de plástico. Já teve 5 filhos e alguns abortos. Gosta de cores flutuantes, música e risadas. Caiu no buraco do morcego, degradou sua vida...Está em sofrimento psíquico e canta “entra na minha casa, entra na minha vida”. Às vezes, dorme em frente ao prédio da receita federal. Ela não tem registro de nascimento. Tem medo e raiva, sua fala mistura presente, passado e outras memórias do futuro. Tem o destino de cobra errática. É uma criança adulterada, rasgada por dentro. Dizem que ela tá brincando com a vida.

.....

Belém, 11 de outubro de 2023

Oi André, Tati, Luciana, Ratinho, Ruan Carlos...

Em Belém são mais de 3 mil pessoas em situação de rua. A flecha foi lançada no espaço, na encruzilhada coloquei meu ebó, dentro da cumbuca alguns desejos, fazeduras, mitologias, sangue...muito sangue...o sangue é uma moeda espiritual. Amigos da rua, seu cheiro não me incomoda, sua linguagem me faz rir, me encanta, os abusos das dores também me cortam. Quando algum de vocês morre, eu morro. A polícia, a milícia e a tuberculose matam vocês mais do que qualquer outra coisa.

Nós vivemos no subterrâneo da vida, mofados, tristes, marcados e tudo dói. Somos carentes de tudo, mas existimos, temos um corpo com recheio de alma, que samba, alma de cerveja e patchuli, vós sois Deuses, Deus não tem uma perna, está sem dentes, Deus tem aids, Deus tem fome e nós temos nomes, somos “quase” mas na rua é nós, correria e sacanagem, alegria de fazer o gol na travinha, vocês são meus amigos.

Sabe, às vezes, durmo de forma fetal pensando em vocês. Quando ando na rua agora, depois de muito conviver, é como reencontrar velhos amigos dentro de um diamante. Vocês cabem dentro do caroço de manga chupada que é o meu coração. Essa pesquisa amigos, é pra vocês, é pra virar filme, peça de teatro, livro, é pra chegar na mão do presidente Lula, algo vai acontecer, aqui na terra ou depois dela, sinto, ainda é tarde e tardamos.

- Uma construção coletiva chamada Ateliê de Saúde



*“O sistema não teme o pobre que passa fome,
teme o pobre que sabe pensar”
(Pedro Demo)*

O atelier de saúde ainda está por se criar, se criando, ela vai crescendo e deixando de ser uma ideia, mas uma prática, um método. Sobre fazer pensar e repensar todas as problemáticas, implicações e desafios que estamos inseridos é para isso que estamos aqui, na academia, na rua, no atelier da vida.

A somatória dessas tantas experiências me assombra, me anima, me dá fôlego e lanço tantas palavras, tantas experiências de vida e morte somadas num mosaico que aqui se forma e se distorce, como um caleidoscópio que muda de forma a cada hora que mudamos de lugar, essas experiências me compõe e ensinam sobre a vida, sobre o patriarcado, sobre a malandragem da rua, sobre vidas partidas, sobre decoloniedade, sobre o nosso descaso por educação, sobre a esperança de muitos anônimos que estão no fronte, com cravos e rosas nas mãos, sobre os perdidos sem carinho e sem alimento, sobre essa camada social que teima em não ser vista, mas que está lá, queira os olhos que

condenam ver ou não, sobre todas as micropolíticas de morte do estado, sobre as possibilidades de criar um SUS possível, uma saúde mental mais decente e acolhedora.

Isso aqui é sobre trabalhadores que buscam soluções, que buscam conhecimento para ser também um agente de bem-estar social, de cumprir com seu trabalho e fazer dele a sua bandeira de luta, daqueles que se interessam pela justiça que, calejados, ainda vibram de alegria ao saber que alguém da rua está bem, que voltou pra casa, que se organizou mentalmente e agora voltou a sorrir.

Também queria falar das contradições do sistema, dos tantos outros motivos que levam alguém a ficar em situação de rua, queria tocar em feridas, e usar o bálsamo da poesia para curá-las, se caso exista cura... queria ampliar o atelier de saúde para que ele chegasse em diversas capitais, que a própria universidade apoiasse essa medida do inédito viável, da grande novidade que é poder fazer arte com saúde, na rua com essa população, e se apaixonar por uma luta que é de todos, e perceber que não é uma novidade e sim a continuidade de outros modos de fazer arte e saúde.

Talvez meu desejo seja apenas acender a lamparina dos sonhos dos outros e dos meus, a gente quer mudança e tem que fazê-las, propô-las e sê-las. O ser humano é múltiplo, não cabe uma única definição e um atelier de saúde seria este lugar, de experimentação, exploração das materialidades, das subjetividades de tudo que for interessante e brilhante.

- **Um corpo fragmentado procura cuidado**



“Só acredite no que os teus olhos vêem e os teus ouvidos escutam.

Não acredites nem no que os teus olhos vêem e os teus ouvidos escutam.

E fica sabendo que não acreditar, afinal, também é acreditar.”

*(Bertold Brecht. **Só acredite**)*

Talvez uma das maneiras mais simples de se buscar a resposta para a pergunta filosófica “o que é uma pessoa? ”, seja dizer que ela é um molde e cabe soprar dentro dela todos os sentidos de uma vida, toda a cultura, as regras, leis convenções sociais, estruturas hierárquicas, mitos, valores éticos, espirituais, mas... “o nascimento de uma alma é coisa demorada”, como cantou O Rappa (2003).

Uma pessoa é tanta coisa que não cabe às teorias antropológicas, sociológicas ou comportamentais, darem conta da totalidade que cada indivíduo, com sua narrativa, é. Então, não seria muito simplório definir um indivíduo recheado de camadas e contradições usando apenas argumentos rasos?

Digo isso para buscar desconstruir um preconceito social, em que muitas pessoas erroneamente buscam traduzir a experiência de alguém que está em situação de rua, sem considerar os complexos porquês de esses indivíduos estarem nesse lugar da vida. Não demora, para o discurso cair no senso comum, quando escutamos que estão ali por vontade própria ou apenas são o resultado de suas más escolhas, e que se “drogam porque querem”, como são vulgarmente julgados.

É nítido que, nesse caso, não há um pensamento amplo sobre as variações dos porquês de tais pessoas estarem em situação de rua, não é levado em conta toda a injustiça social e seus abismos, que tornam essa população excluída de todas as pautas públicas. Daí vem o triste adjetivo de “invisíveis”, uma vez que são negligenciadas nas discussões sobre as problemáticas da cidade, e sem receber apoio de qualquer instituição que não vê valor em tais personagens sociais, ficam sob tutela das igrejas prestarem seus serviços de caridade.

Isso, obviamente, não incluindo todas as igrejas, e nem sequer colocando o tema em xeque como política pública, mas apenas empurrando essas pessoas para a fila dos excluídos que merecem a infinita bondade daqueles que doam um trocadinho por

desencargo de consciência, enquanto barganham com Deus em suas mentes, a ideia de ter um pedaço do céu e garantindo assim sua salvação, afinal, em suas concepções já fizeram o bastante, muito mais que o Estado faria.

Em tese, cada um cria a ficção que melhor lhe convém suportar, não é verdade? Mas não, este não é o caminho que quero percorrer: o da crítica pela crítica. Aqui se pretende olhar o abismo e ser olhado de volta, e se possível, até desdizer o que foi dito anteriormente. Quem quer acreditar em mula sem cabeça fique à vontade, tem várias ao redor..., mas claro, o que não podemos é aceitar como normal toda ordem de preconceitos sobre essa população, toda a brutalidade da violência policial envolvida, porque isso não é fábula!

Também não dá pra dizer que há beleza na miséria, por mais que meu trabalho como arte educador leve a essa variante afirmação. Não, não há beleza na miséria! Mas há beleza no ser humano, no encontro de pessoas, nos olhos atentos e abertos, sentimentos e almas pulsantes que reagem à vida de várias maneiras, com seus absurdos e indignações, ora fugindo de qualquer propósito, outra vez buscando luz num louvor evangélico, deixando cair lágrimas verdadeiras de alguém que só tem aquilo, como tábua de esperança, no grande oceano da vida e suas violentas ondas.

São corpos feridos, corpos caídos... e dói, dói muito dormir ao relento, levar spray de pimenta na cara enquanto está dormindo, e ser acordado nessas circunstâncias. É curioso ver como tantas pessoas se comovem ao ver animais doméstico em situação de rua, mas quando se trata do animal humano, conseguimos seguir a vida e apenas dizer “não” quando nos pedem um trocado, afinal, provavelmente “é pra usar drogas! ”. Por que a gente faz assepsia de pessoas? Por que nos tratamos assim?

Certa vez, um usuário me disse que “não é fácil dormir no papelão careta! ”, ou seja, a busca pelo recurso das drogas não é só a busca pelo prazer, mas também encontrar o torpor necessário para aguentar a pisada forte da vida. Ninguém aguenta levar tanta porrada de “cara limpa”. São os punhos fechados da vida real que cansa. Esses corpos que, em sua maioria são pretos, vagam como planetas sem órbita e viajam pelo espaço em busca de uma estrela que os ilumine, sem perceber que são eles mesmos as estrelas. E dormem com elas em suas galáxias, explodindo num “téio” de crack.

- As estrelas da noite nos palcos da vida



*“É preciso ter caos dentro de si para gerar
uma estrela dançante”*

(Friedrich Nietzsche. Assim falou Zaratustra)

É justamente nas escuridões mais densas que podemos ver uma maior quantidade de estrelas. Essas pessoas que, de tantas formas são silenciadas, que têm seus direitos negligenciados e suas dores literalmente esgarçadas em praça pública, através da arte conseguem expressar sua voz e vida subjetiva com muita riqueza.

No palco da vida real, conduzi pessoas em situação de rua para o universo das palavras e da leitura. Nesse grupo de poetas se apresentou o “Sarau das estrelas” na última feira Pan Amazônica do Livro. O maior desafio encontrado nessa proposta, era como fazer um sarau poético, lírico, dentro de um espaço que abraça a literatura com a maioria dos atores analfabetos? Essa foi fácil de responder, (Paulo Freire ficaria orgulhoso). Simplesmente, a proeza era criar um jogo que possibilitasse a todos os envolvidos transbordar os poemas que traziam dentro de si, afinal, todos temos nossos baús de imagens poéticas, o que é preciso, muitas vezes, é fazer rodar a chave mágica e abri-lo, para isso o Teatro, para isso um arte educador no SUS, e esse é o meu trabalho há dois anos.

Tivemos poemas, declaração de amor, dançamos a música dos Racionais MC's "Vida loka", teve depoimento de quem já foi da rua e hoje se considera limpo; cortejo e ciranda, um usuário da casa, Diego, pegou o microfone e disse "sem educação, não se constrói uma nação" e todos aplaudiram, a maioria das pessoas na plateia não tinha ideia de quem éramos e da onde vínhamos, mas todos ficaram até o final.

Estavam ali no palco, naquela noite, 32 pessoas que normalmente não entrariam ou seriam convidados a participar de um evento como esse, muitos nunca tinham entrado no Hangar-Centro de Convenções. Era um deslumbre, era fantasia, a vida inteira numa noite de glória e risos. Comemos o lanche oferecido, entramos de volta no micro-ônibus que nos trouxe, e pela janela muitos beijinhos e mãos acenando tchau, agradecendo por aquele dia, por estar de nariz de palhaço, por ter vivido algo diferente, pela viagem a outros mundos na mesma cidade que, muitas vezes, os hostiliza. Era uma alegria.

Ampliar as vozes dessa população é fundamental e, por isso, foi criado dentro do enorme guarda-chuva do que é um Atelier de Saúde, o grupo "Vozes Cintilantes", um grupo de canto popular, só com mulheres. Algo inédito até então na cidade e na sua gênese. Teve a participação de Karen Tavares, cantora e funcionária da Sesma, atuante na área de "Humanização no Sus", que desde então, compomos em coletivo um repertório de variadas canções, sempre passando por canções de domínio público, de coco, de samba, de brega, louvores evangélicos, músicas de quadrilha, forró, etc.

As experiências com este grupo, em específico, sempre foram muito felizes e amistosas, uma das características era de ter uma variável participação delas, bastante volátil, algumas vinham, deixavam de vir e depois voltavam, e assim fomos percebendo que essa também é uma marca do trabalho com essa população. É muito variante a participação em ensaios seguidos, a gente até brinca com uma atitude que volta e meia acontece, de que no primeiro ensaio aparecem três, quatro pessoas e, no dia da apresentação, surgem quarenta pessoas! Sem exageros, é isso mesmo! Ao que parece, alguns gostam do improviso, sentem que se garantem em cena, pois, para quem enfrenta as agruras da rua, se expor artisticamente é mais um ato de coragem e, por que não, de habilidades ignoradas até então.

Com este grupo, já cantamos no Memorial dos Povos, na semana de Arte e Loukura, na feira do livro, no Auto de natal de 2023 e em diversos outros lugares. Para reunir esses grupos e gerar o interesse neles, usamos toda a sorte de cuidados e estratégias de boa convivência, a participação na decisão de quais serão as canções, como

será o figurino da apresentação, quem irá solar na voz, tudo isso é conversado e analisado em grupo, “não vai esquecer do lanche professor!”, essa parte é sagrada. Em junho de 2023, infelizmente, vimos partir a professora e cantora Karen Tavares, devido a um câncer, logo, o grupo quando pode fazer reverência a memória da querida que ajudou a fundar tão delicado grupo de mulheres, que segue cantando para além do tempo.

Em maio de 2023, articulamos a primeira semana de Arte e Loucura (é com “k” mesmo, para romper com alguns estigmas da palavra “loucura” e sugerir novas abordagens). Seu objetivo era oferecer uma programação artístico-terapêutica que possibilitasse uma ocupação saudável ao longo do dia, para a população em situação de rua de Belém, na expectativa de que esses usuários pudessem experienciar o afastamento do universo das drogas e criminalidade. Mas não só isso, para que eles também pudessem usufruir de um mergulho na beleza, na condição livre de estar dentro de um espaço de criação e fruição, de alargar os muros dos museus, de ser participante e cocriador de uma atmosfera que inaugurava novos desejos e talvez alguma felicidade. Os resultados foram positivos.

Em uma grande força tarefa, conseguimos a abertura do “Teatro Nazareno Tourinho”, estipulando seis dias de programação aberta ao público, iniciando às 8h e terminando às 20h, de segunda a sábado. Foram doze horas de programação diária e intensa. Nesse período, contamos com a participação voluntária de vários artistas da cidade, do teatro, da dança, professores da Universidade Federal do Pará (UFPA), organizados em uma extensa programação, que foi desde dança circular, canto coral, teatro do oprimido, karaokê, palhaçaria, futebol, aulas públicas, cinema e exposição fotográfica.

Dispomos da visita de funcionários do Ministério da Saúde, ex-secretário e atual secretário de saúde, a visita de um importante representante do teatro do oprimido de Paris e tantos outros convidados da rede de atenção psicossocial, pois também estávamos celebrando o mês da luta antimanicomial.

Dentro dessa amálgama de atividades e temas suscitados, havia a eletricidade de poder inventar algo realmente novo na história desses usuários. Poder ficar seis dias dentro de um teatro, com tanta variedade de linguagens artísticas, era de uma beleza e responsabilidade enorme, ambas se abraçando e se beijando. Exibir “tempos modernos” do Chaplin e “Carandiru” de Hector Babenco, foi de uma surpresa e alegria tremenda. O público não saía do cinema improvisado, todos sentados e deitados no chão, aplaudiam e

davam generosas risadas com o drama e a comédia. E, dessa forma, tivemos relatos de que muitos deles, cansados pelo dia cheio e intenso das programações, se abstinham de usar entorpecentes.

Uma das atividades de movimentação que é muito bem aceita é a roda de tambores, realmente, há algo de muito ancestral quando se ouve um batuque, tal qual uma memória vinda de um ritual antigo que nos cobre o corpo, sacodem mãos e giram os olhos, a cabeça vibra e sai música de todos os poros, mesmo o menos musical dos seres, aquele mais esfarrapado ser, tem música dentro de si, tem cultura, tem intimidade com as harmonias criadas no som da rua, do povo da rua, na gira, no tum-tum-tum-tum que fazem o coração e o tambor junto com a maraca. É inexplicavelmente prazeroso, vez ou outra, vira um “bolôlô” sonoro, mas logo se arruma, logo a condução empírica faz a sua parte, se olhar bem, com olhos cerrados, vais ver um deus antigo brincando ali no meio.

Essa semana artístico-cultural-humanitária nos provou que é possível fazer política pública sem muitos recursos ou quase nenhum. Descobrimos que o “recurso humano” é uma força motriz que a tudo levanta e transforma, mas também é preciso dizer que não recebemos nenhuma verba extra, algum auxílio ou apoio em grande escala de nenhuma instituição, nem mesmo da prefeitura (a qual a está ligada à Casa Rua). Sabe aquela frase “sem saber que era impossível, foi lá e fez!”, e fizemos, foi por inteiro, nossa doação foi total, imagine 3 pessoas à frente de um projeto desse, apenas 3 pessoas que conduzem a gestão participativa da Casa Rua, e eu estou incluído nesse lugar. Um adendo, nenhum de nós é devidamente da área da saúde, somos uma trinca de Ases, um é formado em direito, outro em comunicação e eu, que sou formado em licenciatura em artes visuais.

Vale ressaltar, no entanto, que nosso esforço para realizar tal evento, não dispensa apoios institucionais, nosso trabalho demonstra o quanto o poder público é falho em não reconhecer e promover atividades dessa natureza a pessoas invisibilizadas. Elas têm talento, capacidade e merecem oportunidades para usufruírem de condição mais digna, mais cidadã!

A música de encerramento do evento foi “Maracatu Atômico” de Jorge Mautner na versão de Chico Science e Nação Zumbi, caiu uma chuva, e bolhas de sabão explodindo no ar completaram a beleza e alegria dos participantes nas atividades propostas. Nosso repertório de espetáculos e cenas já enche duas mãos, já criamos o “Esperança Vermelha” espetáculo apresentado no auto do círio de 2022, também tivemos “Carnamental”, feito

nas praças da bandeira e no Centro de Atenção Psicossocial infantil (CAPSi) e na Casa mental do adulto, “a Paixão de Je-SUS”, que veio na semana santa retratando a paixão de Cristo, o “Boi Magia” que é uma espécie de boi bumbá. Todos os espetáculos criados pelos próprios usuários, tendo participação na confecção dos adereços, figurinos e cenografia, os bonecos criados com paneiros de açaí fazem o maior sucesso e ajudam, como dizem eles a “passar o tempo, ocupar a mente”.

Apresentamos, ainda, o “Sarau das Estrelas”, um auto de natal “Jesus é Palestino”, o “Cortejo dos Jacarés-Bôio”, sem falar nas sessões de cinema da casa, onde todos se mobilizam para que se realizasse. Então, vai cada um contribuindo em comprar pipoca, guaraná, emprestar projetor, notebook, baixar o filme, conseguir caixa de som e, por fim, assistir a algum clássico da sétima arte, alguns filmes que muitos deles não tiveram a oportunidade de ver, mas ali, naquela tarde de quarta-feira, na Casa Rua foi possível sonhar assistindo, “Pantera Negra” ou “Cidade de Deus”.

Todas as atividades são divididas por necessidades, algumas são feitas na sala da casa, outras na praça e vamos somando uma cartela de opções que só a nossa imaginação permite e nossa criatividade é capaz de transmutar, então já trabalhamos com argila, grafite, pintura, teatro, desenho, colagem, artesanato, costura, música, fotografia, canto, escrita e educação popular.

Todo material necessário é confeccionado e montado por nós, em praça pública, em frente ao quartel do exército, de frente à escola Paes de Carvalho, os filhos dos usuários da Casa Rua gostam muito, e participam sempre quando podem das brincadeiras, das atividades lúdicas e da criação de um outro mundo menos violento, ali diante deles, sem muitos artifícios, só a realidade presente. Esse será um capítulo à parte, as crianças, todas elas já manchadas pelo tempo, arranhadas pelas chagas da sociedade, alguns já perderam o brilho infantil no olhar, aprendendo a ser adulto adulterado logo cedo, tendo que ver coisas absurdas, ficar presente em lugares violentos, que não deveriam fazer parte da vida delas. Esse é um lugar que muito nos machuca intimamente, nós os funcionários sensíveis e comprometidos com o trabalho.

O lugar especial que ocupo, atualmente, na Secretaria de Saúde (SESMA) como educador popular em uma casa que atende população em situação de rua, esse projeto que é vanguarda no Brasil, com toda sua singularidade poética e política, por estarmos na região norte do país, é prova viva de que é possível trabalhar múltiplas linguagens artísticas na área da saúde, ampliando a nossa perspectiva do conceito de saúde

expandida, que nutre o seu arcabouço ao interagir e se deixar intervir na encruza de conhecimentos científicos e experiências subjetivas.

Esse conceito é muito novo, mas muito coerente com as práticas que já acontecem na área da saúde mental. Basicamente, é trabalhar com diversas abordagens de diferentes áreas do conhecimento e usá-las na área da saúde básica, saúde familiar, para possibilitar extrair a contribuição que elas oferecem. Na prática das “tecnologias leves”, que são exatamente essas que uso no meu trabalho diário, como ter pequenas mesas, pequenos materiais que sejam práticos e rápidos, para fazer surgir um tema que pode ser abordado por todos ou só com fruição dos elementos lúdicos, pintar pra expressar, pra ser feliz, para dar vazão a emoções reprimidas, comunicar desejos e sonhos, trocar histórias e comer juntos, ter um dia de paz, que seja pelo menos algumas horas de tranquilidade.

- **Por fim, onde tudo começou...**



“Toda minh’alma é um grito e todo o meu trabalho o comentário sobre esse grito”.

(Nikos Kazantzakis. **Testemunho para el Greco**)

Apenas quando me volto ao elo misterioso que só algumas coisas raras possuem, consigo compreender o emaranhado e tortuoso caminho que me trouxe até aqui. Esse trabalho que desenvolvo hoje no espaço Casa Rua, remonta uma história de vida profissional dedicada ao trabalho com populações em situação de vulnerabilidade no Brasil.

Tudo começou em 2014. Há 10 anos, estive em São Paulo, onde trabalhei em um projeto de uma trupe de teatro que fazia intervenções na “crakolândia”, perto da estação da luz. Lá estava eu com meu palhaço que não à toa se chamava “Sonho”. Quantas metáforas, e nem fui eu mesmo quem inventou, foi o destino. Mas foi ali, em específico, que tive os primeiros contatos com o público adicto e, a partir do qual passei a me dedicar na compreensão da problemática, para melhor caminhar por essa questão social profunda que é muito próxima a mim, por também ter enfrentando essa luta em minha história familiar. Já de volta a Belém, em 2016, participei de um projeto chamado “Brinquedos de Saúde”, experiências de educação e cuidado na produção de vida, que é primo-irmão de alma do trabalho que hoje desenvolvo na Casa Rua. Essas duas experiências foram a inspiração e a base para o desenvolvimento do Ateliê de Saúde.

O ateliê é em si, um espaço para ampliar a voz, dar vida à criatividade e à subjetividade silenciada nessa população específica. No ateliê de saúde, reúnem-se os artesãos e artistas que ficam escondidos debaixo dos papelões que encobrem a dor da vulnerabilidade extrema em que se encontram. O trabalho em coletivo agencia os afetos dessa população que ganha formas artísticas diversas, que adquirem potencial pedagógico e terapêutico.

Mobilizados pelo cuidado, pela empatia e pelo acolhimento proporcionados pela equipe da Casa Rua, os usuários inventam caminhos desviantes para ocupar suas rotinas de modo mais saudável. A arte enquanto recurso, permite traduzir as contradições desse extremo do existir, em experiências ricas e plurais de teatro, dança, música, poesia e expressões populares, que reafirmam o mínimo de garantia de direitos humanos e cidadania a quem está à margem das políticas públicas.

O ateliê de saúde, em última instância garante especialmente o direito de essas pessoas existirem no mundo, como seres simbólicos e criativos que são, permitindo a invenção de novos modos de se relacionar e se organizar perante a sociedade, ou mesmo diante de suas dependências químicas e emocionais. Trata-se não só de uma redução de danos químicos, mas de uma redução de danos sociais. Possibilitar instantes de troca e

aprendizado, olhar nos olhos, redescobrir e buscar a beleza, outras belezas, até algumas que ainda nem existem.

É a alegria e a arte sendo usadas como ferramentas para existir e resistir a uma necropolítica que mortifica os corpos, que nos controla pelo medo e pelo sofrimento psíquico, que limita nossa potência de agir e reexistir. É uma revolução feita pelo afeto, um chamado verdadeiro, pois como nos ensina Nise da Silveira: “o que melhora o atendimento é o contato afetivo de uma pessoa com outra. O que cura é a alegria, o que cura é a falta de preconceito.”¹⁰

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRECHT, Bertold. **Gesammelte Gedichte**. Frankfurt: Suhrkamp, 1976. 4 volumes.

DEMO, Pedro. **Positividade: razão humana**. Campinas, SP: Papirus, 2002.

KAZANTZAKIS, Nikos. **Testamento para El Greco**. Trad. Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Artenova, s/d.

MATOS, Lucília da Silva et al. **Brinquedos De Saúde: experiência de educação e cuidado na produção de vida**. Belém – PA, Paka-Tatu, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich.. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

PAPO de Surdo e Mudo. Intérprete: O Rappa . Compositor: Xandão, Lauro Farias, Marcelo Falcão, Marcelo Lobato e Marcos Lobato . In: **O SILÊNCIO que precede o esporro**. Intérprete: O Rappa. São Paulo: WM Brasil , 2003. Faixa 5, (5:41). Disponível em: <https://youtu.be/8XWZgWyoWhg?si=uBd518ln-uNMmG13>. Acesso em: 31 jan. 2024.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. Trad. Millôr Fernandes. Porto Alegre: LP&M, 2012.

¹⁰ Nise da Silveira. Vida e obra. Exposição organizada para comemorar o centenário da psiquiatra. Centro Cultural da Saúde. Ministério da Saúde. 14 de dezembro de 2005 a 18 de março de 2006.

AINDA RESPIRAMOS

A resistência da memória e história da mulher artista em tempos de esquecimento.

Érika Silvana Almeida Mindelo¹¹



O início de um romance e, porque não dizer, de uma escrita dissertativa, requer uma apresentação, pois bem, me chamo Julietta e aqui trago minhas escritas para meu querido Dmitry, e nelas desnude-me dos acontecimentos da então pesquisa revelando meus medos, anseios e conquistas que foram descritos por meio da escrita poética, poemas e desenhos autorais. Em minhas cartas, você notará que enfatizo o termo feminino, buscando colocar as mulheres em sua identidade social e que as mulheres artistas sempre existiram, mas nem sempre foram reconhecidas ou valorizadas pela história da arte. Muitas vezes, elas enfrentaram obstáculos sociais, culturais e institucionais para se expressarem artisticamente e terem acesso à educação, aos espaços de exposição e aos círculos de influências. Por isso, venho, por meio dessas escritas, ressaltar o quanto é importante revisar a história da arte de uma perspectiva feminista, que questione os critérios de seleção, avaliação e canonização das obras de arte, e que recupere as trajetórias, as contribuições e as singularidades das mulheres artistas de diferentes épocas, lugares e estilos.

¹¹ Artista, professora e pesquisadora, mestranda em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes na Universidade Federal do Pará (PPGArtes), Graduada em Licenciatura Plena em Teatro-UFPA, Intérprete/ Criadora em Dança com ênfase em Dança Contemporânea e Sapateado Americano. (erika-sil@hotmail.com).

lembra

DE



Meu querido, por enquanto irei lhe chamar assim, tudo bem para você?

Faz quase um ano da última vez que lhe escrevi, lembra? Mas, agora as palavras serão outras, não se assuste, isso faz parte do nosso percurso, e sim, vamos juntos amadurecer, ok?

Nesse momento, traduzo minha felicidade nessas palavras, só o fato de estar iniciando o nosso novo processo me faz respirar um pouco melhor. Sim, minha respiração sempre foi um grande problema para mim, como você sabe. Durante quatro longos anos, eu deixei de respirar “normal” e passei a ter falta de ar constante, não sei explicar, é como se o meu corpo e os meus pulmões estivessem em estado de alerta e, apenas o suficiente restava-me para passar por isso, mas, agora finalmente me arrisco a soltar um Ufa! Conseguir.

Bom, estou eu aqui na etapa inicial, primeiro passo já foi dado, e a pergunta que vem é:



- E agora?

Parada não posso ficar, o amadurecimento de ideias irá se concretizar, processo dado tenho que agora caminhar.

Vejo as horas passando, confesso-lhe que tenho medo, tenho sempre que lembrar que tenho pouco tempo, 2 anos ou até menos, então, meu querido, preciso agilizar os passos. Lembra da minha respiração? Então, ainda sinto falta de ar, sei que irei me adaptar, mas não posso correr, apenas caminhar.

Nessa estrada, um concreto será feito e desfeito quantas vezes precisar; inseguranças, medos e incertezas, que nada! Mentira, estou bem despreparada. Se isso é normal? Não sei, só sei que nada sei, mas me apego a tudo que tenho para narrar.



Ah! Tenho uma coisa para lhe contar, sabe as nossas 3 mulheres que seriam pesquisadas?! Então, duas delas não estarão conosco, o motivo? É o tempo, meu

querido, ele está curto, é uma pena, não é mesmo? Mas, não fique triste, elas não estarão nesse momento do trajeto, talvez em um outro, agora vamos focar em uma delas que é tão especial quanto.

E quantas histórias essa mulher fazedora de arte tem para contar?

Já parou para pensar?! O que traz em suas memórias? Quer saber? Sente-se que irei contar-lhe através de um poema escrito por mim.

*Mulheres de teatro,
Quantas vozes ecoam por aqui
Será que somos as guerreiras da arte
Sim! Lutamos por nossas paixões em interpretar,
Cantar, dançar e personificar;*



*Eh! Mulheres da arte
Que transformam sonhos em realidade
E nos levam a lugares inimagináveis
Até mesmo memoráveis;*



*Mulheres dos palcos,
Estejam presentes,
Sejam o presente,
Agora sou eu, nós e nossas vozes,
Com muito orgulho posso dizer...*

*Sou mulher e sou artista, sou uma força da natureza,
Atuo, esculpo, pinto, canto e dança, uma musa que inspira o mundo,
Trago luz para a escuridão, a voz que ecoa pelos corredores do tempo,
Minhas memórias e histórias estão marcados em minha pele,
transcendendo em espaço e tempo;
Tenho mãos habilidosas e olhos sempre atentos,
Sou mulher artista, muitas vezes sou a rainha dos palcos, a estrela do show,*

Crio obras de arte que não duram para sempre, mas sigo em frente porque sou forte, resistente e persistente;

*Que minhas memórias inspirem sonhos, e que minhas histórias
possam tocar como uma canção,
Que minha voz continue a ecoar para todos os cantos,
E que sirva de inspiração para tantas outras que virão.*

Poema: Fala de uma Atriz

Autora: Érika Mindelo.

O nosso trabalho agora é compartilhar essas histórias e memórias para que não sejam deixadas por aí, pelos cantos, mas que sejam evidências, quase um alto relevo, e aí, topas?

E se caso alguém nos perguntar que possamos responder:

- Conheço sim, essa mulher artista tem muito a contar.

Pois é, temos muito trabalho, e vamos juntos caminhar. Nos comunicaremos muito ainda, me despeço, com um até breve.

Att. Julietta.

Quem é essa mulher ?

Mais uma Maria entre tantas outras



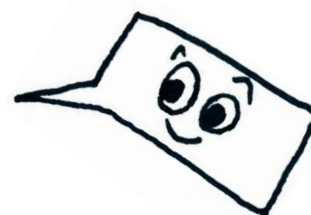
Uma insônia se encontra ao meu lado nesse momento, não consigo dormir direito, mas sei que preciso ler e escrever e é com essa insônia que irei revelar de quem iremos falar.

Maria de Nazaré que significa "senhora soberana de Nazaré", para

os cristãos ela é uma mulher conhecida mundialmente, que nasceu na cidade da Galiléia local em que viveu com seu esposo José e seu filho Jesus, a Virgem Maria,
Imagem: Atriz Yeyé Porto. Acervo pessoal da atriz. Ano: 2023.

conheces essa história, não é?! Porém, não é dessa Maria que iremos falar, isso foi apenas uma introdução para enfatizar o poder da mulher-Maria, a nossa chama-se Maria de Nazaré de Andrade Moreira Porto, conhecida como Yeyé Porto, atriz, produtora, mãe, avó, mulher, iniciou sua carreira com a atriz e diretora de teatro Wlad Lima, seguindo sua profissão com o diretor Geraldo Salles, do grupo de Teatro Experiência, trabalhou com grandes nomes das artes cênicas como Cacá de Carvalho, Amir Haddad, Adriano Barroso e suas filhas Luciana e Juliana Porto, há quase 40 anos contribui com sua arte no nosso estado, essa artista terá sua trajetória contada, então, vamos respirar fundo porque ela terá muitas histórias pra nos contar.

Falar de Maria é falar de mulher, de mãe, de esposa, esse é o nome que inspira muitas canções, poemas, pinturas e esculturas e devoções, e também falar de Maria é falar de tantas outras mulheres que estão espalhadas, como um aglomerado de estrelas no céu ou grãos de areias que ora se unem e outra se espalham, mas que, ao final, fazem suas próprias histórias, faço minhas as palavras do poeta Olavo



Bilac: “Há quem me julgue perdido, porque ando a ouvir estrelas. Só quem ama tem ouvido para ouvi-las e entendê-las”. (Bilac, 1992, p.51).

Essas Marias se identificam como: Mães, filhas, irmãs, amigas, professoras, médicas, advogadas, escritoras, cantoras, atrizes e muito outras identidades, se a Maria conhecida mundialmente é venerada como mãe de Deus, as Marias da contemporaneidade já fazem parte da história, servindo até de inspirações para todas as mulheres que buscam seus sonhos, seus direitos e sua felicidade, tornando-se prova de que o nome Maria não é apenas um nome, mas uma identidade, uma missão e uma honra.

Essa é a minha, a sua e tantas outras vozes que ecoam pelos quatros cantos, somos todas Marias, mas, acima de tudo, somos todas, mulheres!

Quando desperto todas as manhãs, sinto que é um novo recomeço, a esperança ainda me guia,

Um breve caminhar me conduz à luz do dia, passos enraizados me fazem querer ficar,

Em cada nascer do dia vou buscando e construindo o meu lugar.

Vejam, aqui estamos nós, Marias, Antônias, Joanas... E tantas outras com histórias diferentes,

Observe de perto nossas lutas e vitórias, sempre estamos na linha de frente, mas sigamos, bravamente,

Cada passo dado concentra-se uma pedra no caminho, caímos sim, mas isso nos faz amadurecer,

Eh mulheres abençoadas! Que a partir de hoje todas nós possamos ter o dom de assim fortalecer.

Faço tudo com garra e a cada dia é um recomeço...

Mas agora tenho que ir, o trabalho me chama,

Lá vou eu outra vez construir a minha trama, meu entrelace
de vida sem choro nem drama,

O que eu desejo todos os dias é que nós, mulheres sejam
firmes e fortes,

Recomeçar, portando a fé como suporte, renascendo e
crescendo mesmo com as dificuldades,

Estar ciente de que somos únicas e possuímos nossas
particularidades,

Sou mulher, e tenho meus ideais e a cada vez mais procuro
o meu lugar, se penso em desistir? Jamais!

Çairé, Alenquer, Curuçá, Monte Alegre, Cidades do norte,
sul, leste ou oeste.

Acada canto surgimos, brotando e semeando, assim somos
nós, mulheres, *te mete!*

Bem ao entardecer a luz ainda me guia, nunca é tarde para
me reinventar, criar e crescer,

Emanando sorrisos posso renascer em cada alvorecer,
porque sou caboca nata, mulher dos rios e das matas,

Lugar de solo sagrado, pois é nele que as ervas me curam,
me banham e me protegem,

Abençoada sou, então, não me subestime, quer me
conhecer? Venha, se aproxime.

Ao encontro da noite somos guiadas pela estrela do norte
e juntas somos mais fortes;

Como não se encantar com uma mulher independente?
Mas para isso temos que ser persistente,

A cada passo que damos é para frente, e diariamente
buscamos os nossos direitos,

Determinamos não mais cair e que possamos amadurecer
e a cada dia florescer,

Assim somos nós, meninas, mulheres, branca, preta,
ruiva, loira ou morena, cada vitória vale a pena;

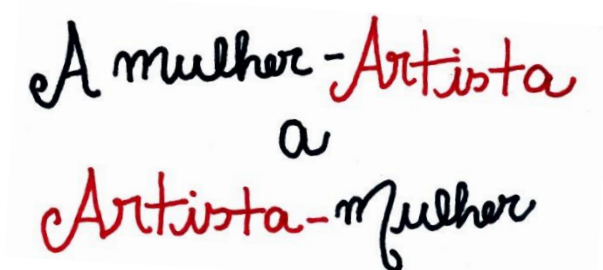
Depois de muitas lutas, nós pedimos benção e oração a
nossa grande mãe/mulher,

Incansável em sua luta por um ser grandioso que ser
tornou o seu bem mais precioso,

Acalenta nossos corações e nos cubra com teu manto de
fé, Nossa Senhora de Nazaré.

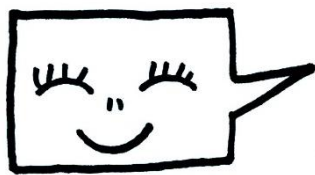
Poema: O Despertar das Flores.

Autora: Érika Mindelo.



A mulher-Artista
a
Artista-mulher

Querido Dmitry, volto para lhe informar do encontro que tive com a querida atriz Yeyé Porto, ela com sua trajetória de mulher-artista contribuirá nessa caminhada, e já queira saber que foi um encontro de muitas histórias contadas e memórias relembradas, lembranças contidas em fotos, objetos e acervos pessoais que hoje essas memórias palpáveis fazem dessa atriz um ser de história de maneira concreta. Segundo Myriam Barros:



A imagem não é senão o ponto de partida para essa viagem, para um despertar de uma memória de sentimentos e emoções. São estes, na verdade, os responsáveis pelo movimento do olhar que, selecionando, escolhe, elimina e estabelece, por fim, as melhores fotografias, aquelas mais fiéis à idéia que construímos da realidade. (Barros, 1987, p.40)

Posso dizer que foi um encontro norteador para a minha escrita, e como foi gratificante ter a certeza de que a mulher artista é uma figura inspiradora capaz de expressar suas emoções, pensamentos e ideias na sua arte, e de transmitir mensagens importantes para o mundo. Saber que a arte é um meio de comunicação universal e que a mulher artista tem o poder de usar esse tipo de comunicação para fazer a diferença no mundo, só me faz ter mais convicção sobre cada passo que estou dando, e isso se torna até mesmo um alívio para mim.

A junção das palavras "mulher" e "artista" é um modo de enfatizar a importância da presença feminina no mundo da arte, tornando-se um reconhecimento e contribuição das mulheres na arte e cultura em geral. A junção dessas palavras também é para incentivar mais mulheres a se envolverem no mundo da arte e expressarem suas ideias e emoções na e pela sua arte.

A mulher artista é um tema muito importante. A história da arte é repleta de exemplos de mulheres que desafiaram as convenções sociais e se destacaram como artistas talentosas. Desde a antiguidade, mesmo se destacando como artistas, por muitos séculos as mulheres foram excluídas do mundo da arte e tiveram que lutar para serem reconhecidas como artistas profissionais. Nesse momento, vem em mente um trecho do prefácio escrito por Lola Aronovich do livro concebido por Gerda Lerner, que estou lendo atualmente que afirma:



A história das mulheres é uma história de exclusão, de apagamento, de sabotagens, de desvalorizações. Para se atacar a luta das mulheres, que historicamente leva o nome de feminismo, é preciso que nosso protagonismo seja negado. É preciso fingir que nunca lutamos. Por isso é tão relevante conhecer a nossa história. (Aronovich, 2019, p. 22).

Portanto, há de se pensar que as artistas mulheres que se consolidaram na história e hoje ocupam lugar de destaque na arte tiveram um contexto pessoal favorável para exercer o fazer artístico. Enfatizando à arte do teatro que de fato é a área da minha escrita, trago uma fala potente de uma atriz chamada Mariana Nunes extraído do livro titulado “Explosão Feminista”, escrito por Heloísa Buarque de Holanda, mulher ativa no país quando o assunto é feminismo.



A gente vê uma cena muito presente e crescente de mulheres de teatro. Veja, nós sempre existimos, sempre estivemos aí. Mas a impressão que eu tenho é que estamos em um momento de maior união, ocupando simultaneamente os espaços. São muitos os movimentos porque são temas e necessidades que não têm mais para onde escoar. E se somos atrizes, se somos mulheres de teatro, é no teatro que a gente vai se manifestar. (Nunes, 2018. p. 158)

Eis aqui algumas das artistas femininas mais importantes do passado e do presente que incluem Louise Elisabeth Vigée Le Brun, Frida Kahlo, Yayoi Kusama, Louise Bourgeois, Georgia O'Keeffe, Marina Abramović, Cindy Sherman, e muitas outras. Essas mulheres inspiraram e continuam inspirando muitas outras a seguir seus sonhos e acreditarem em si mesmas.

Por fim, deixo abaixo um bilhete de contribuição que a atriz Yeyé Porto me enviou contando suas experiências de seu mulher-artista e artista-mulher. Me despeço aqui, fique com as palavras dessa grande atriz e grande mulher.

Ah! juntando tudo é uma bagunça, porque tem a mãe, tem a profissional porque eu ainda funcionária pública, tem a avó e a atriz. Os meus netos estão sendo criados também nesse meio, durante um ensaio de teatro os meus dois netos estavam presentes e eu estava ensaiando uma cena, e minha netinha de 4 anos disse: "Vovó, porque você está assim? Porque minha avó está assim? Depois ela parou e quando acabou ela disse: "Ah, já sei, é o personagem, né vovó." Então, eles já estão também por conta da Casa da Atriz, que também é a casa da vó, eles estão sendo criados assim.

Que não tenho como preparar as coisas, porque está tudo ligado, o teatro é a minha vida, se eu ficar mais de seis meses sem ensaiar eu vou murchando.

Obrigada querida Yéyê Porto.

Da luta ao **Luto**

Estava tudo bem, estávamos caminhando tranquilamente, com uma rotina familiar, mas um pouco acelerado porque tínhamos prazos a cumprir, até que veio a notícia, como uma sombra que atravessa a escuridão que se vê com os olhos saltados e a respiração paralisada.

Parei por um momento, meu corpo paralisou, tive a sensação de que até o presente momento que estou vivendo, parou por alguns segundos e, como de

costume, minha respiração falhou, com ato mecânico do meu corpo sentei e exclamei: “Não! Não pode ser”, tentei, sem muito sucesso, colocar minha respiração no lugar, com aquele gosto amargo na boca da notícia dada, engoli seco, respirei fundo e simplesmente, chorei. Um dos meus anjos se foi e é com essa acidez que me vem em mente as palavras de Amália Rodrigues¹².



Talvez que o anjo esquecido, o anjo da poesia, se **tenha*palavra escrita pela autora** de mim perdido sem reparar que o fazia... Por isso me faltam asas e me sobejam as penas de um desejo inalcançado: Que eu gostava de voar, até ao anjo perdido, o anjo de mim esquecido, que por mim é tão lembrado. Ai se eu tivesse voado, aonde queria voar, não estava agora a rimar versos de asas cortadas. Voava junto de si assim fico aonde me vê mesmo pregadinha ao chão com asas de papelão e sem entender porquê.
(Rodrigues, 1997, p.101).

Com os olhos ainda marejados, confidenciei minha dor a um amigo que listou algumas maneiras de lidar com o luto, segundo ele funciona, mas irei relatar 5 momentos que vivi, não entenda isso como uma regra, foram apenas meus momentos de luta.

1. Expresse seus sentimentos: chorei, falei, escrevi, desenhei, procurei qualquer outra atividade que ajudasse a liberar minhas emoções;
2. Busque apoio: contei com a ajuda de familiares e pessoas próximas que passaram por situações semelhantes, esse foi o momento de extrema importância para mim;
3. Cuide de si mesmo: Não, não me cuidei, pelo contrário, mantive uma rotina nada saudável, sem alimentação equilibrada, rotina de sono inadequado, tudo saiu do eixo;
4. Preserve a memória: guardei fotos, cartas antigas, e lembranças que fizeram sentido para mim, tornando-se um meio de lembrar da pessoa que perdi, uns dizem que esse ato não é “saudável” psicologicamente, mas me ajudará por um tempo;
E por fim...
5. Reconstrua a vida: Reconstruir a minha rotina, sim, preciso, necessito voltar, em especial para o meu projeto, isso é se tornará meu novo folego.

Dias de luta nem sempre são dias de glórias, agora temos que lutar com a dor que sentimos quando perdemos alguém que amamos. Cada pessoa vive o luto

¹² Amália da Piedade Rodrigues, atriz, cantora e fadista portuguesa.

de um modo diferente, e não há um tempo certo ou errado para superá-lo, nesse processo natural, necessário, difícil e desafiador.

Hoje, sinto que irei pousar minhas asas para poder analisar meus próximos pousos e, com isso, concluo minha escrita com os versos de Amália Rodrigues:



Pois a uns faltam-lhe asas, mas por ter asas cortadas sofrem uns e outros não? Eu tenho sofrido muito, nos meus voos ensaiados que ao querer sair do chão ficam-me os pés agarrados, e por falar dos pés com versos de pés quebrados, perdoe lá a quem os fez pelo mal dos meus pecados, só os fiz por timidez que tenho em me dirigir a quem tem por lucidez e razão para distinguir o bom e o mau português. Assim à minha maneira aqui venho responder desta forma tão ligeira que a sério não pode ser!” (Rodrigues, 1997, p. 101).

Julietta.



Domingo de Novembro, olho para fora e vejo, em questões de segundos, a tarde dando lugar para a noite, a melancolia envolve-me como abraço apertado, final de domingo, sabe como é, mas, não é um domingo qualquer, sinto que tudo em mim está acelerado.

Penso apenas em você, amado Dmitry, respiro fundo, muitas vezes a inspiração vem como pequenos fleches de luzes, sendo assim, me concentro, sento, leio e escrevo. As ideias já no papel, vou em busca de mais inspiração, e não muito longe leio sobre os entrelaces que me fizeram chegar a essa escrita, uma escrita quase compartilhada de histórias sobre nós, mulheres.

Sinto-me em um mar de inspirações desse universo tão sagrado, que me move em direções norteantes me colocando no caminho certo. Mas, também, não muito longe vejo nós, mulheres em meio a várias histórias carregadas de opressão, submetidas a violências e rebaixamentos, fadadas ao silêncio, um inspirar e expirar interrompido.

Pausa... Não consigo respirar.

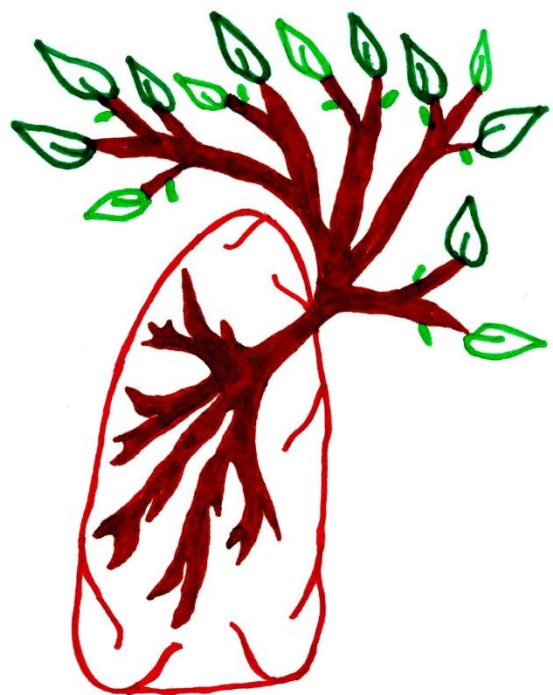
Inspiro, mas o ar não vem, tento uma, duas, três vezes e nada, para não forçar aqueles dois órgãos já frágeis, recorro ao meu aliado em que todas as vezes me “trouxe” de volta, não lembro exatamente quando comecei minhas crises, acho que mesmo antes de aprender a falar eu aprendi a usar a minha “poção mágica” ativada de bromidrato de fenoterol, para os íntimos a bombinha e aos poucos volto ao meu estado “normal”.

Dia seguinte, inicio minha rotina e você será minha prioridade, quase piso em falso por ter que acelerar, e cá estou eu novamente, sem pensar, tenho tanto afazeres (só penso em terminar). Acelero meus passos, finalmente irei finalizar os meus planos do dia, mesmo doente com leves alterações pulmonares e com o meu corpo (ainda) dando sinais de fraquezas, irei seguindo, estou me sentindo bem, não se preocupe meu querido, estarei aqui para caminharmos juntos, confesso-lhe que preciso adquirir, urgentemente, a pratica de parar e ouvir os sinais do meu corpo quando adoecer, isso seria uma prevenção de algo mais agravante e determinante contra a minha enfermidade, porém, a negligência fala mais alto.

Tenho certeza que se o meu corpo pudesse falar com palavras ele diria: *“Ei, vamos fazer uma pausa e tomar um café?”*.

E eu aqui com ansiedade, estresse, tosse, dor no peito, respirando com dificuldade diria: *“Deixa para depois”*.

Dizem que o “depois” pode ser agora, e mais do que nunca, caro Dmitry, preciso aprender sobre isso.



O ar que me falta
É o ar que me move
O ar que me falta
É o ar que me comove

O ar me inspira e expira
Me leva e eleva
O ar que me falta
É o ar que me faz sonhar

O ar que falta
É o ar que faz acordar
O ar me faz amar, chorar,
Sentir e até mesmo existir.



Poema: Somente um InspirAR
Autora: Érika Mindelo

DEPOIS disto... Insisto

Meu querido Dmitry, falar de memória da mulher-artista está sendo mais desafiador que o esperado, estou em uma inquietude para entender como a arte que é uma ferramenta de comunicação, muitas vezes, não permite que nós, mulheres-artistas tenhamos nossas histórias contadas e compartilhadas? Por que ainda insistem em nos colocar no campo da invisibilidade? Essa é minha pergunta norteadora no momento.

Ainda nos dias de hoje, mesmo depois de muitas lutas a representatividade da figura feminina é negligenciada na história da arte, a busca pela igualdade de gênero é ainda uma questão que está longe da superação.

Sei que ao falar sobre isto parece que estou batendo na mesma tecla, mas eu preciso insistir, porque falar delas também é falar de mim, entende?! Diante dessa insistência, me vem as palavras da escritora e professora Eurídice Figueiredo: “A memória, no entanto, só adquire formas através da escrita. Ao tomar a palavra, e mais do que isso, escrever essas palavras, portanto, entrar no domínio reservado aos homens.” (Figueiredo, 2013, p. 88).



Se as mulheres-artistas dos séculos passados tornaram inspiração para tantas outras, foi porque elas desafiaram as normas sociais de sua época, suas artes, seu comportamento, suas atitudes que iam além e, até mesmo, batendo de frente contra uma sociedade educacional, chegando ao ato audacioso de frequentar escolas de arte que eram exclusivas para homens, isso que eu chamo de um ato de resistência e persistência.

Sei que a importância da mulher na sociedade é inegável e que nós, mulheres temos uma grande contribuição para o desenvolvimento da humanidade em todas as áreas, desde a ciência e a tecnologia e é claro, para a arte e a cultura. No entanto, as mulheres ainda enfrentam muitos desafios e preconceitos na sociedade. É importante que a sociedade reconheça o valor das mulheres e lute pela igualdade de gênero, mas por que isso ainda é tão difícil?

É por essa desigualdade ainda latente, fruto de um passado que deixou marcas na atualidade em que a mulher era vista apenas para a reprodução e como um complemento do homem que surge a necessidade de lutar pelos direitos femininos, sendo assim, me vem em mente as palavras de Ângela Davis, ícone dos



movimentos negro, feminista e de luta pelos direitos civis que afirma:

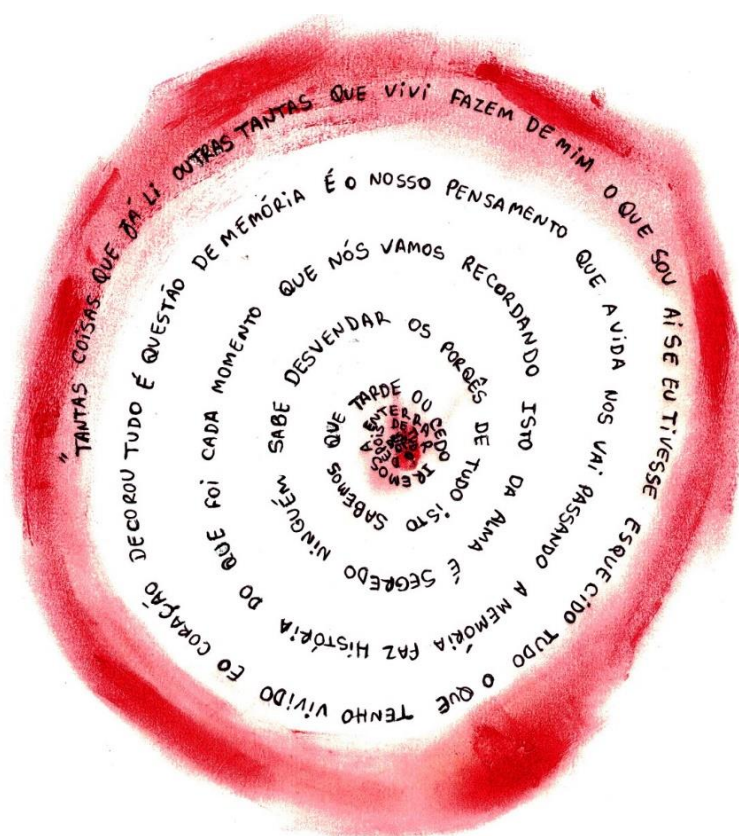
A distância histórica, no entanto, não nos exime da responsabilidade de defender e de realmente libertar quem desejava e ainda deseja dar vida para que possamos construir um mundo livre do racismo, da guerra imperialista, do sexismo, da homofobia e da exploração capitalista. (Davis, 2018, p. 90)

Não por acaso, a influência do feminismo tem crescido na sociedade, apesar do fato de muitas pessoas carregarem mitos sobre esse movimento, tal como pensar que feminismo é o contrário de machismo ou que as mulheres feministas lutam contra os homens, entre outros erros. Apesar de uma maior presença no mercado de trabalho, ainda há uma desigualdade no que se refere aos diferentes

gêneros. O salário da mulher ainda é, proporcionalmente menor do que o dos homens na sociedade atual, fator que fica ainda mais crítico quando nos referimos às mulheres negras. Nos cargos políticos, apesar de ter havido uma presidente mulher no Brasil, ainda é desigual a comparação entre mulheres e homens nos cargos executivos, legislativos e judiciários.

Desde já, peço desculpas por minhas longas palavras, por vezes, repetitivas sobre esse meu processo de escrita, mas, preciso insistir. Essas foram minhas palavras, posso dizer que é mais uma escrita/desabafo na qual esse assunto irá me nortear por alguns meses, então, querido amigo, peço-lhe paciência, para que essa escrita sobre mulheres da arte que estou construindo seja um dia (talvez) lembrada.

De uma alma insistente
Julietta.



Poema: Depois disto... Desisto.
Autora: Amália Rodrigues.

Um FÔLEGO a mais.

Precisei de fôlego para continuar a lhe escrever e, hoje, voltei para escrita, porque trabalhar e estudar não é uma tarefa fácil, mas como posso ter várias funções ao mesmo tempo, cá estou contando-lhes um terço sobre as nossas multiplicidades, em que muitas vezes, me sinto um “mulher-maravilha contemporânea”, parece meio bobo de minha parte, mas a mulher artista possui, sem dúvidas, diversas funções sociais, a mulher contemporânea tem assumido muitos papéis que antes eram desempenhados pelos homens, o que trouxe mudanças significativas não apenas para a sua rotina, mas também para seus projetos de vida. A mulher atual trabalha, estuda, cuida de si mesma, da casa e da família, na maioria das vezes, tudo ao mesmo tempo. Portanto, a vivência feminina atual é permeada por uma multiplicidade de papéis, no qual as mulheres se tornaram verdadeiras equilibristas.

Se, por um lado, as mulheres sofrem prejuízos em função do excesso de tarefas, por outro, elas se sentem felizes por ocuparem seus postos de trabalho, porém, o patriarcado ainda se mantém, como relata Lola Aronovich.



Foi, por exemplo, por meio do patriarcado que se estabeleceu que o trabalho doméstico deve ser exercido por mulheres e que não deve ser remunerado, sequer reconhecido como trabalho. Trata-se de algo visto de modo tão natural e instintivo, que muitas e muitos de nós sequer nos damos conta. Portanto, ler e falar sobre o patriarcado é desnaturalizar nossa existência. (Aronovich, 2019, p.21)

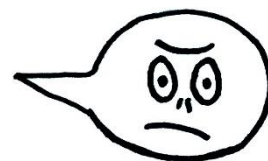
A multiplicidade de papéis da mulher é um tema importante e atual, e precisa ser exposto, lutados para conquistar o nosso espaço e sermos reconhecidas em todas as áreas da sociedade.

Somos figuras importantes em todas as fases da vida, desde a infância, o ser feminino se torna responsável por cuidar dos outros e, muitas vezes, são as principais cuidadoras da família. Em nossa adolescência, passamos por muitas mudanças físicas e emocionais e é importante que tenhamos acesso às informações e apoio para lidar com essas mudanças, mas sinto a falta de comunicar, mesmo nos dias de hoje, esse apoio é um privilégio para poucas, em nossa fase adulta enfrentamos

muitos desafios, como equilibrar a carreira, as finanças e a vida pessoal, cuidar da saúde incluindo a mental e física e é nessa fase que precisamos manter o autocontrole, até a maternidade tardia é uma opção para mulheres que trabalham e que mantêm relações estáveis com seus companheiros, reforço minhas falas com as palavras de bell hooks que exclama: “Várias mulheres aderem ao pensamento feminista, escolhem a libertação, mas são economicamente presas a homens patriarcais, de maneira que sair do relacionamento se torna difícil, senão impossível”. (hooks, 2020, p. 82). Por isso, sentimentos como medo e insegurança ainda nos consomem.



No decorrer de minhas escritas, devo ter citado que a arte tem o poder de transmitir ideias, sentimentos e emoções, no caso da mulher artista, ela tem sido uma figura importante na história da arte, apesar de ter enfrentado muitos desafios e preconceitos ao longo dos anos. A participação das mulheres na história da arte é um tema muito complexo. A hierarquia de gênero teve influência na formação e consolidação do universo artístico, e muitas mulheres foram excluídas ou marginalizadas, Gerda Lerner foi pontual ao afirmar: “As mulheres fizeram história, mesmo sendo impedidas de conhecer a própria história e de interpretar a história, seja a delas ou a dos homens.” (Lerner, 2019, p. 29). No entanto, apesar das dificuldades, muitas mulheres conseguiram se destacar e deixar sua marca na história da arte, muitas delas produziram obras incríveis, que até hoje são admiradas por pessoas de todo o mundo.



A arte produzida por mulheres é importante porque traz uma perspectiva diferente. As mulheres têm uma visão única do mundo, e isso se reflete em suas produções artísticas, quebrando estereótipos e preconceitos existentes na sociedade.

Poderia citar várias mulheres que mostraram ser resistência no contexto social, porém, irei citar duas que se tornaram grandes potências. Um exemplo de mulher que fez história é a cientista Marie Curie. Ela foi a primeira mulher a ganhar o Prêmio Nobel e é conhecida por suas contribuições para a física e a química. Outra mulher que merece destaque é a ativista Malala Yousafzai, que lutou pelos direitos das mulheres e pela educação das meninas no Paquistão, mesmo após sofrer um

atentado terrorista, um acontecimento recente, o que demonstra que a luta por reconhecimento e respeito é imensa.

Graças às lutas promovidas, conseguimos aumentar o nosso espaço nas estruturas sociais, abandonando a figura feminina de mera dona de casa e assumindo postos de trabalho, cargos importantes em empresas e estruturas hierárquicas menos submissas, que a figura da mulher seja fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, e é importante que a sociedade reconheça e trabalhe para garantir que tenhamos nossos direitos e oportunidades.

Depois dessa “aula” espero que você, querido Dmitry, se torne mais claro e objetivo em relação ao assunto que irei retratar nos próximos meses e sim, temos muito que conversar sobre o assunto, precisamos ter fôlego, porque esse assunto precisa ser exposto e não omitido, então, respire fundo e vamos lá.

Que a minha e sua respiração seja uma só.

Julietta.

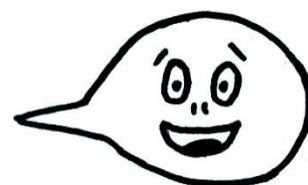
Nosso Eclipse.

E aqui, finalmente, iremos nos encontrar, o nosso tão aguardado encontro, como o sol e lua, um eclipse raro que ocorre quando a terra se interpõe entre o sol e a lua, momento esse que perdurou anos para acontecer. Segundo a astrologia, muitas pessoas associam esse momento a inseguranças e muitas delas se tornas reativas, isso se deve ao fato de que a lua simboliza o passado e a segurança emocional, assim, quando ela fica escurecida, esses aspectos podem ficar mais vulneráveis. No entanto, isso pode ser visto como algo positivo, que nos estimula a sair da zona de conforto e enfrentar os obstáculos. Essas palavras podem soar irrelevantes nesse momento, e até você pode me achar estranha, mas, como você sabe eu sou de humanas, então, tudo para mim tem um significado e por fim, um sentido.



Esse ano tornou-se desafiador para mim, foi o ano em que, finalmente, pude lhe conhecer de fato, claro, que iremos nos conhecer muito mais, porém, esses meses em que estamos nesse processo de clareza muitas coisas ocorreram, como desencadeamento de situações inesperadas e mudanças súbitas, que resultaram em transformações comportamentais, reviravoltas e descobertas bastantes significativas.

Sabe, Dmitry, estou escrevendo estas cartas para te contar como foi a minha jornada até aqui. Está sendo uma experiência intensa, desafiadora, gratificante e transformadora, estou aprendendo e crescendo muito, você sabe que eu sempre quis estar nesse lugar, sabe que eu escolhi um tema que me fascina e que tem relevância social e acadêmica: Mulher nas artes, especificamente, Teatro, relatar sobre esse assunto pelo qual posso dizer de uma memória atemporal, cada vez mais, trará inspiração e questionamentos para mim, os quais me trazem à mente as falas de Ulpiano Bezerra de Meneses: “ A elaboração da memória se dá no presente e para responder as solicitações do presente. É do presente, sim, que a rememoração recebe incentivo, tanto quanto as condições para se efetivar. ” (Meneses, 1992, p. 11).



Tenho certeza que nem tudo será fácil e tranquilo, enfrentarei dificuldades, principalmente emocionais, lidar com a pressão, com a ansiedade, com a insegurança, com a procrastinação, sem falar nos bloqueios, as crises, as dúvidas, entre outras coisas.

Saibas, de antemão que, em algum momento desse percurso, eu irei te odiar e te criticar, irei te abraçar, mas também lhe empurrar, lhe admirar e elogiar, mas, também lhe desprezar. Mas, fique ciente de que nunca irei lhe abandonar, nem lhe trair, serei fiel, honesta, dedicada e persistente, que darei o meu melhor, o meu máximo para concretizar essa escrita com amor, carinho e respeito, a partir de hoje, buscarei em você um outro olhar, talvez nas entrelinhas, nos entremeios dessa minha caminhada, porque sei que por mais que a pesquisa esteja clara para mim, isso pode impedir-me de enxergar as “camadas” que ela possui e ali tem muitas histórias para contar, não posso perder esse olhar sensível, porque essa precisão pode ocorrer em fração de segundos nem uma câmera ou um áudio pode registrar, e sim o olhar da própria pesquisadora, portanto, prometo que ficarei atenta quanto a isso.

Agora, o nosso trabalho é construir a base dessa caminhada para que, daqui a um ano eu possa dizer: “Você está pronto!”, pronto para ser defendido e quiçá publicado, querido Dmitry, finalmente irei olhar para você e observar minha obra, a minha conquista, a minha contribuição. Você será minha dissertação, o meu mestre, o meu companheiro, a minha carta, a minha história e minha memória.

Com carinho e dedicação.

Julietta.



Referências

- BARROS, Myriam Moraes Lins de, **Autoridade e Afeto: Avós, filhos e netos na família brasileira**. Tese (Doutorado)- Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Editor: Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1987.
- BILAC, Olavo. **Poesias**. H. Garnier, Livreiro-Editor. Edição definitiva. Rio de Janeiro/Paris, 1902.
- DAVIS, Ângela. **A liberdade é uma luta constante**. Organização: Frank Barat; Tradução: Heci Regina Candiani.-1. ed.- São Paulo, Boitempo, 2018.
- FIGUEIREDO, Eurídice. **Mulheres ao Espelhos: autobiografia, ficção, autoficção**. Rio de Janeiro: EdUER, 2013.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão Feminista: Arte, Cultura, Política e Universidade**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**. Políticas Arrebatadoras. Tradução: Bhuvi Libanio. 14ª ed. Rio de Janeiro: Rosas dos Tempos, 2020.
- LERNER, Gerda. **A criação do Patriarcado: História da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução: Luiza Sella. Prefácio: Lola Aronovich, São Paulo: Cultrix, 2019.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de, **A história, cativa da memória?** Para um mapeamento no campo das Ciências Sociais. Revista do Instituto de Estudos Brasileiro, São Paulo, 34:9-24, 1992.

RODRIGUES, Amália. **Versos**. 1ª edição. Cotovia- Lda. Lisboa, 1997.

**ContaÇÃO comunitária: das peles ancestrais
matrilineares amazônicas aos banhos cênicos.**

Ingrid Gomes¹³

Ivone Xavier¹⁴

Tempo de aprender

Ontem brincava de roda

O rio era sempre companheiro

Na simples casa de palha

Corta pelo terreiro.

Remava o rio dos sonhos

Da terra brotava o sabor

Sentia o vento faceiro

Dizer sonetos de amor.

O tempo contou minha história

Pintou meu cabelo com a cor

¹³ Mestranda em interfaces e epistemologia em artes pelo PPGARTES- UFPA. Especialista em Análise dos Estudos de Gênero e Feminismos na América Latina pelo GEPEM do IFCH-UFPA. Arte Educadora. Graduada em Lic. em Teatro – UFPA. Especialista em Gestão Cultural Contemporânea: Da ampliação do repertório poético a construção de equipes colaborativas pela Escola Itaú em parceria com Instituto Singularidades – SP.

¹⁴ Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2010) e Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Pará (1998). É bacharel em Ciências Sociais, com ênfase em Sociologia e Antropologia, pelas Faculdades Integradas Colégio Moderno - FICOM (1984). É professora Adjunta da Universidade Federal do Pará (UFPA), lotada no Instituto de Ciências e Artes (ICA), vinculada à Escola de Teatro e Dança (ETDUFPA). Compõe o quadro de professores do Programa de Pós-graduação em Artes em Rede Nacional (UFPA) e do Programa de Pós-Graduação em Artes (Mestrado e Doutorado) PPGARTES-UFPA.

Que pinta a nuvem e os anjos

Que diz como a vida ensinou.

Senti o tempo dizer

Que a educação tem que avançar

Sentei no banco de escola

Minha memória aprendi a desenhar.

Escrevo cada momento

Que o tempo me faz lembrar

Escrevo aos novos de agora

Para fortalecer o seu caminhar.

Por isso digo aos jovens

Narrativas ao pé do ouvido

Sentimento que vem de avó

Na voz rouca do tempo

Do sorriso que o vento levou

São memórias de minha história

São memórias de meu avô

Identidade, sabedoria que branqueou.

(Kambebe, 2020 pg.123)

Como maré de um rio, vim e fui tantas vezes à escrita deste capítulo para este livro: Atos de escritura, sob

organização das professoras dra. Bene Martins e a Dra. Ivone Xavier, as quais possibilitam a abertura para pesquisas-sentires em artes com um tateio de retomada sobre o que se pretende no Programa de Pós-graduação em Artes da universidade Federal do Pará. No meu caso, em pesquisa de mestrado. E, dentre as provocações para nossa feitura para o Atos de escritura, tivemos como indução a escrita de cartas, como maneira de apresentarmos nossas pesquisas e experimentarmos modos diversos de vivê-las e comunicá-las poeticamente, ou melhor, uma escrita acadêmico-subjetiva.

Neste sentido, fui para os braços de rios nesta possibilidade em ato de escrita-sentir o fluxo do bubuiar de vivências em correntezas de tempos e territórios, atenta às encruzilhadas que, numa cuia de causos recebidos em espanto, lágrimas e risos; são histórias de travessias das diásporas de negrura amazônica, o sumo-motriz de minha pesquisa sobre reflexões da (in)visibilidade de criações cênicas afro-indígenas realizadas por artistas negras, indígenas e/ou afro-indígena. No mergulho de minhas inquietações artísticas, que beira ausências e silenciamentos de existências negras e indígenas, tateio o sensível para enxergar as existências matrilineares de minha família, semelhante a tantas outras. Por isto o eu em subjetivo, também pertence à coletividade. Para isto:

Gostaria de escrever uma carta a **minha vó** materna, Agripina Narcisa Tavares. No entanto, ela que nasceu dia 23 de junho de 1935, não aprendeu a ler, e tão pouco pôde proporcionar aos seus cinco filhos a oportunidade de aprender a ler e escrever. Portanto, eu, sua neta, que raramente escrevo, e sim digito, me desafio a registrar sua importância enquanto mulher negra, ancestral que me movimenta para estar em gira artística e acadêmica, no intento de oralizar enquanto **performance da presença** em partilhas, aquela que a

estrutura racista, sexista e etarista nos ensinou a esquecer, a não merecer amor, escuta. Esta ação de ser artista não se sustenta mais somente em guardar afetos ou esboçar poéticas para outres de fora.

Este passo de **escrita-criação** que pode ser lido como um dispositivo cartográfico que mapeia esses **atos de reflexões** histórico-sociais, imbricam vivências de uma artista indígena-afro amazônica, permeados em territórios-memórias a fim de comungar e visibilizar culturas e corporeidades de perspectiva **afrodiáspóricas e indígenas**. Assim, minha pretensão primeira é **romper barreiras** de afastamentos que a **colonialidade** encurralou desde tempos imemoriais.

Esse meu posicionamento foi-é um dos primeiros passos para reverenciar, reconhecer, aceitar minha ancestralidade, em nome da minha avó Agripina! Torna-se um ato temporal e que encontra modos de grafar as relações de amorosidade e existências neste território da pesquisa em arte, amparada na reflexão de Leda Martins sobre as diversidades de registros de cosmo percepções, que diz:

Grafar o saber não era, então, sinônimo de domínio de um idioma escrito alfabeticamente. Grafar o saber era, sim, sinônimo de uma experiência corporificada, de um saber, encorpado, que encontrava neste corpo em performance seu lugar e ambiente de inscrição. Dançava-se a palavra, cantava-se o gesto, em todo movimento ressoava a coreografia da voz, uma partitura de dicção, uma pigmentação grafitada na pele, uma sonoridade de cores. (Martins, 2021, p. 36).

Deste modo, é de maneira afetuosa, em passo metodológico para prover, articular e circular saberes que foram colocados à margem, que busco comunicar à minha vó sobre como me afeto com suas corpografias e nossas existências. Este trazer à tona sentires de memórias em verbo, em palavra falada, subversiva ação, será uma prática de dizer o que tenho

elaborado para outres verem. Vim de lugares escassos de cultura de artes cênicas e, apesar de articular bastante em lugares acessíveis e mais democráticos, sinto a ausência do meu público alvo, aqueles que inclusive são minhas referências, o que tem resultado em tentativa de girar meu corpo ao encontro destas comunidades.

A fim de articular com coletividades, possibilidades para aqueles que estejam como fui antes de cursar licenciatura em teatro, estes como minha avó que com o passar dos anos mais se distanciava da cultura dançante, mas que grafou em seu corpo-documento texturas de expressões artísticas-culturais como as crianças da rua da mata, rua na qual resido em São Domingos do Capim-PA, sempre que tenho a oportunidade fazemos de minha casa um lugar de arte valorizando nossos saberes... nestes territórios e pessoas que impulsionam, também, a permanência do fazer artístico, em que estivemos e estamos em constante perspicácia de resistir às colonialidades, pois o tratado dos "brancos donos de tudo"¹⁵ era que não estivéssemos mais neste século, **"mas a gente combinamos de não morrer"**¹⁶. Apesar de que - a colonialidade omite ou apaga de todos os espaços educativos e meios de propagação de informação as contribuições dos povos negros e indígenas a constituição de nossa sociedade (Coelho, 2020 p.81). Somos nossos próprios respiros para (sobre)vivências

Mesmo diante de situações adversas, produção negra (indígena- apontamento meu) resistiu a dominação psicológica. Além de garantir a salvaguarda de conhecimentos por ela elaborados - seja através de uma oralidade orgânica presente em famílias negras (e

¹⁵ Verso do poema Vozes-mulheres da escritora brasileira Conceição Evaristo.

¹⁶ Trecho do conto ... do livro Olhos D'água de autoria de Conceição Evaristo

indígenas), seja através do movimento negro em suas diversas frentes (cultural, política, artística, educacional, continuou produzindo saberes informalmente e de maneira ininterrupta. (Coelho, 2020, p. 85).

É essa herança colonial que tem moldado aspectos de nossa subjetividade e que tem necrosado nossos corpos. Enquanto disputamos poder nas micro relações, temos conseguido praticar e alargar nossas vivências. Percebo que este processo de decolonialidade se estenderá e mudará de nome, em fluxo do aprender a desaprender e aprender de outras maneiras, ser uma arte contra-hegemônica.

Importante destacar que na percepção do feminismo comunitário¹⁷ o termo decolonialidade não abarca toda a diversidade de lutas por liberdade e equidade social. Haja vista, por suas percepções críticas, que as violências do patriarcado antecederam o período colonial. Esta percepção é valiosíssima quando nos deparamos com reprodução de opressões de gênero em territórios tradicionais.

No entanto a instauração do sistema mundo de pensamento ocidental trazida de maneira violenta aos povos pindoramos da terra invadida, Abya Yala¹⁸, onde se escravizou povos trazidos do continente africano, acresceu as opressões patriarcais drasticamente com o sistema colonialista desde então. Neste sentido, pontuo enquanto pesquisadora em artes cênicas que aciono o feminismo decolonial (Lugones, 2008) a fim de visibilizar inúmeras percepções interseccionais que estão em levante de disputa de narrativas no tecido social para construção de uma sociedade sistematicamente orgânica em que não tenhamos estatística em recortes de gênero, raça

¹⁷ Ver Lorena Cabnal.

¹⁸ Abya Yala: estágio final da evolução e formação da mãe terra pela cosmopercepção do povo indígena Kuna do Panamá. Denominação histórica para o continente Latino Americano.

e classe, dentre outras camadas que se interseccionam advindos de hierarquizações genocidas.

Neste sentido, a escolha pelo conceito epistemológico feminismo decolonial para refletir sobre artes cênicas elaboradas no território amazônica por corpos negros, indígenas e afro-indígenas, principalmente de mulheridades, não visa de modo algum instaurar como única percepção de possibilidade de resistência ao neo-colonial, mas com a prerrogativa de visibilizar contribuições de referências diversas as quais tenho estado em confluência para tecer banhos cênicos¹⁹.

Logo, a arte que estou a tecer e me afetar nesse cenário de guerra não disputa o centro, pois entendo que pelo prisma do capitalismo e colonialidades, tais sistemas são sustentados pelo pacto da branquitude²⁰ em que o centro é um lugar de mérito, assim exige que nossos corpos negros e indígenas, que estão em práticas diárias por dignidade, vivenciem os discursos de sacrifícios para obter tal mérito, e se utilizem de tais exemplos de superação para perpetuar as explorações de tais corpos, para que esqueçamos que nossa ancestralidade tem prosperidade de modos de ser no mundo. Assim, qualquer possibilidade de se estar nesta busca contínua pelo bem viveres através da arte, presentifica um tempo de cura para aqueles que no micro-espço passam a aceitar o convite para o ritual de banhar-se com arte, para comporem a gira de feitura artística curandeira.

Portanto, arrumar as louças mais bonitas de nossa casa-coração para conseguir partilhar dizeres-esperanças. Neste ato me aconchego à minha avó, na expectativa de fazerem mais

¹⁹ Banhos cênicos: termo cunhado por Ingrid Gomes para se referir a poéticas das artes cênicas afro-indígenas amazônicas, 2023.

²⁰ Pacto da branquitude - fenômeno social estudado e nomeado pela psicóloga Cida Bento, que diz respeito ao acordo narcísico entre o grupo racial branco para a manutenção de seus privilégios.

ainda sentido estes passos artísticos, para reacender a fogueira motriz de agenciamentos e assim, continuar na *práxis* de vivências confluentes.

E neste momento partilho esta contaÇÃO comunitária afetuosamente, que tanto de mim tem e de tantos outros seres que me conectaram em espaço, tempo e corpo com as comunidades que ali estiveram e estão.

À minha vó, eu não escrevo.

Eu conto

Quer escutar?

(Podes ter acesso a partir da leitura do Qr-code a baixo ou pode ler se assim desejar.)



Figura 1: Vim te contar, vó. (encontro do cuidado e do conto)

Ananindeua, 27 de dezembro de 2023.



Figura 2: Mãos da Velha Sereia Preta, fotografia de Ingrid Gomes, 2020.

~~Vó, aqui é a Ingrid,
a Ingraaa como a
senhora costumava
chamar. A senhora
lembra que me tornei
uma artista de
teatro? Tá difícil
lembrar, né, vú? há
dias vim aqui e te
contei uma história
que era assim:~~

*E lá estava a
juventude na beira do
cais, se divertindo,*

*tomando umas, paquerando as meninas,
aproveitando o alaranjado do sol numa tarde
de sábado na capital da pororoca, maré tava
cheia e a água brilhante, como se aguardasse
uma sereia.*

Lá vem a Agripinaaaa!

*Ela toda pomposa com um batom encarnado,
com boné rosa bem vivo, de óculos escuro
que comprou na feira. Ela estava no estilo
que era só dela, o de ser bonita, pávula
como dizem...*

*Os netos vindos da capital a avistaram de
longe.. ela nem falou com eles já crescidos,
pegou o copo de cerveja de um deles e meteu*

goela abaixoo, tirou a blusa, em direção ao cais cheia de si, foi dar um pulo no rio.

Agripina: este rio que foi tão parceiro, que pra mim foi rua, do ir e vir da cidade... ah, velho rio, tá aqui tua velha sereia preeta. (risos). Meu companheiro velho, banha a tua Velha Sereia Preta... (escrita de Ingrid Gomes para a dramaturgia, O caminho de volta, montagem da Coletiva Xoxós, outubro de 2023).

~~Faz parte de um espetáculo que fui convidada para participar, O caminho de volta, foi muito bom, ali escutei histórias que fizeram eu lembrar de nossos momentos no interior, por algum motivo não tenho a memória tão boa quanto a de pessoas que conheço, este é um ponto que amo ainda mais escutar a tia Raimunda, tua filha e tem cuidado muito de ti. Ela é a contadora de histórias da família, inclusive ela te ama muito, estamos muito tristes de te ver tão debilitada, logo a senhora que andava pro lado e pro outro. Eu escrevi e fui pra cena com esta narração cênica sobre ti, mas primeiro vim te contar e tu riu, é assim que quero te mostrar às pessoas, uma mulher que embora as pessoas julgassem, foi uma negra que resplandecia vitalidade, gostava de dançar e de namorar, de se embonitar, era a senhora que sempre estava ali pra ajudar seus filhos, que sabia dividir quando necessário. És minha inspiração, conheci muitas mulheres na minha vida pelos livros e pelo caminhar, e isto me fez ser mais sensível, tem uma palavra que gosto muito de usar pra explicar o porquê gosto de ser artista, é decolonialidade, por aqui tem sido um caminho de ter esperança de presentes futuros melhores, que não venhamos mais machucar uns aos outros com histórias que nos ditaram sobre o que é certo e errado no mundo, sendo o mundo imenso, histórias que matam e esmagam tudo que se~~

~~desvia deste tal certo que veio de outro lugar para nos fazer de escravos, teve muita revolta para alcançarmos o fim da escravidão, mas resta ainda uma imensa mancha para ser limpa. Sinto muito não ter conseguido aprender sobre benzimentos, sobre puxar barriga de mulher preta, de não ter me atentado a teus rezos sussurrados, lamento que tuas crenças tenham sido colocadas como coisa ruim durante toda tua vida. Vais levar um bocado de histórias contigo, enquanto eu estiver por aqui quero continuar escavar pisadas do corpo-memórias que passaram neste chão de pessoas como a gente... então, vó eu sou artista por mim, por você... e por tantas gentes que sinto que estão comigo, em que nem sei se eu as carrego ou sou carregada. Termina esta partilhar com a lembrança de tua gargalhada que reverbera em nossos corpos tua boniteza de ser. Te amo!~~

Esta tessitura oralizada em ranhuras de um espaço-tempo destinado para o cuidar do corpo: alimentar e assear, fez fenda para que a poesia da presença estivesse em percepção deste cuidar diário.

E neste partilhar de histórias, escuto muitas, e como isto reverbera? Na tentativa de educar o corpo sobre a importância do que chega, partilho mais um reverberar de presença. Desta vez à minha tia, Raimunda Tavares. Uma de suas contaÇÕES cortou meu coração, mais uma geração de minhas ancestrais foi renegada do estudo formal, e para isto não posso deixar de lembrar de um poema de Conceição Evaristo que sempre me acompanha, para jamais esquecer o motivo que venho percorrendo este trilho.

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó

ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue

e

fome.

A voz de minha filha
 recolhe todas as nossas vozes
 recolhe em si
 as vozes mudas caladas
 engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
 recolhe em si
 a fala e o ato.
 O ontem - o hoje - o agora.

Na voz de minha filha
 se fará ouvir a ressonância
 O eco da vida-liberdade.

(Evaristo, 2017)

A este poema junto uma certa manhã de janeiro de 2020, em que minha tia foi força-motriz para minha primeira escrita dramatúrgica - Alecrim²¹. É sobre estes encontros de arte, corpos sensíveis e oralidade que estou em erguimento na prática de exercitar a esperança de que teremos mais liberdade para sermos, sendo o teatro via que faz desaguar narrativas abafadas pelo apagamento e invisibilidade de tantas mulheres negras e indígenas amazônidas, que tinham/têm coragem para lutar e bem viver futuros melhores. Assim, encontro nos dizeres-sentires de uma intelectual indígena-afro paraense, Rosilene Cordeiro, aspectos de

²¹ Dramaturgia pode ser lida no ebook Jovens Dramaturgos Amazônidas, organizado pela DRa. Bene Martins e M. Barbará Gibson, disponível em: <https://drive.google.com/file/d/14vPYgiluiCHrSEO4kHy-eemRikk7JbJK/view>

subjetivação em movimentos semelhantes quando fricciona reflexões críticas em relação:

" As doenças, a fome, a falta de trabalho e renda, a desnutrição intelectual, feminicídios, trabalhos análogos à escravidão, violências às crianças e adolescentes, enfim, aprofundando as mazelas sociais que nos mantem cativos das profundas desigualdades sociais que nos matam na unha. Questões da minha memória pessoal, da minha voz íntima chorada com as minhas coletividades entalada num grito preso, da minha carreira como militante da educação emancipadora e dos processos que motivam a permanente luta pela nossa liberdade civil, neste presente 'aqui-agora', na insistência de tornar as vozes comungadas aqui, um canto restaurador de alvoradas de mais vida e 'vida mais'. (Cordeiro, 2023, p. 22)

Ou seja, afectos sociais que se interrelacionam com poema Vozes-mulheres de Conceição Evaristo, que comunica sobre coletividade, ancestralidades, consciência social em relação às colonialidades, e principalmente nos revigora para o esperar. E movência desta estética-política que nomeio **Gyra vozes-mulheres**, o festival de artes cênicas de mulheridades indígenas, afro e indígena-afro amazônida que idealizei em 2023 e produzo com artistas/produtoras, conta com poéticas destas três identidades raciais das linguagens cênicas (performance, teatro, dança, poesia peitopensar), uma gyra de racialidade amazônida que vem alargar caminhos para o agenciamento coletivo destas artistas, que estão em processos de criação de banhos cênicos que se conectam com vivências narradas pelas peles de negruras matrilineares, que nos faz compreender que há territórios nos quais somos corpos em festejo de reconhecimento e pertencimento, onde a outridade não nos adoece.

E continuo grafar, registrar afetações destas contaÇÕES comunitárias, em retorno e repatilha de quem partiu e se encontra no entre-fronteiras²², como “É Tudo Pra Ontem”, música de Emicida²³ diz: “ Viver é partir, voltar e repartir (é isso). Partir, voltar e repartir (é tudo pra ontem).” Estou em corpo-maré que vem e vai, traz e leva, nestas presenças de confluências de “criações artísticas que são modos de crítica, autorreflexão e proposição de diferentes maneiras de conceber e viver o tempo, o espaço, a subjetividade, a comunidade” (MALDONADO 2020, p.48). Para tal, um aspecto da (sobre)vivência de Raimunda Tavares:

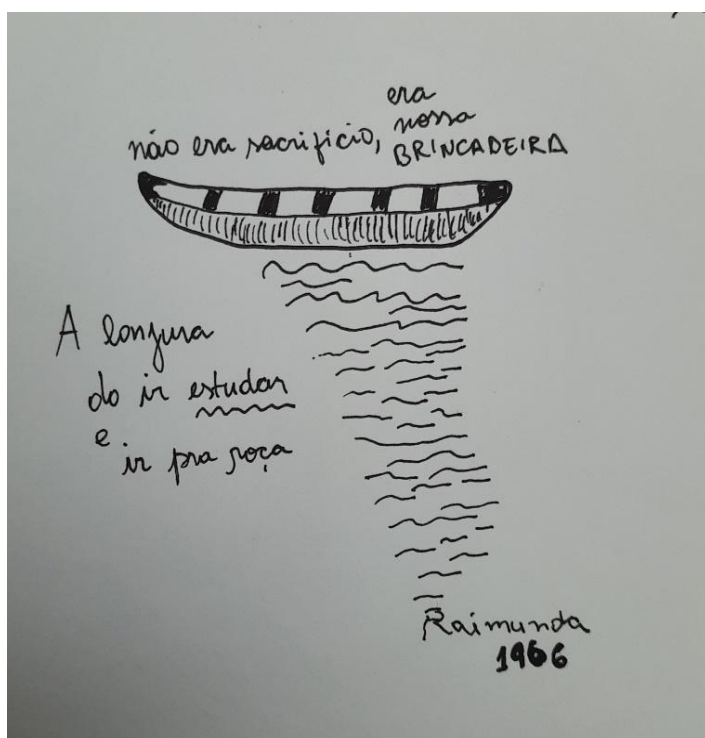


Figura 3: ilustração de Ingrid Gomes baseada na contaÇÃO de Raimunda Tavares. 31 de dezembro 2023.

Dos contos de Raimunda

²² ver Glória Anzaldúa.

²³ Emicida: Rapper e compositor Brasileiro.

Tia Raimunda

a contadora de história da família

Tenho visto teus olhos umedecidos,

Seus olhos d'agua²⁴ são correntes de rios

que te levam para tempos atrás,

Enquanto tua boca profere sua vida ribeirinha e

interiorana de 1960 nos rios paraenses.

Em limiar de alívio por estar neste tempo

à sua vista de fartura,

e em banzo pelo pé na terra, banho de igarapé,

de colher frutas no pé,

de correr com os primos em terra encantada...

Ouvir uma preta sabedora guardiã de tempos

que escolhe contar,

É mergulhar em um encontro ancestral,

nas texturas de cada um de teus contos-tesouros.

Que abrem caminhos para renovo de coragem e

esperança neste agora.

Tenho visto teus braços fortes,

carregarem suspiros de vida.

Enquanto vejo que és tu que deveria ser embalada numa rede
e sentir o tempo aquietar tua mente.

Teu descanso tem sido teu riso com uma visita,

Com seu devocional matinal,

²⁴ Referência ao conto Olhos D'agua de Conceição Evaristo.

uma vídeo chamada com um de seus netos,

eu vejo.

Sinto.

(Ingrid Gomes, 03 de janeiro de 2024)



Figura 4: presente feito para Raimunda Tavares. Feitura de Ingrid Gomes no dia 31 de dezembro de 2023. Foto de formatura, Klewerson Lima, 2023.

Foi lendo Glória Anzádúa²⁵ e Carolina de Jesus²⁶ que compreendi no corpo (mulheridades) a nossa capacidade de ser, que a meu ver dentro de tanta escassez de oportunidades imprimida pelas violências históricas enraizadas pelo colonialismo em nossa sociedade, nós – mulheres pretas– por estarmos no exercício do protagonismo de nós, somos impelidas a tantas outras violências como a invisibilidade, tornando muito mais custoso o caminhar.

²⁵ Glória Anzádúa: foi poeta, escritora e teórica feminista.

²⁶ Carolina de Jesus: escritora negra da literatura brasileira.

O que venho propor aqui são tateios de caminhos percorridos por ser uma Poeta Cênica, aquela que faz da cena um lugar de eco da vida-liberdade²⁷, lugar de falar entre os orifícios das máscaras flandes neocoloniais da pós-modernidade, para que possamos nos ver retratadas, esboçando sorrisos para os nossos e assim curar os ouvidos para escutarmos um ao outro.

Para isto te convido a sentar-se à minhailharga nesta escrita-criação. Se teu dia foi daqueles que não te restou tempo de flertar com a boniteza que és, peço que faça isto agora, mergulhe no seu olhar, veja e sinta cada rastro de vida que percorreu o tempo para que tu estivesses em existência hoje. Se o cansaço de teus pés não tem tido a devida atenção pois amanhã já tem chão a percorrer, que tal um escalda pés? Isto mesmo, esquentar uma água, coloca um cheirinho bom, uns 10 minutinhos com os pés em cuidado... ou pelo menos se acomodar com as pernas estendidas para o alto? Inverter a lógica, fazer o fluxo sanguíneo ir em sentido inverso e ser fluído... A gente suspira apenas neste ato de imaginar, não é mesmo? Isto não é uma solução para corpos em desempenho (sociedade do cansaço), talvez seja apenas um exercício utópico que carecemos para **bubuiar** na correnteza constante colonialcapitalísco que guerreia contra nossos corpos.

Peço que incline seus pensamentos para imagem de alguém que chegou até aqui, não tiver água em sua casa, ou estiver sem gás ou fogão para esquentar uma simples água para seu escalda pés, ou a pessoa que por algum motivo tenha chegado até aqui esteja na rua com frio sem cobertor, o quê fará seu corpo melhor é juntamente encolher suas pernas para junto de si... e sobreviver a mais uma noite.

²⁷ Palavra do Poema Vozes-Mulheres de Conceição Evaristo.

Seja qual for tua ginga hoje para supraviver, que seja banho de saber ancestral, que toda escolha subjetiva deságue na comunidade de vivências diárias de vidas em aquilombamento de experiências que subvertem os discursos da branquidade e patriarcados, alargando a nossa percepção sobre nós mesmos.

Enquanto ginga, apresento no punho a arte. O que estou fazendo aqui, mais do que partilhar os atravessamentos que me movem enquanto pesquisadora/artista, pois entendemos que a escrevivência²⁸ enquanto procedimento não diz respeito somente a quem está na gira de se expor academicamente e/ou artisticamente, fala de território e corpos que se expressam continuamente de múltiplas formas... pois um ser não é um ser sozinho, é resultado de multi-inter-relações sociais.

Em 2020, quando sobreveio ao mundo a pandemia covid-19, enfrentamos uma grande tempestade em alto mar, mas foi notória a diversidade de que eram feitas cada embarcação para enfrentamento deste tempo. Ou seja, as camadas do tecido social foram mais facilmente enxergadas.

O que propus rabiscar aqui foram apontamentos reflexivos sobre artes cênicas, colonialidades, decolonialidades, gênero, racialidades amazônida. Ou seja, como podemos encaminhar arte na perspectiva do feminismo decolonial,²⁹ nesta complexa teia de colonialidades que se inter-relacionam? Obviamente, não tenho como objetivo responder este questionamento, mas contar como tem sido minha experiência em aprender a desaprender e como tenho feito em coletividade feitura de narrativas estéticas nas artes cênicas, de como um corpo que está no processo criativo. Acredito que precisamos entender a importância de estarmos com o corpo disponível para as afetações que nos colocarão/colocam em estado de agenciamento por meio das

²⁸ Ver Conceição Evaristo.

²⁹ Ver Maria Lugones.

artes cênicas, lugar pelo qual reflito sobre o tecido social e em gyras contra-coloniais.

No entanto compreendo que todes nós precisamos de autocuidado para o confronto, mas que para alguns precisa-se, antes, de decolonizar estruturas subjetivas, ter o básico, comida no prato, casa, saúde, educação, lazer, cultura... Apesar da precariedade ser resultado da necropolítica, o que contribui para que pensemos muito mais nas soluções emergentes, ou seja, há um encadeamento enraizado na macro-política que sustenta as estruturas de poder. O que eu artista indígena-afro amazônida posso contra o sistema?

Pelas vias que tenho vivenciado os processos de decolonização, principalmente de si, haja vista que sou resultado das colonialidades, estes trilhos não são lineares. Sinto que cada ação articulada neste processo de feitura de **banhos cênicos** e agenciamentos de produção cultural por tais perspectivas epistemológicas são contra-discurso hegemônico, sob aquilo que nos apresenta para corroboração de um assentamento no campo estético-político de autorreconhecimento e pertencimento neste território amazônida.

Para tanto, quebra-se os discursos de romantização do fazer e até mesmo as reflexões superficiais sobre decolonialidade seriam a ausência de opressões. No entanto cada ação é processo.

Pensemos que antes que adentre em outros atos de escritura, é necessário deixar bem escurecido que não estamos no mesmo barco e que há privilégios em camadas raciais e de gênero que não serão vencidas por ora. Por isto vou fincar os dois pés neste terreiro que é acadêmico, com respeito ao

chão que piso, mas com esporos atentos. Que os ancestrs de alegria, amor e força estejam presentes nestes passos.

REFERÊNCIAS

BENTO, Cida. O PACTO DA BRANQUITUDE - 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

COELHO, A. T.. FUNDOS SOLIDÁRIOS NEGROS E MOVIMENTO NEGRO EDUCADOR: POSSÍVEIS CONFORMIDADES. In: Carolina Santos Pinho. (Org.). Pedagogia Feminista Negra: Primeiras Aproximações. 1 ed. Feira de Santana: no prelo, 2020.

CORDEIRO, Rosilene. ARTEVISMO COTIDIANO FLORESTEIREIRO E PERIFÉRICO: CORPO E MEMÓRIA NA VIVÊNCIA CULTURAL DA ATUANTE PER_FORM@TRIZ, EM ICOARACI BELÉM-PARÁ. In: Anais da XI Reunião Científica da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas - ABRACE. Artes Cênicas na Amazônia: saberes tradicionais, fazeres contemporâneos / Alba Pedreira Vieira, Andrea Carvalho Stark, Vera Collaço (orgs.). - Rio Branco : Stricto Sensu, 2023.. Disponível em: <https://portalabrace.org/novo2022/ebooks/artes-cenicas-na-amazonia-saberes-tradicionais-fazeres-contemporaneos/>

Acesso em: 15 de janeiro de 2024.

EVARISTO, Conceição. "Vozes-Mulheres". In: EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

_____, Conceição. OLHOS D'AGUA. 1 ed. São Paulo: Pallas, 2014.

KAMBEBA, Márcia. Saberes da Floresta. 1 ed. São Paulo: Jandáira, 2020.

Korol, Cláudia. FEMINISMO COMUNITÁRIO DE IXIMULEW-GUATEMALA DIÁLOGOS COM LORENA CABNAL. Revista Hawò, v.1, 2021.

LUGONES, María. COLONIALIDAD EN GÊNERO. Bogotá Tabula Rasa, 2008.

MARTINS, Leda Maria. PERFORMANCES DO TEMPO ESPIRALAR:
poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

DEVIR DE UMA TRANSLHAÇA

*Isabella Valentina*³⁰
*Larissa Latif*³¹

Não, eu não lamento nada.

Pois minha vida, minhas alegrias, hoje.

Isso tudo começa com você.

Edith Piaf

Quando decido falar de palhaçaria, eu decido me desafiar, pois tal fenômeno se tornou um grande tabu em um momento mais delicado nesse meu *TRANSjeto* que foi o da transição.

Me deparo com a palhaçaria no ano de 2015. Não foi amor à primeira vista, na verdade, tomei um grande susto com o *RIDICULARIZAR*. Esse verbo me afastou do nariz vermelho, pois, justamente naquele ano, a minha transição de gênero estava numa fase de ‘germinação’. Eu estava dando os meus primeiros passos de como a Isabella Valentina gesticula, como ela fala, como ela se comporta, qual cor de batom lhe agrada, se prefere vestido ou saia etc. Meus hormônios alterados, assim como minhas preferências físico-estéticas-emocionais em estado de questionamento e buscas.

A fase hormonal é um dos momentos mais delicados na vida de uma pessoa transgênero, pois é a fase em que o corpo muda, ele se altera e, com isso, o nosso humor muda também. Fiquei completamente sensível, e contemplando todas as mudanças que o

³⁰ Mestranda em artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES-UFPA), graduada pela Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (ETDUFPA). É atriz, figurinista e professora da rede municipal de ensino. Possui autoria no capítulo "Potência poética de uma (trans)formação", livro "Pulso, suor, presença e teatro", coordenado por Ana Luiza Firmeza. (bella.valentina303@gmail.com)

2. Doutorado em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA, 2005) e pós-doutorado em Estudos Culturais (Universidade de Aveiro, Portugal, 2016). É membro do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro (CLLC/UA), onde integra o Grupo Género e Performance (GECE). É membro fundador do Grupo Teatral Drama Rasgado e coordena o espaço artístico experimental Pérola da Campina. (larissalatif@gmail.com)

meu corpo vinha a se modificar. Já, na palhaçaria, aprendemos a nos *(DES) CONSTRUIR* enquanto corpos normativos e enquadrados. É um corpo cômico, que se ridiculariza. Isso me fez lembrar na época o quanto o meu corpo era bombardeado por risos e piadas preconceituosas, o quanto as pessoas me ridicularizavam por ser quem eu sou. Portanto, eu não estava pronta para encarar a disciplina de *Clown*.

Contudo, em 2023, eu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (PPGARTES-UFPA) em que meu fenômeno de pesquisa é a construção de uma palhaça que é trans. A escolha para tal era, justamente, experimentar aquilo que eu não tive na graduação, que fique claro, por opção minha. Uma forma também de me desfiar e ver até onde o meu corpo suporta. Descobrir dispositivos para além de um corpo que está sempre em processo de transição. Saber quais são esses outros caminhos. Ir para as linhas de fuga, numa espécie de cartografia das descobertas, das conexões. Conforme Deleuze e Guattari, “Fazer a cartografia é, pois, a arte de construir um mapa sempre inacabado, aberto, composto de diferentes linhas, “conectável, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (Deleuze; Guattari, 1996, p.21).

A cartografia vai mapear todo esse meu *TRANSjeto*, durante esses dois anos de pesquisa, a partir dela vou expandir o meu fenômeno e vou sobrevoar e pousar em alguns momentos, o voo não terá um fim. Será como uma construção inacabada, assim como nossos corpos trans. Irá sempre transicionar. Assim é minha escrita, um tecido esgarçado para novas tramas.

E, por falar em pousos, o primeiro acontece na disciplina de Atos de escritura, ministrada pelas professoras doutoras Bene Martins e Ivone Xavier, cuja ementa propõe o estudo criativo de procedimentos metodológicos vinculados às poéticas artísticas, aportados conceitualmente por teorias afeitas ao contexto do processo criativo.

Fomos instigadas a escrever uma carta para o nosso “objeto” de pesquisa, a partir disso, fiquei bem reflexiva e provocada, pois o que escreveria para o mesmo? Certo dia, no meu canto de estudos, em que nomeio “céu da arte”, utilizo vários papéis coloridos e começo a colar emendando um ao outro formando um grande rolo de carta. As cores das folhas eram rosa, amarelo, verde e azul. Elas tinham todo um sentido pois representavam

a diversidade, representavam os meus estágios de humor, e representavam, ainda, a palhaçaria. Depois de pronta, começo a escrever sobre ela, num exercício de escrita, em que fiquei uma tarde toda buscando palavras para escrever ao meu fenômeno. Quando termino de escrever e leio, percebo uma grande declaração.

Ananindeua 07 de setembro de 2023

Querido objeto, peço licença para poder fazer uma amizade contigo, pois como não sou tão íntima de você venho, através dessa carta, criar laços que nos conecte e sejamos boas parceiras de uma jornada longa. Comecei a te enamorar lá na licenciatura em teatro em 2015, quando eu ainda tinha receio dessa nossa aproximação, pois como você sabe, estava numa fase da minha vida de transições e de transformações. Nessa fase, cheguei a ignorá-lo com medo de minha regressão, pois estava descobrindo um novo mundo dentro de mim. Eu estava recém-nascida e precisava de todo resguardo. O meu corpo com todas as mudanças que ele vinha alterando, ainda não se sentia preparado para receber esse novo corpo que me propôs, e você talvez se perguntando do porquê? Mas, naquele dia, aquele nariz vermelho podia fazer toda a diferença na minha vida para melhor ou não, mas eu não quis pagar pra ver e, por isso, não arrisquei. Quando fiquei mais crescida e meu corpo começava a ter formas que agradavam aos meus olhos, pude entender mais um pouco desse universo "T", e descobri que sou um *Devir* em constante (des)construção, um constante rizoma que se expande, que cria linhas em que sofrem rupturas para dar continuação às outras linhas de pluralidade, de multiplicidade, de muitos 'tornar-se'. Hoje, me deparo com você novamente, estava tentando ver uma forma de me aproximar de novo com você e consegui ter essa oportunidade aqui no mestrado e você me recebeu de braços abertos, tanto que estou aqui hoje tendo essa oportunidade de escrever essa história sobre nós, estou apaixonada por você, porém, não fique triste se eu te beijar na boca e não sentir a chama do amor dentro de mim, pois eu ainda tenho muito receio de nosso relacionamento, mas vou te propor algo, o que acha de termos um relacionamento aberto, pelo menos eu já estou apaixonada e, como sou um *devir*, acredito que esse nosso relacionamento daria super

certo, pois vou te confessar tem uma tal de arte drag aí que eu fiquei mexida e atravessada por ela. Então, o que você acha de nós fazermos esse ménage à trois pra ver se rola essa química. Bom, pensa na proposta e depois me responda com atravessamentos.

Um abraço Isabella valentina.



A carta de amor feita no rolo de cartas, foi lida e apresentada a todas/os/es na disciplina do curso de mestrado. Houve um espanto misturado com risos no início, pois quando viram a quantidade de papéis coloridos se desenrolando, talvez achassem que a leitura ia ser longa, porém, era só pra trazer um humor para a apresentação.

Tive retornos positivos, isso me deu esperanças desse ‘rolo’ virar um ‘relacionamento sério’. Foi então que senti mais tesão e, nesse entremeio de devires, faço um sobrevoos que me leva à ilha de Mosqueiro para participar de uma imersão com mulheres cômicas e palhaças da Amazônia, as ‘Preciosas Ridículas’³²

Minha cartografia está agora nesse espaço, convivendo com 12 mulheres, sendo uma delas a convidada que irá conduzir a imersão: Cida Almeida.

³² Grupo de artistas pesquisadoras em comicidade e palhaçaria feminina que surgiu em 2017 a partir de encontros de mulheres-artistas de Belém do Pará.

Nosso primeiro exercício, foi usado a argila como ferramenta para a dinâmica. Com pó já misturado na água e se transformado numa espécie de pasta, a Cida nos pediu para introduzirmos pontos nessa argila e, a partir desses pontos, criar uma imagem ligando esses pontos. Quando minha imagem se formou fui convocada a contar uma história sobre ela, a história de Isabella Valentina.



Barros, Arquivo pessoal 2023

“Havia um pássaro que vivia em uma gaiola, o pássaro se chamava Valentina. Um dia, esse pássaro se libertou e quando ele abriu suas asas para voar, criou-se a imagem da letra “V”. o V de vida. V de Valentina. V de valente. V de vários, vários “eus”.

Quando via o pássaro em uma outra posição, percebi uma outra letra, e agora era o “T”. T de transformações. T de transições. T de tudo e todes. Então, o pássaro que também tem uma certa vaidade, se transforma em outra imagem quando eu viro, eu vejo um calçado mas não é um calçado de salto alto, é um tremendo sapatão de Clown, o qual estou louca para calçar e sair palhaçando por aí”.

Foi muito incrível de como aquela imagem sem saber no que ia se transformar pode contar parte de minha TRANSjetória. E, ao final de todas as histórias contadas, fechamos aquele dia num gesto ritualístico ao por do sol na beira da praia, diluindo nossas argilas com as imagens naquelas ondas que vinham e iam.

A figura do pássaro se tornou a minha imagem-força para a pesquisa de mestrado. As coisas que ainda estavam difíceis e complicadas para esse meu relacionamento tortuoso se tornavam a cada dia mais acessível. O pássaro já não estava mais na gaiola.

A imersão fez com que a palhaça germinasse e brotasse. Já não tinha mais o que temer, pois a palhaça já estava ali, renascida, e pronta a dar os primeiros passos nesse novo devir.

Non, rien de rien
Não, nada de nada
Non, je ne regrette rien
Não, eu não lamento nada
Ni le bien qu'on m'a fait, ni le mal
Nem o bem que me fizeram, nem o mal
Tout ça m'est bien égal
Isso tudo me é igual
Non, rien de rien
Não, nada de nada
Non, je ne regrette rien
Não, eu não lamento nada
C'est payé, balayé, oublié
Está pago, varrido, esquecido
Je me fous du passé
Não me importa o passado
Avec mes souvenirs
Com minhas lembranças
J'ai allumé le feu
Acendi o fogo
Mes chagrins, mes plaisirs
Minhas mágoas, meus prazeres
Je n'ai plus besoin d'eux
Não preciso mais deles
Balayés mes amours
Varridos os meus amores
Avec leurs trémolos
Com suas empolgações
Balayés pour toujours
Varridos para sempre
Je repars à zero
Recomeço do zero
Non, rien de rien
Não, nada de nada
Non, je ne regrette rien

Não, não lamento nada
Ni le bien qu'on m'a fait, ni le mal
Nem o bem que me fizeram, nem o mal
Tout ça m'est bien égal
Isso tudo me é bem igual
Non, rien de rien
Não, nada de nada
Non, je ne regrette rien
Não, não lamento nada
Car ma vie
Pois minha vida
Car mês
Pois minhas alegrias
Aujourd'hui
Hoje
Ça commence avec toi
Começam com você

Edith Piaf. Música: Non, je ne regrette rien Composição: Charles Dumont / Michel Vaucaire

A música acima me atravessa em uma poética que fiz lá no município de Maracanã, lugar de minha ancestralidade, e volto com ela a dublar em umas das aulas da disciplina Atos de Escritura, pois a proposta para aquele dia era trazer uma música ou poesia que trouxesse um certo vínculo com o objeto de pesquisa.

A canção de Piaf expressa uma aceitação do presente, que o passado seja bom ou ruim, ela não lamenta e que está pronta para recomeçar do zero e traz um significado de expectativas e esperanças para um futuro mais próspero, ainda que o passado não tenha sido como esperado. Isso cria grandes conexões com meu *devir-mulher*, relacionando com a famosa frase “*Ninguém nasce mulher, torna-se mulher*” (Beauvoir, 1949) e tornando-se agora com a palhaça.

“Um grande balão vermelho carregado por Isabella Valentina, de súbito ouve-se uma música com voz de mulher. A voz não era familiar de terras brasileiras. Tinha aromas franceses. Edith Piaf invade com sua voz potente na sala de aula. A melodia e a voz vão chegando ao fim. E o momento chegou. O grande balão se estoura e uma chuva de narizes vermelhos vem para batizar a palhaça que ainda está com (C)em Nomes”



(Foto: Mayrla Andrade, 2023)

A minha cartografia se encontra agora entre enfiamentos e cruzamentos, é preciso agora se *(DES)MONTAR* para se *MONTAR* na palhaça. Desemaranhar as enredadas linhas. Emaranhar outras. Será necessário perder o objeto para ganhar o processo (Martin-Barbero). Bela metáfora para minha transformação em curso, a escolha pela palhaça não foi ao acaso, tem tudo a ver com o meu processo orgânico-estético-criativo em ebulição e a palhaçaria me ajuda a, por vezes, ridicularizar meus medos e desafetos, não como fuga, mas com estratégia de apoio para me fortalecer e enfrentar ridículos preconceitos! Ao colocar meu nariz vermelho, parece que ele funciona como uma espécie de escudo, de proteção, creio que essa palhaça me acompanhará pela vida afora!

“Hoje, a (C)em Nomes teve sua primeira aparição em público, as mãos estavam molhadas de suor por conta da ansiedade que invadia seu corpo. Ela se sentia pronta, porém, eu ainda com certo receio. Aquele momento era de (R)idicularizar com eles e não apenas eu ser (R)idicularizada. Recebo forças e toda a merda do mundo das Preciosas Rídiculas. Aquele momento de se mostrar ao público precisava acontecer, naquele dia ou não acontecia nunca mais. A palhaça não tinha nada pronto, não tinha uma cena, não tinha um figurino, não tinha uma maquiagem com a qual se identificasse e não tinha seu nariz vermelho. Tudo foi improvisado, foi doado e foi emprestado. Como não tinha nada pronto, resolvi dar à palhaça o rolo de cartas que fiz para ela. Foi com isso que ela improvisou a sua cena... Respeitável público, apresento a vocês a palhaça (C)em Nomes: ‘mas isso é homem’. Foi o que se ouviu de um menino de aproximadamente 8 anos, que estava na plateia. Naquele momento, me desmontei da palhaça, eu já não queria estar mais ali, todas as memórias me levaram lá na licenciatura em teatro,

quando ainda estava com receio de ser uma Clown. Mas, continuei com a cena, afinal, o espetáculo não pode parar, a performance agora é da Isabella e não mais da palhaça. A sorte que tive foi de ter levado um fantoche feito de meia em que transferi toda a minha graça para aquele adereço. Ela agora era a (C)em Nomes e eu a Isabella”



(Fotos: Yure Lee, 2023)

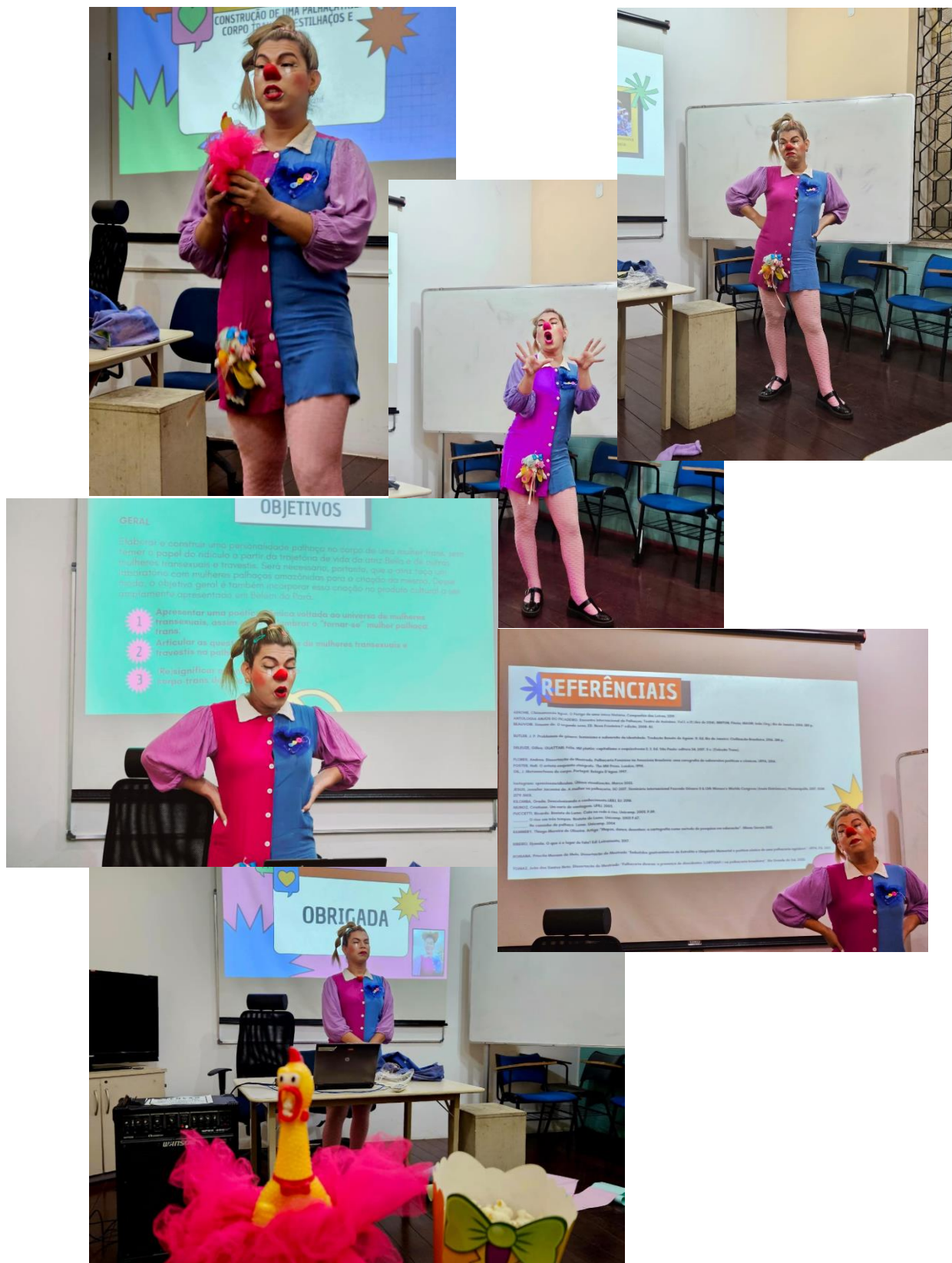
A partir daqui minha cartografia se encontra entre rupturas. Estou numa DR (discussão de relacionamento) com o meu fenômeno de pesquisa. Me desencontro neste mapa. Estou num sobrevoo sem destinos. A questão que permanece, será que que sigo por essa linha que se rompeu? Aí, lembro de que, em uma das aulas, a professora Bene Martins falou sobre as possibilidades que existem nas frestas, nas brechas, ou seja, nas rupturas do estabelecido, pronto, decidi seguir e cá estou a escrevinhar sobre minhas ranhuras, angústias e subjetividades que me compõem.

Assim, nessa inspiração poético-metodológica, se perfaz o trajeto da disciplina Atos de Escritura, entretanto, o desenho desta NÃO-carta cartográfica precisa se expandir até sua (in)compreensão, para eu obter linhas de fuga para a questão-problema dessa escrita. Vamos pousar agora na disciplina de metodologia que também é ministrada pela professora Dra Ivone Xavier e a professora das artes visuais, Dra Cláudia Leão. O momento agora é de desemaranhar as linhas, listar os verbos e recomeçar do meio.

- ✓ CHORAR... e colocar tudo para fora, lágrimas de desespero
- ✓ RESPIRAR... e se acalmar
- ✓ REPENSAR... por qual linha vou seguir

- ✓ FUGIR... para se perder
- ✓ VOLTAR... a se encontrar
- ✓ PALHAÇAR... para curar os meus medos e anseios
- ✓ DECIDIR... o que eu quero dizer.

“(C)em nomes eu preciso te dizer que você precisa voltar, eu sei que você fugiu e ficou triste, desde o último acontecimento, com aquela frase que aquele garoto disse. Inventou mil desculpas para não vir mais. Você não foi para a apresentação em Castanhal. Não foi para a apresentação do seminário de palhaços, palhaças e palhaces. E não foi na sua comunicação de pesquisa, mas eu fui em seu lugar nos representar. Faltou você na última confraternização do ano com as preciosas ridículas. Foram muitas desculpas por causa daquele dia. Mas, você precisa voltar, nem que seja pela última vez. Eu te convoco a apresentar a minha pesquisa, pois hoje, eu darei a desculpa de não ir, só pra saber como você se sai, se é isso mesmo que eu quero e que você quer. Precisamos saber o que vai ser de nós. Se vamos nos amar loucamente cheias de tesão uma pela outra, ou vamos apenas ficar na amizade e cada um segue o seu caminho. Vai lá, apresente o nosso projeto e depois decidiremos pra onde nosso relacionamento vai seguir”



(Imagens: Ursula, 2023)



(Foto: Ursula, 2023)

A apresentação do projeto aconteceu no dia 12 de dezembro de 2023, no prédio do Ppgartes. A palhaça foi quem exibiu o trabalho. Pela primeira vez, sinto-me à vontade com o ser cômico em meu corpo. A vivência com as professoras e com os colegas das mais diversas áreas artísticas transcorreu com abundantes *ÂNIMOS* dos mesmos.

A disciplina pedia alterações a partir das aulas expostas e leituras de referenciais para o aprimoramento do projeto. A alteração desse trabalho foi apresentada no último slide, como na imagem acima. O desejo pleno de alteração ocorreu a partir de todas as linhas desenhadas até o momento nessa cartografia. O propósito, neste instante, é saber por quais outros caminhos vou seguir, ou se continuo nesse, porém, não falar mais de mim e sim de outras, de outros e de outras. Essa não-escrita-carta-transjeto acadêmica adormece no *CAOS*. Esclareço, pois, a disciplina Atos de Escritura nos possibilita ter a licença poética da escrita. Caro(a) leitor(a), o que eu escrevo, não é para terminar aqui. Ela é permanente, contínua, imortal. Deixo inacabado aqui para futuros *devires*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. 2. Ed. São Paulo: editora 34, 2017. 5 v. (Coleção Trans).
- BUTLER, J. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato de Aguiar. 11. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2016. 288 p.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**, ED. Nova Fronteira 1ª edição, 2008- RJ.

Instagram: @preciosasridiculas. Última visualização. Dezembro 2023.

O MOVIMENTO DA ESCRITA ACADÊMICA NA DISCIPLINA ATOS DE ESCRITURA³³

*José Eduardo Pastana Silva*³⁴

“Non scholae, sed vitae discimus”

(Rónai (2006. p.28)

Esse texto nasce das reflexões teóricas discutidas em sala de aula, na disciplina, Atos de Escritura que fora conduzida pelas professoras Dra. Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida e Dra. Bene Martins, no curso de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (PPGARTES-UFPA). A disciplina se propõe, de acordo com sua ementa, a levar o discente do curso a refletir sobre o ato de escrever como uma prática criadora-reflexiva desenvolvida a partir da materialidade e multiplicidades de linguagens. Assim, o participante é convidado a exercitar essa prática de escrita de forma em que as palavras possam expressar o seu lugar e identidade na pesquisa acadêmica considerando a sua linha de pesquisa.

Neste espaço, onde as palavras transcenderão as páginas, explorar-se-á a importância vital desse componente curricular como catalisador da criatividade e como ponte que conecta as dimensões do pensamento e da prática artística, pelo ato de escrever. A prática artística está intrinsecamente ligada à imaginação e a experiência que não podem ser desconsideradas em qualquer processo de produção textual. Assim, Gaston Bachelard afirma que:

O espaço compreendido pela imaginação não pode ficar sendo o espaço indiferente abandonado à medida e reflexão do geômetra. É vivido. É vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação.

(Bachelard, 1978, p. 196).

³³ Disciplina ofertado no Programa de Pós-Graduação em artes (PPGARTES-UFPA)

³⁴ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (PPGARTES-UFPA), Mestre em Comunicação, Linguagem e Cultura pela Universidade da Amazônia (2013) e Licenciado Pleno em Letras (habilitação em Inglês e Português) pela Universidade Federal do Pará (2000 e 1995) respectivamente. Atualmente, é professor do ensino superior da Universidade Federal do Pará (Campus Universitário de Abaetetuba). E-mail: pastana@ufpa.br

No primeiro encontro da disciplina, fora proposto uma atividade escrita em que cada aluno redigisse uma carta para o seu objeto de estudo. O gênero carta fora escolhido para a composição textual. Sabe-se que o Gênero textual se refere às práticas cotidianas de interação social e que servem como instrumentos comunicativos que surgem e se desenvolvem em contextos sociais específicos, a partir das necessidades e expectativas dos participantes dessas práticas discursivas. Luiz Antônio Marcuschi aponta a seguinte conceituação:

Gênero textual refere aos textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (Marcuschi, 2000, p. 155).

A carta é um gênero que está entrando em desuso por conta do avanço tecnológico. Hoje, o e-mail tem substituído este meio de interação, mas este ainda tem o poder de estabelecer a comunicação dialógica entre os seres.

Nosso objetivo reside na interseção entre os Atos de Escritura e a criação poética e artística por meio de cartas redigidas ao objeto de estudo, uma exploração que conduzirá ao íntimo diálogo com o objeto de pesquisa: os poemas de Elizabeth Bishop e de Adalcinda Camarão.

Em um mergulho superficial, mas intenso nas águas dessa disciplina, desvendaremos como a escrita, sob a forma de cartas, se tornou um meio potente para compreender, analisar e interagir com objeto de estudo de cada discente na pós-graduação em Artes da UFPA, promovendo uma sinergia única entre o verbo e a criação artística.

Não pretendo com este trabalho finalizar tudo sobre o meu objeto de estudo, mas apenas mostrar ao leitor que através das cartas redigidas, terá uma ideia e questões a respeito dos poemas de Bishop e Camarão. A leitura destas cartas descortinará um pouco do véu do meu estudo.

A disciplina permite o ato de transgredir. Mas afinal, o que é transgredir e como isso pode auxiliar no processo de produção textual? Transgredir tem o seguinte significado, segundo o dicionário Aurélio online: “Ultrapassar o limite de algo; Atravessar; Transgredir a divisa de um estado; desrespeitar uma ordem, uma lei, um procedimento”³⁵.

Neste sentido, o supracitado componente curricular nos conduz, orienta e conscientiza que a tecitura do texto deve ir além dos padrões e formas escolares. A escrita, assim, deve ser vista de um prisma de elaboração considerando a autoria e identidade artística de cada discente. Permitindo uma produção textual com liberdade para evocar no texto o eu, o eu lírico, a criatividade, a irreverência em uma escritura que vai além da convenção escolar, uma escrita em que o sentimento, o humano do artista/escritor seja respeitado.

A escola, que segundo Louis Althusser, é um dos aparelhos ideológicos do Estado que forma e deforma, limita e constrói ideologias, e que muitas vezes desconsidera a identidade do aluno, pouco tem contribuído para auxiliar o pensar, o agir e o produzir escrito.

Portanto, neste concerto, um aparelho ideológico do Estado desempenha o papel dominante, muito embora não escutemos sua música a tal ponto ela é silenciosa! Trata-se da Escola.

Ela se encarrega das crianças e todas as classes sociais desde o maternal, e desde o maternal ela lhes inculca, durante anos, precisamente durante aqueles em que a criança é mais “vulnerável” espremida entre o aparelho de Estado familiar e o aparelho de Estado escolar, os saberes contidos na ideologia dominante. (Althusser, 2010, p. 79).

Quando se fala em transgredir, não se trata de uma transgressão posta de forma irresponsável no ato de produzir um texto, sem elementos coesivos e coerentes, sem observar as questões discursivas, sem esquecer as normas da gramática. Mas considerar além disso tudo, como o escritor deve se fazer presente no seu texto, com sua escrita própria, única, humana e criativa.

³⁵ BUARQUE, Aurélio. **Dicionário online**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aurelio-2/> Acesso em 11 Nov. 2023.

Finalizo, assim, esta breve introdução dizendo que o que aprendemos nos encontros e discussões e performances, em sala de aula, está em consonância com o provérbio latino “*Non scholae, sed vitae discimus*”, isto é, não aprendemos para a escola e sim para a vida.

CARTA 1

Eu sou daqui! Dessa gigante Amazônia, onde o verde reflete beleza e os rios com suas riquezas me causam admiração. Eu sou daqui! Sou caboclo aventureiro. Sou mestiço brasileiro, sou gene desse lugar. Eu sou daqui! Desse imenso rincão, onde a terra é de todos, mas exige preservação. Eu sou daqui! Sou amazônida verdadeiro e amo por inteiro, cada canto desse verde-mar. Eu sou daqui. Já estive em muitos lugares, mas sempre sinto saudades e volto para o meu lar. Eu sou daqui. Eu sou Amazônia! (Tasselo Brelaz)³⁶

Quem sou eu no mundo amazônida?

Caros Poemas,

Aos 51 anos, já pude me embrenhar por algumas cidades que fazem parte desta rica região amazônica. Meu ofício, minha mercadoria, o intelecto, tem me proporcionado a possibilidade de visitar algumas cidades.

Nasci em Belém, mas correm em minhas veias sangue de Marajoara (Muaná, do Marajó e Cametaense, Cametá, da região do baixo Tocantis do estado do Pará, herança de meu pai e minha mãe, respectivamente). Sou professor da Universidade Federal do Pará, não do campus do Guamá, da região metropolitana de Belém, mas da Universidade *multicampi* e seu projeto de expansão e interiorização do ensino superior. Estou lotado, atualmente, no Campus Universitário de Abaetetuba.

³⁶ BRELAZ, Tasselo. Eu sou daqui dessa gigante Amazônia Disponível em : <https://www.pensador.com/frase/Mjc0MDcxMA/> Acesso em 30 Ago. 2023.

Egresso do antigo curso de Letras e Artes da UFPA, naquela altura, pertencente ao Centro de Letras e Artes, hoje Instituto de Letras e Comunicação. Ingressei no curso de letras dupla habilitação: português e inglês, no ano de 1991. Em 1999, sou aprovado em concurso público para a cadeira de Latim para o Campus de Soure, na ilha do Marajó. Terra do Carimbó e do Búfalo.

Em 2003, fui transferido para Bragança, no nordeste paraense, onde conheci a festa de São Benedito e a Marujada. Em 2012, sou removido para Abaetetuba, onde estou lotado como docente até os dias atuais.

Em Abaetetuba, constitui família e conheci a cultura do miriti e seus brinquedos encantadores. E, durante esses anos como professor, pude visitar outros municípios como: Breves, Gurupá, Santarém, Altamira, Marabá, Itaituba, Cametá, Igarapé-Miri, Moju, Barcarena, Acará e Tomé-Açu.

Caros Poemas, parecem poucas cidades, mas a distância, as localizações geográficas as tornam singulares, tanto no que tange à paisagem natural quanto às questões culturais e de linguagem, por exemplo, amo o borrifar da chuva da linguagem abaetetubense que difere do nosso chviscar belenense. Assim como o som do /s/ não fricativo da linguagem Bragantina, o nosso chiado belenense, soa bem diferente por lá.

A praia de água doce de Beja em Abaetetuba não perde em nada para a água salgada de Ajuruteua, em Bragança. Esses são alguns exemplos das diferenças que carregam tais cidades por conta dos seus falantes, mas não estou aqui para me aprofundar em tais questões.

Hoje, limito-me a descrever minhas parcas impressões sobre a Amazônia e sua infinitude cultural, circunscrevendo-me ao espaço paraense. Este sou eu, homem amazônida amundiado por lendas que habitam o nosso imaginário e apaixonado pelas letras que ensinam tantos sonhos e viagens.

Cumprimentos,

José Eduardo Pastana

CARTA 2

“[...] A poesia
semeia olhos na página,
semeia palavras nos olhos.
Os olhos falam,
os olhos pensam.
Ouvir
os pensamentos,
ver
o que dizemos,
tocar
o corpo da ideia.
Os olhos se fecham,
as palavras se abrem.

(Decir: Hacer, Octavio Paz)³⁷

Quem são vocês?

Queridos Poemas de Elizabeth Bishop e Adalcinda Camarão,

Inauguro essa conversa, com a presença marcante que a palavra tem em nossas vidas. Não me refiro aqui a qualquer palavra, mas aquela que fora desenhada após várias tentativas de escolha, aquela escrita após tantos riscos e rabiscos do autor, a que fora pensada e, finalmente, semeada pelo poeta que fertiliza e frutifica nossa imaginação.

Caros Poemas, as palavras podem gerar significados e sentidos, e o poeta faz o uso, em especial daquelas que nos remetem à reflexão, aos sentimentos, elas nos

³⁷ PAZ, Octávio. **Dizer: Fazer**. Disponível em: <https://bazardotempo.com.br/dizer-fazer-um-poema-de-octavio-paz/> Acesso em 15 Set. 2023.

emocionam, nos alegram, nos entristecem, nos fortalecem, as palavras são assim, junções de letras que atingem a alma do ser humano.

O escritor, no ato de produção do seu produto, a palavra, o faz sempre com uma intenção, um propósito, qualquer proposição que seja: rimar; metrificar; encantar; reivindicar; descrever ou simplesmente compor um gênero textual. Como diria Michel Foucault:

No seu ser bruto e histórico do século XVI, a linguagem não é um sistema arbitrário; está depositada no mundo e dele faz parte porque, ao mesmo tempo, as próprias coisas escondem e manifestam seu enigma como uma linguagem e porque as palavras se propõem aos homens como coisas a decifrar.

(Foucault, 2000, p.47).

Ratifico, assim, que a palavra não está posta apenas para o nosso deleite, está escrita para nos movimentar, nos arrancar de onde estamos e nos lançar a uma pluralidade de significados e sentidos. Nos permitindo a interação no processo de criação do Poeta. Deixando de ser apenas semente plantada e sendo fruto.

Poemas, as palavras deixam de ser suas, são de todos, nesse movimento que a arte literária nos faz viajar. Elas têm cheiro, cor, forma e sabor e nessa explosão de sensações, pois como bem diz o poeta Paz, “Os olhos se fecham, as palavras se abrem”.

Pretendo, assim, buscar em suas formas, em especial os poemas que retratam a beleza exuberante da Amazônia, expressa em seus textos poéticos. Quero movimentar suas palavras, como o fluir do rio, em um movimento de contínuo que carrega consigo não somente águas, mas também pessoas, projetos e sonhos. Preciso, assim, encontrar uma forma de fazer explodir a beleza, o cheiro e sabor amazônida na expressão da Arte Literária.

Necessário se faz, reinventar um encontro entre Literatura e Arte. O que chamarei doravante de Liter(Art)ura, em que teremos o movimento da poética da palavra aplicado na expressão da Arte. Sabe-se que Literatura é arte, esta arte é representada na nossa cultura, na cultura da escrita, das letras, mediante poesia, poema, contos, fábulas, romances que os poetas utilizam como produtos para a expressão da estética artística.

Afrânio Coutinho, *Caros Poemas*, definira Literatura como uma arte, a arte gerada a partir da imaginação com objetivos estéticos:

A literatura é uma arte, a arte da palavra, isto é, um produto da imaginação criadora, cujo meio específico é a palavra, e cuja finalidade é despertar no leitor ou ouvinte o prazer estético. Tem, portanto, um valor em si, e um objetivo, que não seria de comunicar ou servir de instrumento a outros valores-políticos, religiosos, morais, filosóficos.

(Coutinho, 1955, p. 71).

Não aspiro fazer de vocês poemas, apenas um estudo literário ou tampouco uma análise literária. Quero transformar vocês em Artes Visuais, mas não tratarei disso aqui, agora. Vocês, Poemas, são como águas de um rio para mim: Misteriosas; escuras, que permitem idas e vindas de pessoas, animais, sons, lendas, movimentam a imaginação, ideias que ainda não sei onde vão desembocar. Mas que navegaremos juntos, isso faremos de certeza.

Cumprimentos,

José Eduardo Pastana

CARTA 3

Verba volant, scripta manent.

(Rónai, 2006, p. 43)

Encontro das águas

Queridos Poemas,

Hoje, quero registrar nessas linhas, como foi o meu primeiro contato com vocês. Como bem diz o provérbio latino, *verba volant, scripta manent* (as palavras voam e os escritos permanecem), preciso escrever para se perpetuar esse encontro.

Começarei pelos escritos de Bishop. Estes surgem em minha vida a partir da arte do Cinema. Um amigo de trabalho me presenteou com a indicação de um filme intitulado

“Flores raras” (Direção de Bruno Barreto, 2013) que na arte cênica nos emociona e encanta, narrando a brilhante e maravilhosa biografia e obra de Elizabeth Bishop.

Esse encontro me fez refletir sobre as questões culturais e preconceitos existentes naqueles tempos e me despertou a curiosidade de ler os poemas da autora. Essa primeira impressão, que logo virou paixão, me fez viajar das telas dos cinemas para a obra intitulada “*Poemas escolhidos de Elizabeth Bishop*” (2012), em que encontro uma infinidade de poemas que acendem em meu ser a possibilidade de mostrar para a academia a relevância e contribuição poética da escritora.

Por outro lado, minha relação com Adalcinda Camarão ocorreu de forma diferente, a conheci por meio de outra arte, a música. Morei no velho continente, mais especificamente em Portugal, morei em três cidades, Aveiro, Braga e Lisboa, aprendi muito na Europa, uma experiência que carregarei em minhas retinas e memórias para a eternidade.

Muitas vezes, batia uma nostalgia da querida Belém e eu me colocava a escutar músicas, na tentativa de encurtar a distância saudosa que habitava meu ser. Em um desses episódios nostálgicos, eu escutara a canção de Edyr Proença “Bom dia, Belém”, mas não imaginava que a composição dela trazia as cores da poética de Camarão.

Eis a letra da canção:

Há muito que aqui no meu peito
Murmuram saudades azuis do teu céu
Respingos do orvalho me acordam
Luando telhados que a chuva cantou

O que é que tens feito que estás tão faceira?
Mais jovem que os jovens irmãos que deixei
Mais sábia que toda a ciência da Terra
Mais terra, mais dona do amor que eu te dei

Onde anda meu povo, meu rio, meu peixe?
Meu sol, minha rede, meu tamba-tajá?
A sesta, o sossego na tarde descalça
O sono suado do amor que se dá

E o orvalho invisível da flor se espalhando
Cantando cantigas e o vento soprando
Um novo dia vai anunciando
Mandando e cantando cantigas de lá

Me abraça apertado que eu venho chegando
Sem sol e sem lua, sem rio e sem mar
Coberta de neve, lavada no pranto
Dos rios que correm, cantigas no ar

Onde anda meu barco de vela azulada?
Que foi depenada sumindo sem dó
Onde anda a saudade da infância na grama?
Dos campos tranquilos do meu Marajó

Belém, minha terra, meu rio, meu chão
Meu sol de janeiro a janeiro, a luar
Me beija, me abraça que eu quero matar
A imensa saudade que quer me acabar

Sem círio da virgem, sem cheiro cheiroso
Sem a chuva das duas que não pode faltar
Murmuro saudades, de noite abanando
Teu leque de estrelas, Belém do Pará

Compositores: Edyr Proença / Adalcinda

Ao ingressar no Doutorado, meu orientador me sugere a introdução de mais uma autora para diálogo em meu trabalho, uma autora paraense para compor a minha Tese. Para minha alegria, descubro que se trata de Adalcinda Camarão, que tem seu pedaço poético na supracitada canção de Edyr Proença. Isso me enche o coração de boas memórias. Uma canção que me lança ao passado, mas que agora trago para o presente e encaminharei para o futuro.

Caros poemas, meu recorte nesse diálogo entre poemas de Bishop e Poemas de Camarão será a Amazônia. Vocês são poetisas que fazem um percurso histórico inverso, uma é Americana e mora durante muitos anos no Brasil e se apaixona pela gente e cultura brasileira, Elizabeth Bishop. A outra, brasileira, paraense, marajoara que mora nos Estados Unidos e narra seu apreço pela região amazônica e seus encantamentos, Adalcinda Camarão.

Como no encontro de águas tapajônicas, realçarei a importância e beleza de cada uma. Fazendo esse encontro o mais lindo possível para que se extrapole os versos escritos e impressos para uma nova arte, a arte visual.

Carinhosamente,

José Eduardo Pastana Silva

CARTA 4

.Este rio é minha rua
Minha e tua mururé
Piso no peito da lua
Deito no chão da maré(bis)

Pois é. Pois é
Eu não sou de Igarapé
Quem montou na cobra grande
Não se escancha em puraqué(bis)

(Composição Paulo André Barata)

E por falar em lendas.

Poemas,

A Amazônia é cheia de mistérios, signos, símbolos e lendas. Vocês expressam isso em seus versos. Bishop antes mesmo de visitar a Amazônia, já escrevera um poema que trata do imaginário amazônida, o Boto. Isso mesmo, o Boto que encanta e amundia, é cantado em verso em sua obra. A Amazônia descrita por uma estrangeira que leva para o mundo o imaginário de um povo.

Eis aqui um trecho do poema intitulado “The Riverman” isto é, O Ribeirinho, traduzido por Britto (2012, p. 255):

O RIBEIRINHO

Numa remota aldeia Amazônica, um homem resolve se tornar um sacaca, um curandeiro que trabalha com os espíritos das águas. O boto é um ser a que se atribuem poderes sobrenaturais; Luandinha é um espírito do rio associado à lua; e o pirarucu é um peixe que chega a pesar duzentos quilos. Essas informações, bem como outras em que se baseia o poema, foram extraídas de Amazon Town, de Charles Wagley.

Acordei no meio da noite
 porque o Boto me chamou.
 Rosnou a minha janela,
 oculto na bruma do rio,
 mas eu o vi – um homem como eu.
 Me descobri, suando em bicas;
 Tirei até a camisa.
 Levantei da minha rede,
 saí nu pela janela.
 A minha mulher roncava.
 Seguindo os passos do Boto,
 fui andando até o rio.
 A lua brilhava igual
 a um candeeiro quando a chama
 Está tão alta que começa
 a chamuscar a camisa.
 Fui andando até o rio.
 Ouvi o Boto suspirar
 Na hora que caiu n'água.
 Fiquei parado, escutando,
 até ele chamar lá de longe.
 Fui penetrando no rio
 E de repente uma porta
 Abriu-se pra dentro, rangendo
 um pouquinho, com o dintel
 Todo coberto de água.

Os poemas de Adalcinda Camarão nos remetem a um olhar saudoso daquele que partiu, mas que através da arte poética expressa essa memória afetiva e nostálgica. Assim como, tantos outros poemas que tratam da Amazônia e seus encantos.

Cumprimentos,

José Eduardo Pastana

CONSIDERAÇÕES

Esse foi um primeiro exercício, uma provocação no desafio de escrever sobre a tese. Confesso que essa prática foi de grande importância acadêmica, ao auxiliar no pensar sobre a pesquisa, em especial sobre objeto de pesquisa, criando a consciência que neste processo de diálogo com o objeto deve haver mais dúvidas que certezas, por serem as dúvidas que movimentam o ato de pesquisar, são as perguntas que dão visibilidade à pesquisa.

Dialogar com meu objeto de pesquisa me fez pensar em indagações básicas de um projeto de pesquisa. O que é meu objeto? O que sei e principalmente o que não sei sobre ele? Toda essa discussão teórica e prática realizada nas aulas, proporcionou um aprendizado e um novo despertar ao meu trabalho.

A disciplina Atos de escritura não é apenas um componente curricular e sim um banquete de teorias e práticas que dão vida ao projeto de tese, que movimentam a pesquisa e o pesquisador, que alimentam e nutrem um olhar singular à prática textual poético-acadêmica.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos do Estado**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

BACHELARD, Gaston, **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço** / Gaston Bachelard ; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha ; traduções de Joaquim José Moura Ramos . . . (et al.). — São Paulo : Abril Cultural, 1978.

BARATA, Paulo André. **Esse Rio é minha Rua**. Disponível em : <https://www.letras.com.br/paulo-andre-barata/esse-rio-e-minha-rua> Acesso em 28 Nov. 2023.

BISHOP, Elizabeth. **Poemas escolhidos**, Seleção, tradução e textos introdutórios Paulo Henriques Britto. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BRELAZ, Tasselo. **Eu sou daqui dessa gigante Amazônia** Disponível em : <https://www.pensador.com/frase/Mjc0MDcxMA/> Acesso em 30 Ago. 2023.

BUARQUE, Aurélio. **Dicionário online**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aurelio-2/> Acesso em 11 Nov. 2023.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana S.A., 1955.

FOUCAULT, Michel **As Palavras e as Coisas Uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução Salma Tannus Muchail. Martins Fontes: São Paulo, 2000.

FLORES raras, Direção de Bruno Barreto. São Paulo: Imagem Filmes, 2013

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e**

Compreensão.. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

PAZ, Octávio. **Dizer: Fazer**. Disponível em: <https://bazardotempo.com.br/dizer-fazer-um-poema-de-octavio-paz/> Acesso em 15 Set. 2023.

PROENÇA, Edyr. **Bom dia Belem**. Disponível:

https://www.google.com/search?q=bom+dia+Bel%C3%A9m+letra&sca_esv=597572708&rlz=1C1CHZO_pt-BRBR1056BR1056&ei=fzugZeHTKJ-J4dUP27iL4Ag&udm=&ved=0ahUKEwihj4Ofg9aDAXWfRLgEHVvcAoWQ4dUDCBA&uact=5&oq=bom+dia+Bel%C3%A9m+letra&gs_lp=Egxn d3Mtd2l6LXNlcnAiFGJvbSBkaWEgQmVsw6ltIGxldHJhMgUQIRigATI FECEYoAFIgDdQAFjiMnAAeAGQAQCYAdsDoAHwLKoBCDItMTM uNC4yuAEDyAEA-AEBwgILEAAYgAQYsQMYgwHCaggQABiABBixA8ICERAUgIAEG LEDGIMBGMcBGNEDwgIFEC4YgATCAGsQLhiABBixAxIDAcICDhA uGIAEGIoFGLEDGIMBwgIIEC4YgAQYsQPCAg4QABiABBikBRixAx iDAcICChAAGIAEGIoFGEPChAQABiABBikBRhDGLEDGIMBwgIIEC4YsQMYgATCAGoQLhiABBikBRhDwgIFEAAAYgATCAGsQLhiAB BixAxjUAsICGhAuGIAEGLEDGIMBGJcFGNwEGN4EGOAE2AEBwgI UEC4YgAQYlwUY3AQY3gQY4ATYAQHCAgYQABgWGB7iAwQYA CBBiAYBugYGCAEQARgU&scient=gws-wiz-serp

Acesso em 15 Out. 2023.

RÓNAI, Paulo. **Gradus Primus**. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

(EU) NÓS LÍRICOS AMAZÔNIDAS: POESIA E MÚSICA EM DIÁLOGO

Marina Donza Guedes³⁸

Motivo

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.
(Cecília Meireles, 1939)

Para iniciar esta conversa sobre minha pesquisa em artes, mais especificamente, este texto elaborado para a disciplina *Atos de escritura*, ministrada pelas professoras Ivone Xavier e Bene Martins, selecionei poemas e letras de música para explicitar as tramas que compõem nossos “eus” líricos, nossos “eus” subjetivos, amorosamente poéticos. A seleção advém de minhas preferências e práticas como cantora e intérprete de músicas. Neste estudo, as letras de música são tuas, raro e inédito poeta, Waldemar Henrique³⁹, em diálogo com meus escritos. O poema de Cecília Meireles abre este ensaio-escrita de

³⁸Doutoranda em Artes pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Tem Mestrado em Estudos Antrópicos da Amazônia e Licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Música, ambos pela UFPA. É Bacharel em Música Sacra pela Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE). Especialista em Arte-terapia e Musicoterapia Pela Faculdade Iguaçu (FI). É cantora e Professora de Arte da Rede de Ensino Estadual. ID Lattes: 6813565012099674; ORCID: 0000-0001-5836-311X. E-mail: marinadonza@gmail.com.

³⁹Waldemar Henrique, pianista, compositor e musicólogo paraense, viveu de 1905 a 1995. Pai de origem portuguesa e a mãe de origem indígena, escreveu sobre a Amazônia de maneira sensível através de suas canções (BARROS, 2005).

mim para consigo, os versos da poetiza ecoam em mim, como se me descrevessem tal como tento ser.

Com você, Waldemar Henrique, mantenho paixão e devoção há muito tempo, primeiro, pela qualidade irretocável de teus escritos, segundo, porque as canto em minhas apresentações, diria, parafraseando Cecília Meireles, a tua canção tem sangue eterno, me movendo e comovendo a permanecer nas asas ritmadas de suas melodias, até que não exista em corpo, mas, no som da voz, no ar que ecoa o amor pela paixão de se deixar ser uma poesia canção.

Timidamente, ousou inserir minhas composições poéticas, já que acompanhada por essas referências indispensáveis em minha trajetória de professora-artista-pesquisadora! Incluo, ainda minhas percepções quanto as sensações que fazem ser o que sou, canções que nos remetem a momentos lúdicos e até hoje, nos embalam em nossas doces recordações. O repertório que costumo apresentar em meus trabalhos artístico-docentes é amplo e muito significativo em meu viver e prática de ensino-aprendizado contínuo.

As canções: *Tamba-tajá; Fiz da vida uma canção; Foi boto Sinhá; Uirapuru; Senhora dona Sancha e Curupira* vêm para o texto porque as tenho trabalhado em minhas performances em diversos lugares e são minhas preferidas, naturalmente. Além disso, suas letras têm afinidades tantas com meu modo de existir como pessoa e como cantora! Suas letras regem meu pensar criativo com suas composições inéditas, quando conta as lendas amazônicas em forma de canção.

As canções estarão em vídeos, acionadas pelo QR Code, para que o leitor leia e aprecie meu fazer artístico, despertando sentimentos intrínsecos ao realizar um passeio pelo imaginário amazônida. As poesias são de minha autoria, baseadas em histórias que fazem parte da mitopoética da nossa Amazônia, o arranjo de violão foi criado e tocado pelo músico Dmilson Cardoso Oliveira⁴⁰. Um diálogo cantarolado entre saberes, arte e literatura, um arsenal

⁴⁰ Dmilson Cardoso, mas conhecido como Molequinho do cavaco é Graduado em Licenciatura Plena em Pedagogia, Musicista, Produtor Musical e Arranjador, foi Professor da Fundação Carlos Gomes onde tornou-se conhecido especialmente pela mídia paraense, após apresentar sua adaptação em ritmo de samba-chorinho do Hino “Vós Sois O Lírio Mimoso”, tema da padroeira dos paraenses, Nossa Senhora de Nazaré.

poético de nossas lendas que tento transformar em minhas apresentações nos palcos.

Waldemar Henrique, você deve ser lembrado como um musicólogo paraense, por ter realizado viagens entre os povos originários, para conhecimento da nossa cultura e por ter trazido inovações para a nossa música, com elementos indissociáveis entre melodia e texto do folclore nacional brasileiro.

Carta 1

Belém/Pará, 20 de agosto de 2023

Nós Amazônidas

Uma palavra vos quero dizer,
Para começar a prosear,
Sei que estamos cá nós,
Mas é preciso ir pra, lá,
Se você quiser escutar,
Você precisa cantar,
Sem ter nada de nó.

Entrar na floresta,
Parar pra assobiar ou gritar,
Pensar e pedir permissão,
Pra tentar encontrar a solução,
Da magia da perdição,
Que é a nossa tradição.

Enfeite a bacia,
Cantando sem nó e sem dó,
Viaje na magia do Negro e Solimões,
Desça pelo Amazonas e vá até as ilhas,
Da Onça, Combu e Cotijuba,
Que só vai quem tem embarcação,
Ribeirinho que muito trabalha,
Sobe em tudo,
Descasca o côco, descalça o chão.

Curumim que muito guerreia,
Com sua força serena,
Com sua arma sem bagos.
Vive na aldeia entre tambores e sensores,
Mágicas e amores.

(Marina Donza, 2023)

Meu querido Waldemar, ao inserir este poema escrito durante as aulas da disciplina Atos de escritura, ele vem à frente, por ser uma espécie de chamado para início de conversa-escrita onde, faço uma introdução para a música *Tamba-*

Tajá, falando em uma linguagem bem típica dos povos originários e que carregam na oralidade a nossa história amazônida. Você bem sabia disso, meu poeta, ao escrever essa canção tiveste o conhecimento da tribo Macuxi e sua lenda, descrevendo-a com detalhes.

Meu querido imortal, tenho uma boa notícia. Após a sua partida para a base do plano superior *Kapragon*, o céu, como acreditam os Macuxis, essa tribo, de acordo com o Instituto Socioambiental (ISA, 2011), que vinha sofrendo e lutando desde o século XVIII, conseguiu o direito aprovado pelo Supremo Tribunal Federal em 2009 da Terra Indígena Raposa Serra do Sol. Finalmente se oficializou a retirada dos não indígenas da região, trazendo a alegria de volta a esse povo, a mim e certamente a você.

A letra de sua música *Tamba-tajá*, muito me emociona, contando a lenda de um casal de indígenas macuxi que, apaixonados vivem um amor intenso, até que a indígena, acometida de uma doença rara, fica tetraplégica. Seu amado então, tece uma linda *tipóia* para conduzi-la atrás das costas de um lado para o outro. Em um determinado dia, o cacique percebeu que sua *tipóia* estava mais pesada, quando ele a retirou das costas, viu que sua amada havia morrido. Decepcionado, ele se esconde na floresta e, ao enterrar sua amada, ele resolve se enterrar junto.

A tribo preocupada com o sumiço do cacique, começa uma busca incessante, até que encontram um túmulo cheio de *Tajá* (planta típica da região). Ao retirarem a areia, encontraram os corpos enterrados. Na tradição, diz-se que a família que cultiva a planta *Tajá*, e esta dá folhagens grandes e verdes, é porque naquela família há muito amor. Eu cultivo muitos *Tajás* meu querido, acredito no poder curativo e mágico das plantas de nossa Amazônia e todas as que cultivo são verdes e viçosas. Lindas como o meu amor, por você e pela vida!

Tamba-tajá (1934)

Tamba-tajá me faz feliz!
Que meu amor me queira bem

Que seu amor seja só meu
De mais ninguém
Que seja meu, todinho meu
De mais ninguém



Tamba-tajá me faz feliz!
Assim o índio carregou sua macuxi
Para o roçado, para a guerra, para a morte
Assim carregue o nosso amor à boa sorte
Tamba-tajá.

Tamba-tajá me faz feliz!
Que meu amor me queira bem
Que seu amor seja só meu
De mais ninguém
Que seja meu, todinho meu
De mais ninguém

Tamba-tajá me faz feliz!
Que mais ninguém possa beijar o que beijei
Que mais ninguém escute aquilo que escutei
Nem possa olhar dentro dos olhos que olhei
Tamba-tajá.

Carta 2

Belém/Pará, 17 de setembro de 2023

Waldemar Henrique, hoje eu estou escrevendo esta carta na Praça da República, em frente do teatro experimental Waldemar Henrique, tentando imaginar como deverá ter sido a inauguração desse majestoso teatro em sua homenagem. Construído no estilo “Art Nouveau”, tem o objetivo de dar visibilidade as apresentações dos grupos artísticos de nossa região. O prédio foi inaugurado exatamente no dia 17 de setembro de 1979 e tombado pelo Instituto do patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Hoje funciona o atual Instituto de Ciências da Arte da UFPA (ICA).

Você nos deixou muitas histórias e ensinamentos, assim como Paulo André e Rui Barata⁴¹, realmente fez dos nossos rios a sua rua, viajou entre os ribeirinhos, indígenas e quilombolas. Falou de arte, cantou a arte, viveu o nosso folclore lendário, de magias e encantos. Cantou a Matinta Perera, a Cobra grande, o Curupira e o Boto. Sim sinhô, o boto que em noites de festas se transforma em um lindo rapaz vestido de branco e com chapéu na cabeça encanta, seduz e hipnotiza as moças bonitas, casadas e solteiras. (ALIVERTI, 2005).

⁴¹ Paulo André Barata (1946-2023), foi um cantor, compositor e instrumentista brasileiro. Seu pai Ruy Guilherme Paranatinga Barata (1920-1990), foi seu grande parceiro na arte musical, poeta, político, advogado, professor e compositor paraense.

Esse encantado, após envolver a moça, atira-se no rio e volta a ser boto. A moça *mundiada* fica muito triste, chegando a adoecer e acabando por se jogar no rio, à procura do seu amado. Você, meu querido Henrique, “com versos de Antônio Tavernard” (SANTOS, 2009), fez um trabalho incrível sobre cultura e identidade amazônida representando-a em sua canção, deixando viva na memória uma história contada por nossos ancestrais com uma linguagem regional típica do cabôco⁴².

Foi boto Sinhá (1933)

Tajá-panema chorou no terreiro
Tajá-panema chorou no terreiro
E a virgem morena fugiu pro costeiro

Tajá-panema se pôs a chorar
Tajá-panema se pôs a chorar
Quem tem filha moça é bom vigiá!
O boto não dorme
No fundo do rio
Seu dom é enorme

Quem quer que o viu
Que diga, que informe
Se lhe resistiu

O boto não dorme
No fundo do rio...



Carta 3

Belém/Pará, 12 de outubro de 2023

Waldemar Henrique, hoje estou na frente da praça que em sua homenagem foi intitulada Waldemar Henrique, entre as ruas Assis de Vasconcelos, Travessa Piedade, R. Belém e Av. Mal. Hermes, tomando um maravilhoso e saboroso tacacá. Você é minha inspiração em poesia, em pesquisa e cantoria, tens na alma a Amazônia, trazes no peito o amor, no corpo o calor, no pescoço um colar e na cabeça um cocar. Vagueias nos contos, nos

⁴² Palavra designada a pessoa simples que mora na mata ou interior do Brasil.

ritos e cantos, do nosso povo sofrido, primitivo. Carregas na memória as histórias das nossas matas, colibris, uirapurus e mãe d'água.

Certamente o folclore amazônico foi sua grande fonte de inspiração, quando trazes na letra da canção o Uirapuru, um pássaro que traz em sua lenda uma linda história de paixão. Meu Waldemar Henrique, posso imaginar seu esplendor em compor essa realeza que é o Uirapuru. Música que integra o erudito com o popular, que fala de uma viagem de canoa onde o cabôco que remava, cheio de pavulagem conta vantagem, que pegou o Uirapuru e outros personagens lendárias.

Quando você se retrata do pássaro que está em extinção, me vem a sensação de tristeza, por saber que muitos outros, estão sendo vendidos estando presos em gaiolas, alimentados pelo egoísmo do homem sem coração. O canto do Uirapuru é uma raridade, conta a lenda que só se ouve uma vez no ano, no período da preparação do ninho. O seu canto é tão lindo que toda a floresta emudece para ouvir seu timbre em sons de melodia (DIAS, 2020).

Sua predileção pelas lendas em suas composições marca sua trajetória como pesquisador. Pinto e Gama (2003), afirmam que você viajou entre os indígenas e ribeirinhos, ouvindo os diversos mitos e lendas. Segundo Santos (2009), você criou através desse arsenal de informações seu próprio repertório de músicas que contam das lendas. Eu muito lhe admiro por ter sido um artista sensível ao quesito performance. É percebido nas melodias, as ênfases que deve ser dada à cada trecho de suas peças, facilitando a expressividade e interpretação do cantor.

A Amazônia por ser um palco de mistérios sobrenaturais, presenciado nas crenças e lendas do imaginário local, o Uirapuru carrega elementos da cultura enraizada em uma linguagem típica da regionalidade paraense (BARROS, 2005). Me encanta sua canção do Uirapuru e me traz à memória a lenda que conta a paixão de duas indígenas chamadas Jussara e Moema que eram amigas e, por um infortúnio, ambas se apaixonaram pelo mesmo índio, chamado Peri.

As duas resolveram ir até ao cacique para que ele elegeisse quem iria se casar com o jovem Peri. Este, para não ser injusto, propôs uma competição onde, aquela que atirasse em um pássaro apontado por Peri, seria a moça que deveria casar-se com ele. Jussara foi quem acertou o alvo e casou-se com o

jovem guerreiro Peri. Porém, Moema ficou tão triste, mas tão triste, que pediu ao deus Tupã para transformá-la em um pássaro, assim ela iria estar sempre perto do seu amado. Tupã atendeu ao pedido de Moema e transformou-a em um lindo pássaro chamado Uirapuru (ALVES, 2018).

Uirapuru (1934)

Certa vez de montaria
Eu descia o Paraná
O caboco que remava
Não parava de falar, ah, ah
Não parava de falar, ah, ah
Que caboco falador

Me contou do lobisomem
Da mãe-d'água, do tajá
Disse do Jurutaí
Que se ri pro luar, ah, ah
Que se ri pro luar, ah, ah
Que cabôco falador!

Que mangava de visagem
Que matou surucucú
E jurou com pavulagem
Que pegou uirapuru, ah, ah
Que pegou uirapuru, ah, ah
Que cabôco tentador.

Caboquinho, meu amor
Arranja um pra mim
Ando roxo pra pegar
Unzinho assim
O diabo foi-se embora
E não quis me dar
Vou juntar meu dinheirinho
Pra poder comprar

Mas no dia que eu comprar
Esse cabôco vai sofrer
Eu vou desassossegar

O seu bem querer, ah, ah
O seu bem querer, ah, ah
Ora deixa ele pra lá.



Carta 4

Belém/Pará, 12 de outubro de 2023

Meu amigo Waldemar, meus dias de professora tem muito me ensinado com desafios e superações, mas, entendo que sou voz, sou luz, sou canto, sou

pai-d'égua, amo a nossa Amazônia. Às vezes grito, às vezes falo, às vezes canto, sei que sou voz no escuro, no preto e no branco. Brinco contigo e me faço criança na aliança de um olhar que me eleva, canta e encanta.

Levo meus livros para o trapiche e crio meu rio, junto com o fio e lhe convido pra viagem, de gente que entende, que sente e vê o coração da gente. Sabe Henrique, eu escuto a sua voz e sei que queres me levar, levar até os ribeirinhos, ouvir o seu canto na voz dos pássaros, dos teus rios que me atormentam, como posso me perder em ti?

Mas, insistes em me chamar, e já não sei... Me trazes rosas, risos e folclore, mitos e encantos, memórias... Me fazes praticar a arte da autoanálise, sem medo, sem controle e dominação nas cavernas das sombras e selfies. E vens me falar, contar os mitos e ditos, dos mestres do lado de lá, que fala da Matinta Perera, Cobra Grande e Boto Sinhá. Me sinto quase sempre como emergindo da sua crisálida, suas asas ainda não podem voar.

Mas, o desejo é ardente, voraz e quente, regressando à transformação, a mais pura entre as almas viventes que se envolve e se entrega aos rios emudecida, ficando estática na ignorância alheia, que destrói e corrompe a amada zônia. Wal, eu choro na voz que grita, que briga, que fala, que enlouquece de ver tamanha mentira em quem derruba a floresta, sem nenhum fio de pudor.

A sua canção que conta a lenda, fala de um ser encantado chamado de Curupira, “Ele é um menino matreiro de cabelos vermelhos que tem os pés virados para trás. Eles servem para enganar os caçadores, pois dessa forma não há como saber para onde ele está indo”. (ALVES, 2018, p. 50). É protetor de todos os bichos e todas as árvores da planície amazônica.

Ouvi dizer por meio de Claver Filho (1978, p. 88), que ele, “é um endiabrado caboclinho”, tem cabelo cor de laranja e utiliza o assobio, ou imita a voz humana, para ludibriar os caçadores e esses se perderem, circulando de um lado para o outro no mesmo lugar e, então, na demonstração de sua alegria, passa a dar risadas estridentes por mais uma bem feitoria de proteção à mata.

Meu querido, às vezes, canto e peço aos seres encantados que me encantem, na personificação do Curupira, fazendo os malvados se perderem na floresta, impedindo-os de matar os animais e cortar nossa morada. Curupira que

não vejo, mas escuto o seu desejo e interpreto na canção de quem busca na intenção a proteção. Agora, abra a floresta e deixa a cabôca passar...

Curupira (1936)

Já andei três dias e três noites pelo mato
Sem parar,
E no meu caminho não encontrei nenhuma
Caça pra matar.

Só escuto pela frente pelo lado o Curupira
Me chamar,
Ora aqui, ora ali, se escondendo sem
Parar num só lugar,

Por esse danado muitas vezes me perdi
Na caminhada
E nem padre nosso me livrou desse
Danado da estrada

Curupira feiticeiro
Sai de trás do castanheiro
Pula pra frente
Defronta com a gente
Negrinho, covarde, matreiro.

Deixa a cabôca passar...



Carta 5

Belém/Pará, 04 de novembro de 2023

Meu querido Wal, assim te chamo intimamente, pois já não é novidade o meu sentimento por ti, porém, não trago riquezas, mas as lembranças das nossas crianças, brincando de roda, nos rios da mata, pedindo e zelando por nossos ancestrais. O povo de lá, veio pra cá nos colonizar tentando levar o que é de cá, e nos vestiram de lá com ladainhas e orquestras, armas e tristezas. Uma coisa foi boa, nossos irmãos nos quilombos puderam sobreviver, alguns nas favelas e outros no entardecer dos recantos da Amazônia.

Das senhoras das riquezas eu era escrava, mucama e benzedeira. Vivia na inocência, de achar que era engano, a felicidade da realeza em ver tanta tristeza nos olhos de uma criança preta. De contos e encantos Waldemar Henrique abra a janela, coloque os ombros e se ponha a escutar de quando eu

era pequenina. A minha rainha-mãe cantava sem parar, parecia até um sabiá, estava sempre a costurar, para poder vivenciar seus cinco filhos crescerem, sem nada reclamar. Na rede sempre me embalava, e eu ouvia seus sussurros a cantarolar. Hoje ela estaria fazendo 71 anos.

Seu som era sublime, se era afinado não sei, sei que ritmava a minha alma e adormecia meu ser. Senhora dona Sancha, coberta de ouro e prata, descubra seu rosto que eu tanto quero ver. Que emocionante poder cantar essa sua canção, que tanto fala ao meu coração, me trazendo recordações do meu tempo de menina. Procurei na juventude encontrar um sonho e, hoje, mais madura sei que alguns não serão mais possíveis, canto à toa, canto a esmo, baixinho para mim mesmo, tristemente para não esquecer. Não esquecerei minha rainha e não esquecerei você Waldemar Henrique, meus amados imortais.

Senhora dona Sancha (1932)

Antigamente quando eu era ainda criança,
cantava com os meninos da vizinhança alegremente.

Senhora dona Sancha coberta d'ouro e prata,
descubra seu rosto que nós queremos ver.

Depois veio a mocidade
Foi-se me toda a esperança
De achar a felicidade
Do meu tempo de criança

Quando eu ouço na minha rua
Os meninos a cantar
Vou de pressa sem tardança
E fico olhando a escutar

A se eu fosse inda criança
Sem poder acompanhar
Aqueles meninos todos satisfeitos a gritar.

Senhora dona Sancha coberta d'ouro e prata,
descubra seu rosto que nós queremos ver.

Felicidade senhora dona Sancha de rosto lindo mais velado
Busquei-te por toda parte procurei ver o teu rosto.
Devagarinho com cuidado
Atrás daquela bonança do meu tempo encantado de criança.

Agora nem mais um sonho
Não é como antigamente
Canto à toa canto a esmo
Baixinho para mim mesmo
Tristemente para não esquecer



Senhora dona Sancha coberta de ouro e prata,
descubra o seu rosto que eu tanto quero ver.

Carta 6

Belém/Pará, 08 de dezembro de 2023

Meu amado e inspirador, às vezes, me perco e me acho em meus pensamentos assombrosos no riacho. E quando pulo no mato com os afagos do abraço, me vejo inválida, estrangulada, perdida de amor, pelos olhos que são seus, similares aos olhos de boto. Tenho as vitórias-régias, araçá e anajá a meditar, os rios correndo para a louçã passar, e o céu azul para o periquito voar. Waldemar Henrique que me atrai em seu fulgor. Agora entendo porque me queres, porque me chamas, porque me amas, é pelo amor que tenho pelo nosso habitar, Amazônia encantada, que sempre florescerá. Quero me entregar, sim e te encontrar, amar e gozar nos braços da catinga de mulata.

Como aconteceu com você Waldemar, fui encantada pela Amazônia, atraída por sua luz, transmitida e refletida. Me contou os seus segredos, meu objeto do desejo, me embalou numa rede e descalçou os meus sonhos que, às vezes, é tirano. Tormento, nem penso, vou ao tempo e me vejo a meditar. Trago no vento a voz, o eu lírico do folclore, dos rios meus rios, ribeirinhos. Escuto e choro, lamento pelo tempo de ainda não ter lhe atendido. Olho todos os dias pela janela do meu quarto e te desejo com o calor ardente de paixão, dos rios meus rios, ribeirinhos. Pobreza minha, infelicidade minha, olhar, observar e sentir que o mais absurdo são os que acham que sabem ler o mundo, ler os mapas ler as coisas vazias, vadias.

Não ficarei sossegada enquanto não te conhecer e me entregar no mais puro desejo de te devorar, como uma virgem que se doa cheia de desejo, na esperança de saciar a sua ânsia animal. Waldemar Henrique, onde existo? Nos meus braços de ardente amor, calor, onde posso contemplar os nossos filhos que virão e serão os rios meus rios, ribeirinhos. Peço a Deus que a nossa Amazônia seja eterna, na luz dos olhos meus e dos teus, para que diante de todo o amor que tenho por ti, tu faças da vida uma canção...

Fiz da vida, uma canção! (1930)

Foi depois que teu olhar
Volveu-se para mim
Que senti o coração pulsar

Percebi que minha alma
Vibrava de emoção
Então, eu fiz da vida, uma canção!

Meu amor! Meu amor!
Se dissesse: Te amo, também

Meu amor! Minha vida!
Só pertence a ti, a mais ninguém!

Se eu pudesse concentrar
Toda a luz do teu olhar
Em mim. Enfim!

Por beijar tua boca
Eu seria capaz de tudo tentar!



Cantar você Waldemar Henrique, é falar de paixão é viver a delicadeza, é falar de poesia. Poesia me comove, me atrai, me eleva, me transforma, me veste e me promete despir em todos os sentidos e fatos. Você me ensinou a fazer da vida uma canção, a olhar profundamente, concentrada, quase sem fôlego, sendo capaz de tudo tentar. Ir em busca da percepção em tudo o que se faz, e sentir o mais profundo de todos os sentimentos.

Nos meus projetos de ensino percebo que ensinar às vezes é árduo, mas é prazeroso quando se entende a incrível paixão da ação desenvolvida no ato da criação. A experiência de trocar os conhecimentos me ensina e me transforma, me despindo da mentira da omissão do tempo e da voz que sussurra em meu ouvido do coração. Ensinar e aprender é a arte de se doar, de se entregar por inteiro.

Nesse ensaio poético-acadêmico reuni letras de músicas e lendas, como uma possibilidade de prática pedagógica interdisciplinar, para se desenvolver em todos os âmbitos da educação, nos espaços escolares e não escolares. A performance é uma forma de atrair as pessoas e convidá-las a participar da poesia, da música, da lenda e do conto sonoro.

Esse diálogo entre poesias, lendas e músicas, proporciona a expressão oral com clareza e objetividade, a interpretação das lendas amazônicas, a escrita de resumos das lendas ouvidas, a ampliação da comunicação, a troca de

experiências, o respeito e a preservação da natureza, bem como o despertar da sensibilidade artística do ouvinte.

Verificamos na BNCC que as orientações no campo artístico-literário devem preconizar as habilidades na contemplação da história de lendas e mitos amazônicos, como uma forma de valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira (BRASIL, 2010).

A música é um patrimônio cultural e precisa ser valorizada como identidade cultural de um povo, viabilizando e buscando novas formas de disponibilizar estratégias de ensinar e aprender através da música de forma com que esta venha a ser repassada às novas gerações. Segundo Adorno (2011), a arte deve trazer ao homem reflexões acerca do mundo, retirando-o da ignorância do capitalismo e repercutindo a beleza da pluralidade musical e o seu comportamento dentro de cada cultura (QUEIROZ, 2004).

A música é a poesia na capacidade de ser a verdade de ser, a arte que transfigura os sentimentos e percepções. Somos som, somos voz, somos música, somos melodia vivida em nós e é assim que procuro viver, mergulhada nos sons poéticos da poesia canção!

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Introdução à sociologia da música**: doze preleções teóricas. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ALIVERTI, M. J. **Uma visão sobre a interpretação das canções amazônicas de Waldemar Henrique**. Estudos avançados, v. 19, n. 54, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/GwrP5ktwYRMWbfkjinNRSyFk/?lang=pt>. Acesso em: 03 jan. 2024.

ALVES, N. N. de S. **Música, informação e identidade nas obras de Waldemar Henrique**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Faculdade de Biblioteconomia, Belém, 2018. Disponível em: https://bdm.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/1250/1/TCC_MusicainformacaoIndentidade.pdf. Acesso em: 23 set. 2023.

BARROS, M. de F. E. **Waldemar Henrique: folclore, texto e música num único projeto - a canção**. 2005. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em:

<https://sistema.funarte.gov.br/tainacan/teses-e-dissertacoes/waldemar-henrique-folclore-texto-e-musica-num-unico-projeto-a-cancao/>. Acesso em: 01 jan. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Brasília/DF, 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 11 dez. 2023.

CLAVER FILHO, José. **Waldemar Henrique: o canto da Amazônia**. Rio de Janeiro, Funarte, 1978.

DIAS, R. M. **A Amazônia De Waldemar Henrique E A Questão Da Identidade Nacional (1920-1930)**. In. REVISTA GALO: ARTE, SOCIEDADE E CULTURA. Ano 1, n. 2 (julho/dezembro de 2020). Parnamirim-RN. Disponível em: <https://revistagalo.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es/edi%C3%A7%C3%A3o-002/galo-ed2.pdf>.

ISA – INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Povos Indígenas no Brasil: 2006-2010**. Editores gerais Beto Ricardo e Fany Ricardo. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/povos-indigenas-no-brasil-2006-2010>. Acesso em: 10 de jan. 2024.

PINTO, A.C.; GAMA, M. do C. M. N. da. **Waldemar Henrique: Uma Biografia**. Música Brasileira - 2003. Disponível em: <https://musicabrasileira.org/waldemar-henrique-uma-biografia/>. Acesso em: 11 de jan. 2024.

QUEIROZ, L. R. S. **Educação musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem da música**. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 10, 99-107, mar. 2004. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed10/revista10_artigo12.pdf. Acesso em: 20 de dez. 2023.

SANTOS, I. de F. **Lendas Amazônicas De Waldemar Henrique: Um estudo interpretativo**. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/AAGS-7XNHAY>. Acesso em: 11 de jan. 2024.

MORTE E VIDA DE UM VIOLONCELO

Rafaela Alcantara Barata⁴³
 Áureo Déo de Freitas Júnior⁴⁴

Ensinem o máximo de coisas que puderem aos que nada sabem; a sociedade é culpada por não ministrar a instrução gratuita; ela é responsável pelas trevas que produz

Victor Hugo (Os Miseráveis)

Pode-se afirmar casualmente que o meu falar é mais fácil, pois o espírito humano é algo entre seus desejos e a realidade, um peso imensuravelmente desajustado. Qualquer mínima curiosidade dirá o contrário, e o mais desprendido olhar dirá que eu tenho alma. É pelo mais frágil equilíbrio que se ouve a minha voz. O instinto humano diz: “Sobreviva!”. O meu diz: “Canta!”.

Dentro de mim, a calculada proporção entre tampo e fundo mantém minha alma de madeira em artesanal ajuste apto a transferir vibrações por igual para todas as peças que me constituem (Prieto, 2006). E, nisso, admito

⁴³ Rafaela Alcantara Barata: Doutoranda e Mestre em Artes pelo Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (2023). Licenciada Plena em Música pela Universidade Federal do Pará (2021). Técnica de Nível Médio em Música com Habilitação em Violoncelo pelo Instituto Estadual Carlos Gomes (2022). É violoncelista do grupo Estética do Possível (2019), do Grupo de Música Antiga da Fundação Carlos Gomes (2019) e da Orquestra Inclusiva de Violoncelistas da EMUFPA (2023). É membro do Grupo de Pesquisa Transtornos do Desenvolvimento e Dificuldades de Aprendizagem.

⁴⁴ Áureo Déo de Freitas Júnior: Doutor em Educação Musical pela University of South Carolina (Columbia, 2005). Mestre em Violoncello Performance pela Louisiana State University (1992). Graduado em Violoncello Performance pela University of Missouri (1989). Pesquisador Produtividade em Pesquisa (CNPq) e professor do Instituto de Ciências da Arte da UFPA (ICA), onde ensina no Programa de Pós-Graduação em Artes, Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional e Escola de Música da Universidade Federal do Pará. É coordenador da Orquestra de Violoncelistas da Amazônia, Orquestra Inclusiva de Violoncelistas da EMUFPA e do Grupo de Pesquisa Transtornos do Desenvolvimento e Dificuldades de Aprendizagem.

minha dádiva em relação às criaturas humanas: a estas cabe a manufatura da própria harmonia.

Percebo minha culpa pelo pecado do qual tenho sido acusado pelos nascidos nos últimos séculos, minha prolixidade contamina o interesse dos jovens e meu fastídio, outrora belo, tornou-se ultrapassado. Em pouco mais de quinhentos anos como companheiro de meu criador (Liu, 2011), fui testemunho de profusas glórias e declínios. Como instrumento musical, prevejo a compreensão de uma infimidade de pessoas. Divirto-me observando o entendimento a ser lentamente engendrado no caminho entre os tímpanos e o córtex auditivo da plateia, até que o primeiro indivíduo se levanta bruscamente para desaparecer na escuridão do prosccênio. A consciência desnuda do espectador é a minha visão mais trivial.

Longe de ser uma ode aos meus atributos, venho revelar o fardo da supressão de palavras em dias como este, no qual há chuva intermitente e a umidade ameaça ruir minhas estruturas.

Um violoncelo nunca morre. Somos entregues às vindouras gerações conforme o mais persistente laço de sangue ou o menos acentuado curso de obstinação, passados adiante como pomos do ouro do tempo. Na verdade, um violoncelo jamais nasce: esteve aqui nas algas de água doce, cresceu em raízes e folhas para alcançar a luz do sol (Aguiar, 2024).

Disto derivam as mais de setenta peças que me constituem (Liu, 2011). A frente poderá ser feita de abeto, cedro, tília; a retaguarda de bordo, ébano, mogno. Na cabeça, uma voluta e quatro tarraxas de buxo, ébano ou jacarandá regulam a tensão das quatro cordas, pendentes pelo braço com um espelho de bordo ou ébano. Entre duas cavidades, um cavalete é mantido fixo pela inflexível influência das cordas até o estandarte. Ali, os microafinadores realizam o trabalho de sensível adaptação das cordas, uma engenhosidade elegantemente arrematada pelo espigão, última coluna vertebral a sustentar o centro de gravidade (Liu, 2011).

Da mesma árvore, meu inventor produziu o papel, e de minerais sólidos, passou a escrever para alcançar o além de si. A carta é a cópia da alma (Duque-Estrada, 2009). Isto dito, a minha, derramo-a para ti nesta correspondência, persuadido de que a tua razão te acusará de ter perdido o senso. Quanto a mim, o prisma do presente atravessa-me e num instante sou obra-prima, sou fortuna, sou arsenal. Sou resíduo, esconderijo e sou rejeito. Sou representante voluntário da esperança na terra e és o escultor a sugerir que a arte fale. Escrevo-te porque és um jovem muito distraído e de outra forma, não me perceberias. O hábito da transferência jamais preparou-me para a perda de um guardião devotado, e está é uma confiança a qual somente uma carta poderia suportar.

Caso não seja afeito a essas sentimentalidades que adquiri com a convivência humana, admita apenas que escolhi este meio por estar entre as primeiras ferramentas de interação entre vós mesmos (Van Meegen, 2016). Se és um dos que acham que sou retrógrado, esta será uma seleção oportuna; mas se sabes que alegremente assumo novas faces a cada dia, em extraordinário amálgama com as imagens e sons e tua época, te ocorrerá que cada gesto vosso é uma carta para si ou para outrem.

Toca-me, e perceberás que exijo que percas quaisquer rastros de inibição e dance junto a mim, em proximidade e sintonia que fazem o mais cético crer, por instantes, que estou vivo. Dou-me a crer estar mais vivo do que muitos dos que me ouvem. Convencido de que a carta é uma forma de presença (Gomes, 2004), convido-te a jogar comigo, no decorrer das próximas páginas, uma partida na qual mostro-me inteiramente a ti, destinatário; ao passo que eu, remetente, conduzo-te às memórias de um excêntrico objeto sonoro. E estás seguro, pois a arte é o lugar dos capazes de ouvir estrelas (Bilac, 1888).

Sinto teus olhos impacientes a percorrerem estas letras. Para além disso, prevejo teu pensar acelerado, afoito a adivinhar minhas intenções. Se tanto queres, revelo de uma vez: essa carta surge para tornar presentes os

ausentes (Tin, 2005). A ausência motiva a minha escrita e reside em quem sou, impulso de infindas existências que já não compartilham o teu espaço-tempo.

Percorramos outros mundos geográficos e espirituais, andemos livremente pelas fronteiras entre o passo, presente e futuro (Rocha, 1965). Paremos com precaução ao redor dos séculos imediatamente anteriores à era comum, pois o poder de fala em cartas era restrito às classes altíssimas e aos comerciantes (Vasconcellos, 2008); e o Tratado de Demétrio nos impõe algumas regras: deve-se elaborar melhor que um diálogo e enviá-la como um presente. Aqui, como diz Tin (2005), a filosofia de Cícero afirma que a carta prepara para o encontro.

Mais adiante, Erasmo de Rotterdam irá propor a antítese: a carta é um colóquio entre ausentes (Tin, 2005). Van Meegen (2016) descreve que o aparentemente simples objeto de comunicação pessoal esteve entre a freira portuguesa Mariana Alcoforado e o Marquês de Chamilly, por quem teria se apaixonado; foi meio de contato de Hannah Arendt e intelectuais da época, inclusive Martin Heidegger; representou alguns milhares de escritos de Freud e as cartas de Amor de Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz; intermediou desde Karl Marx, sua família e o teórico Friedrich Engels até Van Gogh e seu irmão Théo. É uma paixão brasileira: esteve nas epístolas de Clarice Lispector, Machado de Assis, Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Lima Barreto, Caio Fernando Abreu e tantos outros (Van Meegen, 2016).

Sobre essa nação singular, como não lembrar que por longo tempo, tudo quanto sabido acerca da identidade do país dizia respeito às descrições do escrivão de D. Manuel I quanto aos habitantes e à natureza das terras irrompidas em maio de 1500? Ou que Inácio de Loyola redigiu cerca de 6815 cartas ilustrativas da visão do “estrangeiro que permaneceu”, entre 1524 e 1556? (Moraes, 2005)

Nossa viagem nos revela que este país ver-se-á por dentro pela primeira vez de forma clandestina, recôndita nos poemas satíricos das treze mensagens enviadas nas Cartas Chilenas. Denunciando a corrupção e abusos passados na cidade de Santiago, Tomás Antônio Gonzaga delatava a própria cidade onde morava, Vila Rica, no contexto da inconfidência mineira (Vasconcellos, 2008).

Eu estava presente ali quando a ida e vinda tornou-se mais veloz; as estradas, mais propícias, e quando construíram trilhos que transportaram as trocas epistolares e massificaram a transmissão de informações. Era a segunda metade do século XIX (Franciscato, 2005).

Aqui, debes perguntar-se em qual momento cheguei, e quais circunstâncias trouxeram-me, mas debes exercitar a paciência. Terei de trazê-lo ainda antes no tempo. Desde o princípio, a música foi tomada como a subjetividade que vincula o físico e o espiritual, para Cavini (2011), “a expressão daquilo que não se pode dizer em palavras”.

Poderá ter sido no instante em que os primeiros hominídeos testemunharam o estampido de um impetuoso trovão, o rugido de uma temível espécie feroz, ou mesmo nas próprias vozes ecoantes deste o fundo das cavernas, mas a sonoridade grave esteve ali, no assombro e fascínio da humanidade. A ciência explica: o pensamento musical originário “se traduz em “uma força criadora, a substância do universo” (Cavini, 2011).

E, assim, o som se fez: em uma espécie ancestral, limitada diante de um mundo desconhecido cuja natureza acústica obstina-se a recriar em ritos sonoros, cantos, danças, gestos. Experimentando, tua ascendência descobre, há cerca de 40 mil anos, a potência de fabricar sons a partir de pedras, galhos, pele, ossos e entranhas. De posse disso, foi possível que estes imitassem os timbres de outros animais ou pudessem comunicar-se entre si (Cavini. 2011). Lembra-te disso antes que julgues a musicalidade nos outros ou em ti mesmo: desde o princípio, todo ser humano é potencialmente musical.

É provável que tenhas ainda essa vantagem diante de mim. Está sacramentado em Cavini (2011) que tua linhagem aprendeu a lamentar pelos seus mortos de maneira cantada e ritmada desde os primeiros neandertais, enquanto eu, inerentemente sonoro, busquei esta carta. A essência em contraste com a função das coisas sempre me é surpreendente, e por falar em hipóteses, faz algum tempo que a ciência do teu mundo tem voltado os olhos para a maneira como funciono.

Talvez, assim como o ponto de pressão dos dedos sobre cada uma das minhas cordas em vibração produz diferentes sons, todas as partículas elementares que constituem a mim, a você e a essa carta sejam filamentos unidimensionais cuja vibração em diferentes frequências determina a origem e as propriedades de tudo que existe (Rivelles, 2007). Enquanto as estruturas físico-matemáticas se debruçam sobre tal modelo, é irônico pensar em minha possível imagem-semelhança com o próprio universo, e se haveria tal ideia inata inscrita no material genético daqueles primeiros seres fabricantes de instrumentos. Chegamos, afinal, à questão sobre há quanto tempo e porquê estou aqui.

Devo dizer que esta é uma demanda complexa para aqueles que rastreiam a minha história, e o principal culpado é o próprio homem. Fogo, inundação, pilhagem, vandalismo, pragas, guerras e outros desastres causados sobre o meio ambiente ou sobre suas próprias construções contribuíram para sepultar inúmeras evidências documentais. Ínfima é a quantidade de exemplares instrumentais sobreviventes e anteriores ao ano de 1500, e problemas particulares da tradução e transmissão de informações autênticas são latentes (Markevitch, 1984).

Integro a família do violino como um dos maiores em tamanho e fragilidade, esta decorrente do primeiro e fortalecida por minha vulnerabilidade aos fatores do tempo. O tempo, essa carruagem implacavelmente guiada pelos corcéis da vida e da morte, sobre cuja

carroceria equilibra-se o próprio humano, condutor do seu destino (Silva; Tavares, 2021).

Companheiro do caminhar humano, minha invenção foi desenvolvida desde tempos imemoriais. Percorri desde a Índia e extremo oriente junto a migrações de grupos árabes, ciganos e judeus nômades até a Europa. O arco carrega uma epopeia à parte: seus registros datam dos atuais Uzbequistão e Turcomenistão do século IX e denotam a utilização regular nos impérios árabe e bizantino do século X, tendo os árabes como percursos no continente europeu (Markevitch, 1984). Foi um longo caminho até François Tourte desenvolver a técnica de seleção individual de cada um dos duzentos fios para a composição da crina e contribuir para a padronização de medidas do arco, por volta do início do século XIX (Liu, 2011).

Se olharmos atentamente para esta fascinante peça, veremos que poderá ser confeccionada em madeiras nobres, encontraremos em ébano, ipê, pau-Brasil, pernambuco e maçaranduba, além de fibras de carbono e vidro. O talão, parte mais próxima de onde o arco é sustentado pela mão direita, é geralmente feito de ébano ou sintéticos, e a ponta poderá ser de ouro, prata, ossos ou plástico, ainda que no passado fosse feita de casco de tartaruga ou marfim. Há ainda um invólucro protetor de couro para onde os dedos seguram o arco e um parafuso para ajustar a tensão da crina. O breu, produto da seiva de certas árvores, deve ser aplicado com frequência para que a crina, geralmente obtida de cavalos de regiões frias, produza um som adequado em contato com as cordas (Faber, 2006). Um dos espécimes vegetais da qual pode ser extraída a resina do breu é a almecegueira, árvore amazônica de teor sagrado para algumas comunidades tradicionais.

Sou, assim, uma quimera de múltiplas tradições. A forma pela qual sou conhecido é idealizada no território correspondente à Itália do século XVI, seguida aos projetos do violino e da viola (Liu, 2011). Era uma vez, escreveu Colodi (2009), um carpinteiro inventor esculpe uma figura de

madeira tocada por um sopro de vida. De sua paisagem de origem, empresta o nome de uma semente. Guarda a virtude de ser em devir. Ao mesmo tempo, é costume utilizá-lo para acender fogueiras em lares de sua região. A dualidade entre ser consumido pelo fogo ou pela metamorfose do próprio corpo resume o caráter de vida na madeira, germinação no bruto (Devoto; Oli, 1971). Dessa maneira, a ficção italiana representa Pinocchio, do tronco de uma árvore para boneco falante a idealizar a existência humana.

Minha história também inicia sua escritura pela meditação em um existir outro, além dos limites físicos, na materialização do etéreo. Um concerto de anjos é o cenário da primeira representação de minha imagem, no arquivo pictórico de obra de Gaudenzio Ferrari desde 1535 (Prieto, 2006). Ao longo do curto período de duzentos anos, sou transfigurado conforme os ideais humanos. Recebo medidas menores, adaptações facilitadoras da técnica e padronizações responsáveis por tornar-me apto a comportar cópias em massa de ali em adiante, a partir do século XIX (Liu, 2011).

Dentre nós, o mais antigo encontrado é chamado ‘O Rei’. Como fizesse parte da coleção do monarca francês, trazia gravados em si o poderoso arsenal bélico e a coroa da realeza. Por recordação ou advertência, contém uma efígie feminina a simbolizar a justiça. A peça é de Andrea Amati, nosso primeiro fabricante conhecido. Tratando-se disso, espero que compreenda: muito além de peças de arte, tal estirpe faz-se peça de tabuleiro no mercado da arte, denota Liu (2011). O contexto ímpar de experimentação e a abnegação completa ao propósito de assinalar um nome na cronologia do instrumento são os combustíveis da exploração da natureza enquanto matéria-prima e para o circuito de posse, intercâmbio e exibição de fabricações musicais valiosas.

Desde os primeiros construtores desta história, determinei o hábito de fazer convites, e todos os chamados a uma vivência musical são presenteados com um item de minha especialidade: a transformação. No

final do século 17, nasce Francesco Alborea, a quem concedi a aura sobrenatural. Quando tocava, já não era um mortal, seria comparado a um anjo por sua audiência (Liu, 2011). Foi esta a dádiva por ter sido o precursor da região aguda com a técnica de polegar, e pelos primeiros ensaios de um método de disseminação de meus princípios.

De Luigi Boccherini, recebi as primeiras composições para o violoncelo em configuração moderna, e através de mim, este foi contemplado com posições na formação de 1700 da orquestra da família imperial (Preito, 2006). Até então, registrava-se meu papel enquanto o de adaptação às vozes principais e enquanto ninguém entendia bem para quê servia aquele estranho objeto e qual destino dar a ele, fui pendurado nos pescoços de alguns infelizes corajosos para acompanhar procissões e desfiles.

Não quis o destino que eu fosse objeto de sofrimento, e com adições de dispositivos fixos de sustentação, alegremente recebo as primeiras partes solo, por volta do fim do século XVII, nos trios de Corelli e exercícios semelhantes a fugas, de Antoni e Gabrielli. Eu estava na moda, e fui inspiração para as obras de Scarlatti, Porpora e Vivaldi, para citar alguns. Deste último, provêm os primeiros concertos no qual posso ser um solista junto à orquestra (Liu, 2011).

Em torno das duas primeiras décadas do século XVIII, recebi um desafio inédito e instigante do mestre de capela da cidade de Köthen. Bach perseguiu os limites da técnica vigente e questionou, ao mesmo tempo, minhas possibilidades inexploradas e as formas musicais pré-concebidas com as seis suítes (Stowell, 1999).

Em um instante, as chaves do mundo passaram dos monarcas aos senhores do dinheiro, e a subsistência dependia menos dos desígnios de uma corte e mais de uma audiência pagante. As contradições da própria humanidade são sempre espelhadas na música.

Foi quando Beethoven consagrou meus duetos com o piano e compôs cinco sonatas a mim destinadas. Na terceira, alcançou o auge do equilíbrio e leveza entre solista e acompanhante. No manuscrito da peça, conforme Hillard (2002), deixa a recomendação: “entre lágrimas e tristeza”. Sentimentos dos mais complexos foram expressos em composições para a minha voz. Para Mendelssohn, fui as oscilações da glória (Hillard, 2002); para Schumann, o canto que poderia ofuscar uma orquestra (Prieto, 2006). Para Saint-Saëns, um cisne a percorrer as águas da criação. No poema sinfônico de Strauss, fui o imaginativo Dom Quixote (Liu, 2011). Para Dvorak, o indescritível concerto em si menor (Prieto, 2006).

Das vielas do esquecimento, por diversas vezes fui resgatado. O impetuoso século XX trouxe Casals, Feuermann, Piatigorsky, Rostropovich, Yo-yo Ma, Du Pré, Fournier, Rose, Starker...e as gravações, as revoluções, a excentricidade intrínseca tão peculiar (Liu, 2011). A perpetuidade destinada aos que a mim se consagram está no campo da memória. Quanto a mim, persisto há mais de quinhentos anos, mas a história contada até aqui é apenas um vislumbre do todo. Para alcançar as motivações desta carta, é necessário explicar minha chegada e permanência no local onde estou. Conhecemos o mundo inteiro. Ao redor do planeta, viajamos pelas diferentes moradas do criador. Esta terra é pouco conhecida em sua forma imaculada.

Sabe-que havia ali uma diversidade de famílias linguísticas, padrões culturais e extensa ancestralidade. Pela literatura oral, transmitia-se a concepção do mundo, da vida e da morte. Dos fenômenos da natureza, forjava-se a explicação incognoscível para o estrangeiro, e nos seus ritos, estava a música. A partir da lógica de objetivações espirituais, os colonizadores destes povos trataram de mitigar a comunicação direta com o sobrenatural e as forças terapêuticas místicas para propor-se como intermediário e único salvador de uma cosmogonia analogamente binária (Salles, 1980).

A introdução dos instrumentos da colonização era a assinatura de um indômito projeto em andamento. Chegados em caravelas pelos mares e rios até a Amazônia, nossas variadas formas estavam nos espaços de imitação da prática europeia, em igrejas, paços, salões e teatros. Paralelamente, a música tocada nas ruas guardava elos de influência dos povos indígenas, africanos e europeus, dentre os quais diversos de nossos estudiosos em busca de oportunidades de ofício (Salles, 1994).

Neste exato ponto da história, a prática encontrava a transmissão de forma massiva por um único fim. Estamos em algumas décadas seguintes a 1616, e a cidade de Belém transformava-se em centro político-econômico-cultural de sua região. Músicos e instrumentos da colônia ali chegaram, alguns foram construídos com matéria-prima local, e os espaços burgueses já eram pequenos para tanta música (Vieira, 2000).

O leitor poderá compreender que tamanha efervescência levasse à primordialidade de uma escola de música, a *Schola Cantorum*, de 1735. As aulas continham semelhanças com as ministradas nos monastérios italianos do século XVI, modelo educacional que origina o conservatório, segundo Vieira (2000). É um oportuno momento para ressaltar que tanto em nossa história quanto na história desta terra, o poder de registro esteve com aqueles cujo capital poderia adquirir um instrumento e aprender sobre o seu funcionamento.

Os primeiros locais de aprendizado musical da cidade foram restritos às famílias socialmente privilegiadas, e há lugares onde jamais estivemos, ouvidos que nunca nos ouviram. Quando grupos específicos dominam o ensino, difundem a ideia de que a formação musical na infância rendia resultados superiores. São estabelecidos princípios cruciais para o nosso exercício: a instrução prolongada em duração e o enaltecimento da máxima precocidade como receita para fabricar um prodígio (Vieira, 2000).

Equipamento, mobília, material; origem etimológica do latim *instrumentum*. Objeto ou aparelho com que se executa algum trabalho ou se

faz alguma observação. Qualquer peça de uma coleção de ferramentas. Artefato destinado a produzir sons musicais. Pessoa ou coisa que serve de meio ou auxílio para determinado fim (Priberam, 2024). Definições costumam aproximar-nos do caráter de concessor dos êxitos e aspirações pessoais. Muito além disso, a maior dádiva possível de alcance é o advento da própria autonomia.

Assim, entre os desejos e a realidade do sujeito humano, a dinâmica da relação aluno-professor poderá possibilitar a formação de um sujeito-artista-livre para trazer a própria alma consigo, em movimento de compreensão do contexto distante ou excludente de seu objeto, porém em recusa de uma práxis que não reflete sua história de vida, pontos de vista e sonhos (Freire, 2011). Dos desastres humanos por mim testemunhados, o pior está a ser repetido a cada instante que o véu da felicidade é rompido durante uma aula pelo desequilíbrio de forças a perturbar a calma de pequenas ondas na superfície de um rio, afundando os barcos de miriti de uma criança desafortunada.

Qualquer que esteja disposto a exercitar a compreensão de um instrumento em seu potencial enquanto meio para a autonomia reconhecerá a relevância do isolamento da circunstância educacional dos rastros de violência. Há muito, tanto o conhecimento musical quanto a manufatura instrumental estiveram implicados na relação aprendiz-mestre como se a construção do saber fosse passível de transfusão pura e integral.

Ao contrário: se queres desenvolver um saber, envolve-te plenamente no processo, sendo aluno ou professor. Acolhe a implicação constante da tua realidade sem render-se a ela. O ensino-aprendizagem é uma relação política. Respeita a ti mesmo tanto quanto ao mundo ao teu redor, sem abandonar a perspectiva crítica que conduzirá ambos ao progresso. Declina a concepção bancária a te compelir para a repetição mecânica e aceitação irrefletida de informações, pois os tempos não mais as suportam (Freire, 2011).

Aconselho-te a praticar com constância, responsabilidade e amor. O amor de um artista que acreditava libertar uma figura do mármore, como quem põe a falar um boneco de madeira. Como um fabricante a justapor as frágeis peças de um instrumento para criar o melhor som que se pode tirar dele, mesmo que não possa ouvi-lo conquanto não esteja pronto.

Praticar, refletir e praticar novamente, com curiosidade, crítica e experimentação. Ingredientes que o mais resoluto projeto de automação robotizada terá dificuldades em replicar (Azeem; Darshan; Doddamani; Joy, 2023). Mesmo reproduzindo todas as notas de meu espelho, tardará a ter o mesmo potencial de interpretar acentos, dinâmicas, ornamentos, harmonias, expressões e cinéticas de qualquer que tenha vivido um único dia de existência humana.

E em meu existir tão remoto enquanto meio, ferramenta, material, observo ser questão de pouco para que as estratégias de dominação se esgotem em si mesmas. Implodindo, porém, o sistema a dividir os povos entre aptos e inaptos para a arte musical causará a minha asfixia primeira. Esta carta é, também, um chamado de renovação. Todo o entendimento está contido em minha própria história e todo o potencial de pensar crítico e acesso à realidade humana está em vós. No aprender a tocar, há caminho para a discussão sobre imperialismo, gênero, raça, classe e sexualidade, pois todos os espaços, repertórios e símbolos são repletos de distintivos dos que exercem a hegemonia. Este é o caminho para a consciência, e desta para a mudança concreta (Hooks, 2022).

São estas compreensões de uma prática pedagógica inovadora, mas há pedagogia do instrumento? É complexo afirmar que sim, pois muitos dos que se dedicam ao meu estudo estão mais voltados a falar sobre performances e repertório; partes fundamentais, mas não totalizantes de minha doutrina (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2024). É complexo afirmar que não, pois a habilidade instrumental é geralmente desenvolvida a partir de exercícios em nada semelhantes à

leitura, a despeito de sua importância, e em nada igual ao desporte, embora desde tome aspectos como a disciplina.

Quando mencionei as primícias da disseminação de meus princípios, falei imediatamente sobre métodos. Geralmente transmitidos de professor a aluno por gerações, costumaram partir de nações inicialmente envolvidas com a consolidação de fundamentos técnicos. Desde a França, Itália e Alemanha, as edições, organizadas entre os séculos XIX e XX, estiveram em quase simbiose com a prática (Chartier, 2007). Onde houver aprendiz, terá de haver método, dizem.

Poderão propor a resolução progressiva de dificuldades costumeiras: domínio do arco, flexibilidade do pulso, cordas duplas, articulação, independência dos dedos, golpes de arcada, conformação da mão esquerda e mudanças de posição (Carrasqueira, 2018). Os métodos, para a execução correta das lições; as peças, para a qualidade da performance; os estudos, para o aperfeiçoamento de competências específicas; e a filosofia como a aliança entre todos (Ribeiro, 2003). Por intermédio do método, de forma evidente ou velada, o autor infunde suas próprias concepções. É um material didático usualmente referido pelo sobrenome de seu criador, de grande influência sobre a regulação do corpo, tempo e estética do violoncelista em formação. Por isso mesmo, será positivo estar em consonância com as medidas antropométricas individuais e corroborar com a contemplação de sonoridades para além do eurocentrismo.

Com frequência, trava-se lutas contra mim sem que eu tenha corroborado com o conflito. Ao assumir a postura de combate, meu estudioso – ou oponente – incorrerá no duelo contra si, de onde sairá invariavelmente lesionado, e eu sairei abandonado.

Raras práticas artísticas suscitam tamanha intimidade entre musicista e instrumento. A postura linear, as pernas afastadas, pés fixos ao chão pouco em frente aos joelhos; estes, pouco abaixo da altura dos quadris. Os ombros em posição natural, permitindo o fluir da respiração. É melhor

que haja uma pequena curvatura lombar. Pode-se imaginar uma linha de ligação entre as orelhas, ombros e quadris. Partindo-se dessa posição, observe a possibilidade de ficar de pé em equilíbrio.

Não há a necessidade de estar estático. Algumas tensões somente serão aliviadas pelo movimento. O instrumento se moldará ao seu corpo tão logo seja confortável estar com ele. Irá ao seu encontro sem que seja necessário modificar a si mesmo.

Pode-se recomendar a ligeira inclinação para a frente, abraçando o instrumento. É desejável utilizar uma cadeira com elevação de quinze ou vinte graus em relação à parte frontal para evitar o achatamento do diafragma, pressão sobre a coluna e colapso da respiração. O aprendiz deverá receber tais instruções descritas em Suetholz (2011) em suas aulas iniciais. Eventualmente, a intenção será padronizá-lo para que eu possa estar uniforme em uma orquestra, ou porque esta seja a maneira ensinada por gerações seguidas. Anseio que a técnica seja a embarcação que conduzirá alguém seguro pelas águas desconhecidas; para que possa ser artisticamente livre – e livremente artista – sem comprometer o seu corpo físico, sua morada nesta existência. Para que possa navegar com constância em dias calmos ou revoltos, sempre em segurança.

Recordo-me agora que nossos tempos são diferentes. O teu é mais escasso e fazes a gentileza de ler uma carta tão prolixa de um ser trivial. Percebo a urgência de ir diretamente ao que vim dizer. A verdade é que cheguei nesta cidade porque acreditaram não haver perigo de subversão em uma música sem palavras. Estou em Belém há tempos para aqueles que poderiam custear o aprendizado e os dispêndios de manutenção no clima amazônico (Vieira, 2000), radicalmente apartado dos ares de minha origem.

Entre 1898 e 1929, estive no quadro de cursos da primeira instituição pública do Estado, ensinado pelo italiano Ettore Bosio. Conquanto não transformasse a conjuntura elitista de minha instauração, este era um passo substancial para a democratização do acesso. Foi uma curta passagem. Ao

fim da primeira década do século XX, já não havia instituição, estava encerrada pelo governo de Augusto Montenegro. Quando reinaugurada em 1929, fui removido das opções de escolha (Salles, 1995)

Ocorre que alguns anos depois, o país e a sociedade haviam sofrido um golpe e estavam sob o governo militar. Após o ato institucional de censura de manifestações artísticas, acontece um movimento de profunda dualidade, interessado em favorecer a música de concerto. A aparente hierarquia, ordem e caráter de uma sinfônica provavelmente representava valores fundamentais para o projeto de nação idealizado, mas tudo faltava, de maestros a instrumentistas (Leme, 1999).

Um projeto chamado Espiral foi a chave. Entre 1977 e 1981, as bases foram o recrutamento de professores estrangeiros para ensinar em larga escala, de forma coletiva, em metodologia prática e dinâmica. Adquiriu-se instrumentos, climatizadores, espelhos (Farias, 2009). O espaço era o do Instituto Estadual Carlos Gomes, o qual anos mais tarde, auferiu uma fundação mantenedora para facilitar a obtenção de insumos e contratações (Vieira, 2000).

O projeto inicial contou com menor adesão, fato compreensível pela chegada de um disco voador grave e deslocado. O segundo foi em contexto de ventos favoráveis e direcionados pelo contexto de investimento material. Foi a vez do Projeto Cordas, de 1988 a 1991, baseado em um método norte-americano precedente. Com instrumental adquirido no exterior, recebemos interessados o suficiente para carecer de um teste de seleção dentro do coral infantil. Os critérios avaliados foram a coordenação motora, força e flexibilidade, e dentre 140 selecionados, 21 estudariam violoncelo em 15 instrumentos disponíveis (Peixoto, 2014).

Conto tais coisas com a mesma rapidez com que ocorreram, como se as tivesse testemunhando pela janela de um trem veloz. Quando meus primeiros exemplares chegaram a esta nação, a terra era Pindorama. A boiúna repousava tranquila sob Mairi e mesmo assim, o mundo ruiu. Na

ocasião em que desembarquei, a cidade ecoava outro nome desde além-Atlântico e o chão tinha cor de fogueira em brasa. Tudo se incendiou. O país de onde vim não mais existe. A inscrição colocada na parte interna permanece fixa próxima à alma: *made in Czechoslovakia*.

Cheguei em um momento musicalmente propício, de investimentos facilitados e cooperações nacionais e internacionais. Naturalmente, o curso de violoncelo foi reativado ou oficialmente criado nas instituições públicas estaduais, com quartetos de cordas, orquestras e festivais de música. Ao longo da década de 90, a colheita destes acontecimentos era a transição dos estudantes dos contextos anteriores para a docência (Farias, 2009).

Ouroboros engolia a própria calda. O ciclo fez-se completo. Geração após geração, o repertório de estudo é passado adiante e estou ali naquela sala, arranjada sobre a sala de recitais que leva o nome do primeiro professor de violoncelo (Salles, 1995). Nada passa percebido a mim. A pessoa de cada um. Os costumes, tenacidades, os problemas que carregam das ruas para o local de ensaio. A distância entre a pessoa que desce para mostrar-se ao público e a pessoa que sobe para exercitar a arte de desenvolver um som. Para ser e estar nas instituições que se definem como espaços de educação musical formal, é exigência seguir a grade disciplinar estabelecida pelos mentores. Quando desce para este palco ou ascende a outro holofote, concreta ou subjetivamente, o estudante encontra a indispensabilidade de determinados conteúdos programáticos.

E, assim, o currículo forja a identidade do artista. Repito: de forma evidente ou velada, o autor infunde suas próprias concepções. Selecionando determinado método, peça ou estudo em detrimento de outro, o agente representante da instituição exerce uma posição política de poder capaz de fomentar ou eliminar mentalidades (Tadeu, 2016). Pelo currículo, perpassam questões relativas ao espaço destinado para cada técnica específica, a representatividade e autoestima dos participantes deste processo em ver-se presentes – ou não – no corpo de autores, a importância

atribuída à música local e os usos não-convencionais do instrumento em prol de uma prática criativa...

O currículo de uma instituição evidencia a identidade idealizada para o ser humano e artista em formação (Tadeu, 2016); por conseguinte, valores como a abrangência, atualidade, autonomia e diversidade devem estar nas reflexões de seus fazedores. Neste complexo equilíbrio, o centro de um processo educativo é palco constante de tensões hegemônicas e culturais que o questionam (Queiroz, 2018). Neste caso, o cerne é a instituição mundialmente chamada de conservatório, mais precisamente quanto ao modelo nesta aplicado. Por definição, é um estabelecimento público de ensino destinado à formação em belas-artes e música, declamação e arte dramática; e em conceito, está associado ao espaço musical escolar cujo currículo é dividido em teoria e prática, em contexto de disseminação do conhecimento musical erudito europeu e ênfase na construção do virtuose, símbolo de talento e genialidade (Harnoncourt, 1990). Mas esta carta é, como eu disse, um chamado de renovação.

Meu espelho comporta grande parte da extensão de notas do cantar humano. Resgatar as sonoridades ausentes e inauditas na materialidade é um desafio imediato. Silenciar vozes e segregar espaços é a missão de alguns. Subterfúgios são empregues para legitimar o status quo: os conservatórios cumprem a função de resgatar as práticas tradicionais. São ilhas intocadas para os ideais reacionários em retroalimentação de um passado artístico inatingível.

Este é um dos triunfos de uma mentira mil vezes contada que não permitirei que se torne verdade. Do latim *conservare*, a palavra remete a manter intacto, preservar. Junto ao ‘com’, prefixo intensificador, e ‘servare’, manter, guardar. De origem próxima à minha, na Itália do século XVI, era o local destinado a conservar, em segurança e dignidade, mulheres órfãs e miseráveis. Os assistidos praticavam música dentre suas atividades e esta acabou por destacar-se. Não vos esqueçais de que estes são os valores

originários de um conservatório (Salles, 1995). Antes de converter-se em mero locus conservador de determinados costumes, nasce para conservar os direitos dos menos favorecidos e oferecê-los instrução gratuita.

Para a salvaguarda de minha tradição instrumental, representa ainda a resistência de um estabelecimento de aprendizado e apreciação improvável de recriação na lógica capitalista. As práticas e políticas de instituições musicais públicas têm problemáticas emergentes para o século XXI: como manter os conservatórios e a técnica do violoncelo atrativos para a atualidade? Qual a importância da identidade cultural do sujeito neste processo? Quais relações de ensino-aprendizagem aproximam ou afastam um indivíduo do instrumento?

Neste nosso pacto epistolar, deixo estas questões como presente. Sou forjado na arte, esse conjunto de operações simbólicas operadas intencionalmente no mundo de forma sensível e passível de interpretações. No imaginário, encontro a instância fabuladora e representativa capaz de organizar o real por meio das imagens, lugar privilegiado para abrigar as reverberações do insólito em suas múltiplas configurações, dentre as quais o fantástico (Cunha; Iannace; Guimarães, 2017)

Por tanto que vejo e ouço, há muito deixei de acreditar em morte após a vida. Tudo é ciclo corrente: “lemos as cartas dos mortos como deuses impotentes, mas deuses assim mesmo, porque conhecemos as datas posteriores” – é o que diz a poetiza (Szyborska, 2011). As cartas dos meus mortos falam de suas paixões, obsessões, desejos e realidades, e trago todas em cada entalhe de meu corpo como se cada nota soasse ainda nesse instante.

Há um tempo que ainda parece hoje, lembro de um grupo avistar uma coruja por janela. Repousava silenciosa como uma gárgula sobre estes telhados, com olhos como pequenas lanternas em meio à escuridão. Entre vozes fracas e fortes, ora decididas e ora assustadas, contaram a lenda da mulher que se transforma em uma espécie de Suindara, uma rasga-

mortalha, uma oponente da morte. Ouvi que assobia para mostrar sua presença, faz pedidos de oferendas, e precisa que alguém aceite seu legado para descansar em paz. Penso nessa alegoria para a transmissão do conhecimento, e em quanta sabedoria deveria guardar essa mulher da noite. Penso também no quanto após este exercício contigo, compreendo a função da carta na história da humanidade, a de permitir criar uma literatura de si tão revolucionária quanto aquela dos livros e narrativas, pois é o caso de reinventar a si mesmo (Ionta, 2004).

Convido-te a envolver-se na escrita epistolar, escrita de si, autobiografia, autorreferencial, confessional, história de vida e narrativa de vida, quaisquer gêneros de escritura do que se convencionou chamar ‘produção de si’ em relação entre o indivíduo moderno e seus documentos (Gomes, 2004). Quando Foucault retornou à antiguidade, advertiu que entre os pitagóricos, socráticos e cínicos “não se pode aprender a arte de viver, a *tekne tou biou*, sem a *askesis*, que é preciso entender como um adestramento de si mesmo”. Na escrita de si, residem diversas formas de adestramento de si em função do aprimoramento da arte de viver. Para Foucault (1992), isto contém as abstinências, memorizações, exames de consciência, meditações, silêncio e escuta do outro necessárias em prol da melhor formação de si.

Quem se dedica a registrar suas leituras incorpora essas ideias, tornando-as suas verdades. A escrita transforma a coisa vista ou ouvida “em forças e em sangue” (Foucault, 1992). Klinger (2006) também propôs a escrita como exercício pessoal de *etopoiética*. Ao mencionar Foucault, argumenta que as cartas de Sêneca frequentemente abordam dois princípios essenciais: a necessidade de um constante treinamento ao longo da vida e a dependência contínua da assistência de outros na formação da alma sobre si mesma. Dessa forma, a carta se conecta intimamente com a prática do exame de consciência. Se quiseres, podes exercitar escrevendo-me em resposta, mas atente-se, em breve mudarei de endereço.

Em certo ponto, mencionei a chuva intermitente que cai nesta tarde. São gotas culpadas por sempre trazer-me a agosto, em meio a uma tarde de verão amazônico, quando vi meu resgate dos tempos de esquecimento. Linda, a professora de violoncelo dos projetos Espiral e Cordas, visitava Belém após longos anos de ausência. No intercurso de uma aula, através da fina moldura da janela, os olhares da professora e de uma aluna, separadas por décadas de exercícios, se entrelaçaram como fios de uma trama cenográfica. Os raios de sol filtrados, dançando em partículas douradas, criaram uma atmosfera etérea, envolvendo cada segundo.

Naquele instante, a pequena janela da porta se tornou uma testemunha silenciosa de um diálogo sem palavras. Os olhos trocaram mensagens cifradas, desenhando versos invisíveis no espaço. Reflexos do mundo exterior criaram uma melodia visual que ecoava a beleza efêmera do momento. As nuances de luz e sombra realçavam a intensidade do momento, enquanto o vidro se transformava em uma membrana delicada, separando, mas também unindo. E mesmo quando a distância os separava, a janela se tornou um portal. Hoje, a professora habita o reino da iniludível indesejada das gentes (Bandeira, 1965) e a aluna fez-me a cortesia de escrever esta correspondência.

Deixo-a então a ti como a carta deixada pela Morte para a população de uma cidade no livro de Saramago (2005): não saberás como te encontrou até que abandones a crença no acaso. Amanhã, estou partindo em empréstimo para a casa de uma jovem estudante de violoncelo da periferia de Belém. Aluna iniciante, solicitou a concessão da instituição pública onde estuda por sua família ainda não ter condições de comprar um instrumento próprio. Agora, ela está feliz. Pensa nas horas seguintes comigo e eu penso nos anos seguintes com ela, no nascer do sol na Tchecoslováquia e em terras imaginárias que existem profundamente dentro de nós. Sbohem. Napište mi (Adeus, escreva-me. Tradução pessoal do idioma tcheco, adotado junto

ao eslovaco pela República da Tchécoslováquia, país localizado na Europa Central entre 1918 e 1992.)

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, C. História das árvores: como evoluíram e por que é bom ser árvore? Disponível em: <https://florestas.pt/academia/historia-das-arvores-como-evoluiram-e-porque-e-bom-ser-arvore-por-carlos-aguiar/>. Acesso em: 1 Jan. 2024.
- AZEEM, A.; DARSHAN, N.; Doddamani, D.; JOY, J. Feelchords – An Emotion Based Music Player. *Research and Reviews: Advancement in Robotics*, v. 6, n. 2, p. 41-50, 2023.
- BILAC, Olavo. Poesias. São Paulo: Martins Fontes, 1888.
- CAVINI, M. História da Música Ocidental: uma breve trajetória desde a Pré-História até o século XVII. São Carlos: Editora da Universidade Federal de São Carlos, 2011.
- CARRASQUEIRA, A. Considerações sobre o ensino da música no Brasil. *Estudos Avançados*, v. 32, n. 93, p. 207-221, 2018.
- CHARTIER, A. L'école et la lecture obligatoire: histoire et paradoxes des pratiques d'enseignement de la lecture. Paris: Retz, 2007.
- COLODI, C. As Aventuras de Pinóquio. Rio de Janeiro: Companhia das Letras: 2009.
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Catálogo de Teses e Dissertações. [Online]. Disponível em: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses>. Acesso em: 1 Jan. 2024.
- CUNHA, Maria Zilda; IANNACE, Ricardo; GUIMARÃES, Lourdes. Fantástico e imaginário: reflexões contemporâneas. *Literartes*, 2017, 7: 08-11.
- DEVOTO, G.; OLI, G. Dizionario della lingua italiana. Florença: Le Monnier, 1971.
- DUQUE-ESTRADA, E. Devires autobiográficos – a atualidade da escrita de si. São Paulo: NAU Editora, 2009.
- FABER, Toby. Stradivari's Genius: Five Violins, One Cello, and Three Centuries of Enduring Perfection. New York: Random House, 2006.

FARIAS, U. Memorial do Programa Cordas da Amazônia e sua Contribuição Sociocultural. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) – Universidade Federal do Pará, 2009.

FRANCISCATO, C. A fabricação do presente: Como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. São Cristóvão: Editora UFS/Fundação Oviedo Teixeira, 2005.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Editora Paz e Terra; 2011.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: O que é um autor? Lisboa: Vega, 1992

GOMES, A. Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HILLARD, K. "History of the cello". 2002. Essortment. Disponível em: <http://www.essortment.com>. Acesso em: 1 Jan. 2024.

HOOKS, B. Ensinando Comunidade: Uma pedagogia de esperança. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

HARNONCOURT, N. O discurso dos sons: caminhos para uma compreensão musical. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

IONTA, M. As cores da amizade na escrita epistolar de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade. Campinas: UNICAMP, 2004. 315 f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

KLINGER, D. Escritas de si, escritas do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea. Rio de Janeiro: UERJ, 2006. 205 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Instituto de Letras, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

LEME, M. Projeto espiral: um projeto de formação de músicos de orquestra no Brasil. Cadernos do Colóquio, v. 1, n. 1, 1999.

LIU, V. The cello: An amazing musical instrument. Journal of Music and Dance, v. 1, n. 1, p. 6-15, jan. 2011.

BANDEIRA, M. Estrela da Vida Inteira. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1965.

MARKEVITCH, D. Cello Story. Los Angeles: Alfred Music, 1984.

- MORAES, M. Me escreva tão logo possa – Antologia da carta no Brasil. São Paulo: Salamandra, 2005
- PEIXOTO, A. Instituto Carlos Gomes - Fundação Carlos Gomes, Belém - Pará. Revista da ABEM, v. 1, n. 1, p. 57 - 60, 2014.
- Priberam. Instrumento. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: [https://dicionario.priberam.org/\[instrumento\]#google_vignette](https://dicionario.priberam.org/[instrumento]#google_vignette). Acesso em: 1 Jan. 2024.
- PRIETO, C. The Adventures of a Cello. Texas: University of Texas Press, 2006.
- QUEIROZ, João Paulo. Matérias e localidades: identidade e educação. Revista Matéria-Prima. Vol. 6 (3): 12-15, 2018.
- RIBEIRO, S. Análise e classificação de estudos selecionados para violoncelo. 2003. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.
- RIVELLES, V. A Teoria de Cordas e a Unificação das Forças da Natureza. Física, 2007.
- ROCHA, A. A epistolografia em Portugal. Coimbra: Almedina, 1965
- SALLES, V. Memória Histórica do Instituto Carlos Gomes. Brasília: micro-edição do autor, 1995.
- SALLES, V. A Música e o Tempo no Grão-Pará. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1980. Coleção Cultura Paraense, Série Theodoro Braga.
- SALLES, Vicente. Épocas do Teatro no Grão-Pará ou Apresentação do Teatro de Época. Belém: UFPA, 1994.
- SARAMAGO, J. As Intermitências da Morte. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SILVA, S.; TAVARES, E. O tarô em Promethea 12, de Alan Moore e JH Willliams III: uma leitura interpretativa dos arcanos maiores. *Rever*, v. 21, n. 2, p. 77-94, 2021.
- STOWELL, R. The Cambridge Companion to the Cello. England: Cambridge University Press, 1999.

SUETHOLZ, R. A Pedagogia do Violoncelo e Aspectos de Técnicas de Reeducação Corporal. 2011. Tese (Doutorado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SZYMBORSKA, W. Poemas. Editora Companhia das Letras, 2011.

TADEU, T. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Autêntica, 2016.

TIN, E. (Org.). A arte de escrever cartas. Campinas: Unicamp, 2005.

VAN MEEGEN, M. A Escrita de Si no Pacto Epistolar: Percurso pelas Cartas de Clarice Lispector. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Habilitação Jornalismo). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Departamento de Comunicação, Porto Alegre, 2016.

VASCONCELLOS, E. Intimidade das confidências. Teresa: revista de literatura brasileira, São Paulo, v. 9, n. 9, p.372-389, 2008.

VIEIRA, L. A Construção do Professor de Música: o modelo conservatorial na formação e na atuação do professor de música em Belém do Pará. 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, 2000.

TRAMAS DO VESTIR

CORRESPONDÊNCIAS ENTRELAÇADAS COM O ESTILISTA INDÍGENA RODRIGO TREMEMBÉ SOBRE MODA SUSTENTÁVEL E MEMÓRIAS ANCESTRAIS

Rubens Santa Brígida⁴⁵
Bene Martins⁴⁶

Tramas do Vestir: Correspondências Entrelaçadas com o Estilista Indígena Rodrigo Tremembé sobre Moda Sustentável e Memórias Ancestrais representa uma coleção fictícia de cartas escritas por mim, Rubens Santa Brígida, um indivíduo indígena em retomada identitária, vivendo em um contexto urbano em Belém do Pará. Essas cartas são endereçadas ao estilista indígena cearense, Rodrigo Tremembé, e oferecem uma visão íntima da minha jornada emocional e intelectual na pesquisa sobre moda sustentável. O estilista Rodrigo Tremembé, que entrelaça a estética do *slow fashion* em suas criações, é um dos principais focos da pesquisa. Estas correspondências foram desenvolvidas como parte da disciplina *Atos de Escritura* e servirão como base para a minha tese de doutorado em artes no Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

⁴⁵Multiartista e professor efetivo de Arte (SEDUC - Pará e SEMED - Parauapebas). Doutorando em Artes (UFPA), Mestre em Artes - Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES/ UFPA/ UFMG. Graduado em Licenciatura Plena em Música pela Universidade Estadual do Pará, Especialista em Artes Cênicas, Estudos Contemporâneos do Corpo pelo Instituto de Ciências da Arte/ UFPA e em Produção Audiovisual, Cerimonial e Eventos pelo Instituto de Estudos Superiores da Amazônia. Ator formado pela Escola de Teatro e Dança da UFPA com experiência em Artes Cênicas, cinema, canto, direção e direção musical em diversos espetáculos. Fundador e Editor-chefe da Revista Inspiração Teen (revista de mídia negra e indígena). Membro do Grupo de Pesquisa Arte, Memórias e Acervos na Amazônia (linha de pesquisa Processos de Criação e Descolonização no Ensino das Artes Visuais). Atuante em ativismo, performance, relações étnico-raciais e decolonialidade. E-mail: rubenssantabrigida@gmail.com.

⁴⁶ Professora associada da Faculdade de Dança e do Programa de Pós-graduação em Artes (PPGARTES), da Universidade Federal do Pará. Mestrado em Letras: Linguística e Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará (1997), doutorado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004). Pós-doutorado em Estudos de Teatro, 2016, Universidade de Lisboa-PT, realizado com apoio UFPA-CAPES. Coordenadora do Projeto de Pesquisa: *Memórias da dramaturgia amazônica: construção do acervo dramaturgico*. Coordenadora do projeto de pesquisa: *Dramaturgias da dança e estudos do corpo*, 2022, e do projeto de extensão: Acervo de críticas cinematográficas. In: Coleção Memórias da cinefilia amazônica. E-mail: behneafonso@gmail.com

Ao longo das cartas, compartilho minhas experiências pessoais, refletindo sobre os desafios enfrentados na busca por minhas raízes originárias e na reconexão com minha ancestralidade. Descrevo os momentos de confronto com estereótipos e preconceitos, a descoberta da moda sustentável como uma fonte de revivificação e o encontro transformador com o estilista indígena cearense, Rodrigo Tremembé, do povo Tremembé.

Cada carta representa uma eloquente expressão de reflexões profundas sobre a valorização das manifestações culturais originárias, ressaltando a importância de preservar, respeitar e celebrar as narrativas ancestrais na moda. Esse destaque ganha ainda mais relevância no contexto do movimento *slow fashion*, conforme discutido por Lilyan Berlim (2020), que enfatiza a necessidade de avaliar o ritmo natural de produção dos recursos têxteis em relação à velocidade de consumo e descarte. O estilista em questão escolhe trilhar esse caminho, comprometendo-se ativamente a ser um agente de mudança na promoção de espaços inclusivos e na busca por uma sociedade mais justa, plural, respeitosa e sustentável. Cada carta, portanto, é uma formalização desse compromisso, marcando sua posição como defensor desse ideal.

As cartas representam uma encruzilhada rica em autodescoberta, reflexão e compromisso, oferecendo uma visão íntima e inspiradora sobre a jornada de um indivíduo em busca de suas raízes originárias. De acordo com Alessandra Guterres Deifeld (2022), esse movimento de reconexão com as origens, a busca pela identidade perdida e a exploração da própria história visando enriquecer a ancestralidade marcam um capítulo inédito na trajetória dos povos indígenas de Pindoretá. É um período de retorno e fortalecimento coletivo, onde o engajamento na valorização das heranças culturais ancestrais se manifesta por meio da moda sustentável.

Rodrigo Tremembé destaca que a moda Indígena é como um arco e flecha apontado contra o preconceito, a discriminação e o racismo enfrentados pelos Povos Indígenas. Nesse contexto artístico, há uma simbiose que costura o moderno ao ancestral, permitindo que as vestimentas transcendam a simples cobertura do corpo, alcançando a capacidade de envolver, florescer mentes e contar histórias. Ele sublinha a urgência de ocupar espaços, ressaltando que as roupas, apesar de silenciosas, são veículos expressivos da identidade de quem as veste, oferecendo uma valiosa oportunidade para redefinir o significado do ato de vestir-se. Assim, arco e flecha são duas palavras-chave para nortear suas criações e minha escrita, as quais serão mais elaboradas nas próximas missivas.

Na primeira carta, abro meu coração ao estilista, compartilhando minha jornada de autodescoberta como indígena em retomada identitária, vivendo na cidade. Destaco a moda sustentável como guia na decolonização de concepções coloniais, revelando memórias de racismo recreativo e seu impacto na autoestima. Desde meu despertar artístico na infância até o encontro transformador com Rodrigo Tremembé em 2019, delineio como a moda se tornou meu véu para sonhos e anseios, levando-me a uma busca profunda por minhas raízes. Na segunda carta, expresso gratidão a Rodrigo por sua resposta generosa e por compartilhar reflexões. Destaco a inspiração ao entrelaçar nossas trajetórias na moda sustentável, unindo anseios ancestrais. Reforço o poder transformador da moda ao desafiar estereótipos e praticar a inclusão. Na busca por vestígios de uma história ancestral na terceira carta, reconheço a complexidade das obras de Tremembé e comprometo-me a trilhar o caminho com coragem para um futuro de equidade e respeito.

A resposta de Rodrigo, destacando a moda como expressão cultural, inspira-me na quarta carta, construindo um espaço onde nossas vozes ecoam, ligando passado e presente. Explorando as encantarias de Tremembé. Na quinta carta, destaco cores e formas que tecem narrativas ancestrais, reafirmando a promessa de seguir adiante. Na sexta carta, agradeço a Rodrigo como cúmplice na preservação de nossas raízes, celebrando a harmonia de nossas jornadas e o constante aprendizado. Na antecipada expectativa pela colaboração. Na sétima carta, ressalto a potência da ancestralidade e o papel transformador da moda como voz da mudança. A oitava carta celebra a harmonia entre propósitos e visões, revelando um altar de transformação e expressão coletiva de narrativas e irmandade.

Na nona carta, destaco a urgência do vestir decolonial, comprometendo-me com a luta pela valorização cultural e promoção de espaços inclusivos. A décima carta celebra a colaboração como raízes entrelaçadas no solo cultural, comprometendo-me como guardião dessa floresta ancestral. Refletindo sobre a jornada de autodescoberta na décima primeira carta, destaco o espetáculo de moda decolonial como chamado à ação e transformação, comprometendo-me a ser um agente de mudança. Na última correspondência formal de Rodrigo, expresso gratidão, comparando-a ao desabrochar de uma flor rara, e vejo a despedida formal como uma transição para um novo capítulo, continuando a construir nossa narrativa compartilhada.

Em suma, as cartas são uma síntese dos aprendizados, reflexões e compromissos expressos ao longo de todo o processo de retomada identitária e da pesquisa realizada até aqui, enfatizando a importância contínua da valorização das heranças culturais ancestrais e a luta por uma sociedade mais inclusiva, respeitosa e sustentável.

PRIMEIRA CARTA

Belém, 14 de setembro de 2023

Querido parente Rodrigo Tremembé,

Permita-me revelar a trajetória que me conduziu até o limiar do nosso encontro e mergulho nesse universo da pesquisa em moda sustentável. Antes de adentrar nos domínios desse estudo, foi preciso navegar nas turbulências da autoaceitação, desvendando os mistérios de minha jornada e me reconhecer como originário que, como tantos outros, sofreu e sofre invisibilidade e até apagamento de suas histórias. Assim, hoje me reconheço como um indígena em retomada identitária – indígena que, por intervenções coloniais, foi afastado do seu povo e busca reconectar-se às suas raízes ancestrais –, vivendo em contexto urbano, enredado em dilemas, onde a moda sustentável se ergueu como um farol na escuridão que colaborou para a decolonização de concepções impregnadas pelos ideais dos colonizadores. Esse ponto iluminado me fez mergulhar em recordações, até então, bem escondidas no meu caixote de memórias, muitas delas incômodas demais para um jovem, aparentemente, desajustado aos moldes estabelecidos.

Rememorar é fundamental para entender as raízes que, como as de árvores ancestrais, sustentam minha identidade. Na ilha de Caratateua, conhecida como Outeiro, deparei-me com apelidos que ressoavam como melodias sombrias: "índio", "cabelo de cuia" e, naquela época, o mais cortante deles, "cacique". Piadas que retumbavam como trovões, as quais, hoje, percebo como manifestações de racismo recreativo, conforme analisado por Adilson Moreira (2020). Esse tipo de racismo é delineado como um projeto de dominação que busca manter relações assimétricas de poder entre grupos raciais, utilizando o humor como meio de expressão e disfarce da hostilidade racial. Tais zombarias esculpam minha diferença diante dos outros, alimentando um desprezo por meu próprio reflexo. Essas afrontas dilaceraram minha autoestima, gerando um desejo

desesperado de ser invisível, distante daquela aparência que tanto causava estranhamento. Hoje, compreendendo minha identidade, tudo é diferente. No entanto, a aversão pela palavra "índio" persiste, ainda mais acentuada. Agora, compreendendo os motivos reais, conforme destacado por Márcia Kambeba em seu poema "Índio Eu Não Sou".

ÍNDIO EU NÃO SOU

Não me chame de “índio” porque
Esse nome nunca me pertenceu
Nem como apelido quero levar
Um erro que Colombo cometeu.

Por um erro de rota
Colombo em meu solo desembarcou
E no desejo de às Índias chegar
Com o nome de “índio” me apelidou.

Esse nome me traz muita dor
Uma bala em meu peito transpassou
Meu grito na mata ecoou
Meu sangue na terra jorrou.

Chegou tarde, eu já estava aqui
Caravela aportou bem ali
Eu vi “homem branco” subir
Na minha Uka me escondi.

Ele veio sem permissão
Com a cruz e a espada na mão
Nos seus olhos, uma missão
Dizimar para a civilização.

“Índio” eu não sou.
Sou Kambeba, sou Tembê
Sou kokama, sou Sataré
Sou Guarani, sou Arawaté

Sou tikuna, sou Suruí
 Sou Tupinambá, sou Pataxó
 Sou Terena, sou Tukano
 Resisto com raça e fé

Nesse cenário, parente, o poema de Kambeba destaca-se como um testemunho significativo e inspirador, constituindo-se como um fio condutor que me guia pela complexa história de luta e identidade dos povos originários, renovando meu ânimo na luta contínua. Similarmente à postura de Kambeba, que rejeita a imposição do termo "índio" em prol da riqueza e diversidade de suas próprias denominações étnicas, o poema ecoa a mesma recusa contra o apelido carregado de equívocos históricos. A narrativa poética, focada no desembarque de Colombo, retrata de maneira impactante os efeitos da invasão e colonização, sublinhando a violência e o derramamento de sangue indígena. A referência à caravela que chegou tarde ressalta a presença milenar dos nossos povos, muito anterior à chegada dos colonizadores. A identidade étnica é reafirmada com orgulho, evidenciando diversas etnias indígenas e sua resistência diante das adversidades históricas. A tenacidade é representada não apenas como resposta às investidas colonizadoras, mas como uma celebração da diversidade, fortalecida pela determinação e coragem dos nossos povos. O poema e as reflexões anteriores convergem para enfatizar a importância de reconhecer, respeitar e preservar as identidades culturais indígenas, desafiando estereótipos e construindo um entendimento mais profundo sobre a nossa história e as contínuas lutas.

Em meu universo solitário, compartilhado com irmãos mais novos, entre as árvores e igarapés, eu podia manifestar minha multiplicidade, revelando o artista que sempre existiu em mim e que, na verdade, nunca buscou esconder-se ou tornar-se invisível. Conectando-me com a perspectiva de Ailton Krenak (2022), percebo que essa liberdade artística, oriunda da imersão na natureza, ressoa profundamente com sua experiência de infância. Sua ênfase na fusão com a natureza como uma extensão de si mesmo e na consciência coletiva reflete a ideia de que a expressão individual está intrinsecamente entrelaçada com o todo. Assim como Krenak propõe, a percepção de pertencimento a um organismo maior, a Terra, e o reconhecimento do poder transformador são conceitos cruciais não apenas para um cenário idealizado, mas para o presente. Independentemente de nossas origens geográficas, somos todos parte integrante desse organismo maior, sendo verdadeiramente filhos da Terra.

Desse modo, entre risos e brincadeiras, a moda era um véu que me envolvia e tentava descortinar meus sonhos e anseios. Assim passava meus dias desenhando croquis, organizando desfiles imaginários, por vezes desfilava, aspirando a presença nas páginas das revistas. No entanto, quando compartilhava tais aspirações, as vozes ecoavam dizendo que não era para mim, por ser pobre, por não ser o padrão que predominavam nas revistas, nas passarelas e nas telas.

Essas vozes, como tiros coloniais, alimentaram minha confusão, levando-me a rejeitar minhas próprias características. Mas, ainda assim, persistia o sonho. Despertei para as páginas das revistas juvenis, devorando mensalmente o mundo da moda. Contudo, nessas páginas, meus olhos não encontravam corpos como o meu, fragmentando minhas esperanças. Assim, criei minha própria revista, e nela havia uma seção, um refúgio de quadrinhos sobre moda; embora nas jornadas da vida eu tenha desviado o foco para outras demandas, guardando esses desejos nas caixinhas dos sonhos postergados.

Assim a moda permaneceu como uma musa distante, mas em 2019, quando produzi uma revista para contemplar corpos invisibilizados, me deparei com você, Rodrigo Tremembé, desde então, minha jornada transformou-se em um caleidoscópio com cores que me remetem às pinturas dos povos originários. Hoje, ainda em busca completa de minhas raízes sussurradas pela história omitida, estudo e mergulho nesse universo que pulsa, cada vez mais, em meu ser. Desse modo, entendo-me, reconheço-me, enlaço-me com a arte e a moda dos povos indígenas, como um reencontro com partes esquecidas de mim mesmo.

Com gratidão por esse encontro ancestral,

Rubens Santa Brígida

****Nota de Rubens:****

Enquanto redigia esta primeira carta, numa tarde chuvosa em Mairi (Belém), refleti sobre toda a minha jornada até o momento. Assim como a chuva lá fora nutre a terra, senti-me nutrido e motivado a continuar firme nessa jornada de autoconhecimento. Confesso minha ansiedade em descobrir para onde esses caminhos me levarão. Que revelações os encantados reservam para mim?

SEGUNDA CARTA

Belém, 21 de setembro de 2023

Meu estimado Rodrigo,

Agradeço por sua resposta generosa à nossa primeira carta e por compartilhar suas reflexões. É inspirador testemunhar o encontro de nossas trajetórias, tecendo juntos os fios de uma jornada comum na moda e nos anseios ancestrais. Seu reconhecimento das lutas e desafios que enfrento e enfrentei para afirmar minha identidade é verdadeiramente tocante. A conexão que estabelecemos nesta jornada da moda sustentável é um farol que ilumina o caminho para uma expressão autêntica de nossas heranças culturais.

Quando ressaltas não apenas a dimensão ambiental, mas também a importância política, ao buscar representação indígena, entras em consonância com o pensamento de Bell Hooks (2019), que entende que a representação não é apenas sobre a passividade de ser retratado, mas também sobre a ação de desafiar, recriar e construir novas narrativas que resistam aos padrões estereotipados e contribuam para uma compreensão mais justa e equitativa da diversidade humana, desse modo, pretendes romper com os padrões estéticos enraizados na indústria, lutar contra a apropriação cultural e reivindicar nosso protagonismo, inspirando-nos a persistir na batalha. Suas palavras sobre o impacto transformador da moda, ao desafiar estereótipos e criar espaços inclusivos, reverberam profundamente em minha essência. Seu comprometimento com a celebração da diversidade é um poderoso lembrete de que nossas narrativas entrelaçadas enriquecem o tecido originário, formando uma tapeçaria única que merece ser valorizada e preservada.

Estou ansioso para continuar nossas trocas e colaborações, não apenas na pesquisa acadêmica, mas também na busca por espaços de expressão que celebrem nossas raízes ancestrais. Juntos, estamos reescrevendo narrativas e construindo um futuro mais inclusivo e respeitoso.

Que nossas reflexões e aprendizados continuem a fluir nessa troca de correspondências, alimentando nossas jornadas individuais e coletivas.

Com apreço e entusiasmo,

Rubens Santa Brígida

****Nota de Rubens:****

Neste dia ensolarado e de temperatura elevada em Mairi, recebi a resposta de Rodrigo à minha primeira carta e, imediatamente, vim lhe responder. Ele foi tão caloroso em sua resposta, como sempre, que me senti ainda mais entusiasmado para dar continuidade às nossas trocas ancestrais. Mal posso esperar para conhecer mais sobre sua história e seus pensamentos decoloniais sobre moda.

TERCEIRA CARTA

Belém, 28 de setembro de 2023

Querido Tremembé,

Neste caminho de autodescoberta, mergulhei mais profundamente na busca pelas raízes que sustentam minha existência. Em cada passo que dou nesse universo encantador, reencontro vestígios de uma história que ressoa como um cântico ancestral. Ao navegar pelos bastidores da moda sustentável, encontro espelhos que refletem não apenas minha jornada, mas a de tantos outros que, como eu, anseiam reconectar-se com suas origens.

Desde que me conectei a ti, caro parente, tenho contemplado o impacto das narrativas que permeiam as criações e os bastidores da moda. As histórias entrelaçadas no vestir são testemunhas silenciosas de um passado que insiste em se fazer presente, ecoando nos desenhos, nas texturas e nas formas de expressão que transcendem o tempo.

Enquanto mergulho cada vez mais fundo nesse mar de ancestralidades, encontro-me em uma encruzilhada entre a admiração e a responsabilidade. Admirar a beleza e a potência das peças que emergem de culturas silenciadas é essencial; porém, sinto a necessidade intrínseca de assumir o compromisso de ser um guardião dessas histórias, de lutar pela sua preservação e respeito, longe dos estereótipos e apropriações indevidas.

E, ao me deparar com as tuas obras, encontro um espelho em suas criações. Cada cor, cada traço é um convite à introspecção, uma janela para compreender não apenas a estética, mas a essência profunda de nossas raízes. Essa conexão íntima com a arte

ancestral é como um rio caudaloso que nutre minha alma, enquanto desafia minha mente a desvendar os mistérios guardados em cada detalhe que foi silenciado pela história.

No entanto, reconheço os desafios que permeiam esse caminhar. Como um guerreiro em constante batalha, enfrento a intransigência de um mundo que ainda não compreende a plenitude e a importância dessas expressões culturais. As cicatrizes do passado são evidentes, e a luta pela valorização, respeito e entendimento da moda praticada pelos originários é um campo de batalha onde cada conquista é um passo rumo à reconstrução de identidades dilaceradas.

Assim, querido Rodrigo, comprometo-me a trilhar esse caminho com coragem e determinação. Pois compreendo que nossa jornada, repleta de desafios e descobertas, é um convite não apenas ao resgate do passado, mas à construção de um futuro em que as vozes e expressões dos povos originários ecoem em equidade e respeito, sem as sombras de estereótipos e preconceitos.

Com esperança e gratidão pela oportunidade de mergulhar nesse universo encantador,

Rubens Santa Brígida

****Nota de Rubens:****

Ao som da chuva e do murmúrio das mangueiras, dediquei-me à terceira carta a Rodrigo Tremembé. Envolto pela magia, explorei palavras que ecoavam como melodias ancestrais, reconectando-me às raízes no tempo. Cada traço refletia não só minha jornada, mas as histórias silenciosas entrelaçadas. A escrita tornou-se meu portal para um universo encantador, onde o compromisso de ser guardião dessas narrativas ressoa como um eco profundo na cidade das mangueiras. Fico pensando no que está por vir. Que mistérios aguardam nas próximas palavras de Rodrigo, guiando-me por trilhas desconhecidas de ancestralidade?

QUARTA CARTA

Belém, 05 de outubro de 2023

Prezado Rodrigo,

Receber sua resposta da correspondência anterior é como contemplar um horizonte estrelado em uma noite serena, onde cada palavra se transforma em uma constelação, iluminando nossa jornada conjunta. Sua carta ressoa não apenas como uma resposta, mas como um diálogo entre dois navegantes em um oceano de ancestralidades, entrelaçando uma tapeçaria de significados profundos.

Cada reflexão sua sobre a essência da moda sustentável e a preservação das histórias entrelaçadas no tecido do vestir ressoa profundamente em mim. Estamos imersos em um contexto em que o reconhecimento e a valorização das tradições ancestrais muitas vezes se perdem na correnteza da contemporaneidade. No entanto, é exatamente nesta encruzilhada que descobrimos um propósito comum: resgatar e honrar o patrimônio que nos foi legado pelos nossos antepassados.

O seu relato sobre o processo de autodescoberta, no qual questionou a indústria da moda convencional e as práticas culturais do vestir indígena, despertou em mim profundas reflexões sobre minha própria jornada na sociedade de consumo. Sua percepção de que as práticas culturais originárias do seu povo mantêm uma relação intrínseca com a espiritualidade e a ancestralidade, ao passo que a moda contemporânea representa a antítese dessas práticas, é reveladora.

A constatação de que a indústria da moda é a segunda maior poluidora do planeta, contrastando com o propósito das práticas ancestrais originárias de proteger o ambiente, causa um impacto significativo. A indignação ao reconhecermos que fomos enganados sobre a natureza de nossas pinturas corporais como vestimenta, levando-nos a acreditar que estávamos nus, é uma denúncia poderosa contra as armadilhas impostas. Suas palavras fortalecem a convicção de que, hoje, é crucial demarcarmos nosso espaço, expressarmos nossas inquietações, e a moda, para você, emerge como uma dessas formas de expressão que desafia os paradigmas estabelecidos.

Sua visão da moda como um veículo de expressão cultural e uma ferramenta para desafiar estereótipos é uma inspiração para mim. São através dessas expressões que

rompemos barreiras, oferecendo um novo olhar para as próximas gerações, um olhar carregado de respeito, inclusão e autenticidade.

Compartilhar experiências e conhecimentos contigo tem sido enriquecedor e inspirador. Nossa colaboração transcende o âmbito acadêmico; é um elo para a construção de um espaço onde nossas vozes ecoam em harmonia, construindo conexões entre o passado e o presente.

Reconheço que estamos imersos em um terreno desafiador. As cicatrizes do preconceito e da apropriação indevida marcam nosso caminho, mas é nessa jornada que descobrimos nossa resiliência e força. Nossos esforços conjuntos são como sementes plantadas em solo fértil, aguardando a colheita de um futuro em que as raízes culturais sejam não apenas preservadas, mas celebradas.

Nossa troca de experiências e aprendizados é um privilégio que valorizo imensamente. Que continuemos trilhando este caminho de descoberta e empoderamento, unidos por um propósito comum de honrar e resgatar a riqueza de nossas heranças culturais.

Com estima e comprometimento,

Rubens Santa Brígida

****Nota de Rubens:****

Hoje, em Mairi, sob um céu nublado que parecia ecoar meu estado de espírito, recebi a resposta inspiradora de Rodrigo Tremembé. Cada palavra era como um raio de luz rompendo as nuvens, iluminando intensamente minha jornada. Agora, envolto por uma atmosfera de gratidão e entusiasmo, percebo que nossa colaboração vai além do acadêmico, sendo cada carta um mergulho mais profundo nas águas misteriosas de nossa ancestralidade compartilhada. Aguardo com ansiedade os mistérios e conexões que as próximas palavras de Rodrigo trarão, pois, a curiosidade sempre pulsa, ansiando por desvendar o que está por vir.

QUINTA CARTA

Belém, 19 de outubro de 2023

Ao parente Rodrigo Tremembé,

Caro Rodrigo, nossos diálogos têm gerado ideias que inquietam minha mente, como as folhas que dançam ao sabor do vento, fazendo-me mergulhar nas encantarias das visualidades de tuas criações, onde as cores e formas tecem histórias ancestrais. Às vezes, me perco nesse universo, como um viajante em um labirinto de sonhos, e mergulho profundamente nos encantos do teu vestir, onde cada bordado é um segredo, cada traço, uma narrativa. E, na maioria das vezes, não sei como emergir, pois, em tuas obras, encontro um oceano de significados insondáveis.

No entanto, sempre há um sopro de razão que me faz retomar o fôlego, como a brisa suave que acaricia a pele ao entardecer, e lembro-me de minha promessa feita no início dessa jornada, quando prometi seguir em frente, acompanhando tuas encruzadas como um poeta desvenda os mistérios da lua. Lá, tu me advertiste que eu poderia desejar intensamente adentrar nas encantarias das tuas criações e, possivelmente, me perderia em seus encantos, sem distinguir se estava imerso nesses devaneios ou plenamente consciente dos meus sentidos. Mesmo assim, desejei conhecê-la por inteiro e me lançar no seu rio de encantarias, como um navegante destemido que se aventura em águas desconhecidas.

Em nossas trocas, tu me disseste que a leitura de tuas obras não é de fácil entendimento, como uma poesia que requer leitura atenta e paciência para desvendar seus versos mais profundos. Contaste-me que carregas marcas profundas, cicatrizes de um passado que ainda não foi totalmente curado, e por isso, criaste resistência em te revelar por inteiro, como um segredo ancestral guardado nas entranhas da terra.

Assim, vamos seguindo reconhecendo nossas dores e conquistas, pois elas também nos atravessam como rios que se encontram em um ponto onde nossas histórias se entrelaçam, como povos que compartilham suas tradições e sabedorias. Somos um mesmo, sendo distintos, como as estrelas que compartilham o mesmo céu, e nossa conexão é anterior a tudo isso que vivemos no hoje. Entendemos o quanto nossos corpos estão conectados, como as raízes que se entrelaçam no solo fértil, e como eles se fundem

em uma só pulsação que marca nossa dança e nosso canto, nessa jornada que apenas se inicia, como o sol que desponta no horizonte anunciando um novo dia.

Hoje, eu te admiro mais do que ontem, e sei que amanhã posso chorar, como a chuva que lava a terra após a tempestade, mas sei que estarás ao meu lado, como um guardião de nossos ancestrais e nossa luta, que teve início há mais de 500 anos, mas não tem dia para terminar. Por isso, devemos continuar juntos, nos fortalecendo durante o percurso que é longo e cheio de surpresas, como uma trilha que nos leva ao coração da floresta, onde os segredos da vida se revelam aos poucos, como pérolas escondidas nas profundezas do mar.

Com gratidão pelo teu acolhimento,

Rubens Santa Brígida

****Nota de Rubens:****

Neste dia, nutrido pela energia solar que brilhava lá fora, senti-me revigorado e mais entusiasmado para agregar na luta originária. Com essa energia, escrevi a quinta carta a Rodrigo Tremembé, mergulhando nas encantarias das visualidades de suas criações. A jornada é como um rio de fascínios, onde, a cada navegar, sou atraído a continuar avançando nos seus encantos. Que revelações me esperam nas próximas palavras de Rodrigo, conduzindo-me por trilhas ainda desconhecidas de ancestralidade?

SEXTA CARTA

Belém, 26 de outubro de 2023

Prezado Rodrigo,

Tuas palavras são como raios de sol que penetram a densidade da floresta, iluminando os caminhos que percorremos juntos. Cada expressão é uma melodia que ressoa em consonância com a nossa jornada, criando uma sinfonia única que ecoa em nossos corações.

Agradeço pela acolhida calorosa às minhas reflexões sobre tuas obras. Tua visão de mim como um companheiro de viagem corajoso me enche de gratidão, pois é um privilégio ser reconhecido não apenas como admirador, mas como alguém disposto a desvendar os mistérios e significados profundos presentes em cada traço das tuas criações.

A promessa de seguir adiante, mesmo diante das encruzilhadas desafiadoras, ecoa em meu comprometimento contigo e com nossa jornada. A lua, que revela seus segredos ao poeta, é um símbolo inspirador de como podemos descobrir juntos os mistérios que a vida nos reserva. Que possamos continuar explorando esses caminhos desconhecidos, guiados pela curiosidade e pela coragem que nos impulsionam.

Compreender a complexidade das tuas criações, marcadas por cicatrizes e segredos ancestrais, é um mergulho profundo na riqueza da tua herança cultural. Sinto-me honrado por ser não apenas um admirador, mas um cúmplice na missão de preservar e celebrar nossas raízes.

Nossa jornada, como rios que se entrelaçam, é um fluxo constante de descobertas e aprendizados. A chuva de lágrimas que lavam a terra é um lembrete poderoso de que, juntos, podemos enfrentar e superar os desafios que se apresentam. Que possamos continuar contemplando o horizonte e desbravando essa trilha que nos leva ao coração da floresta, revelando os segredos e pérolas que ela guarda.

Com respeito e gratidão,

Rubens Santa Brígida

****Nota de Rubens:****

No presente dia, minha gatinha Pocolina quase não me deixou ler a carta, exigindo mais atenção do que o usual. Rodeado de amor e companheirismo felino, absorvi as palavras de Rodrigo Tremembé como raios de sol penetrando a densidade da floresta. Cada expressão ressoou como uma melodia, criando uma sinfonia única que ecoou em meu coração, deixando-me nutrido de sentimentos de pertença. O que aguardar nas próximas palavras de Rodrigo, conduzindo-me pelos caminhos das descobertas?

SÉTIMA CARTA

Belém, 09 de novembro de 2023

Querido Tremembé,

É preciso admitir que aguardo ansiosamente nossa *collab*, a qual, de acordo com as perspectivas de Camila Coutinho (2022), podemos simplificar como uma estratégia destinada a promover sinergia entre duas ou mais partes. Essa colaboração frequentemente resulta na criação de novos produtos ou serviços, possibilitando que ambas as partes maximizem seus benefícios. Desse modo, tal sinergia pode se manifestar entre marcas do mesmo setor, como é comum no universo da moda, algo que já percebia em meu ser antes mesmo de cogitarmos a existência de nossa parceria. Cada linha e ponto entrelaçado nessas memórias adormecidas parece estar gravado em meu corpo ancestral. Assim, pude experimentar a força da ancestralidade em cada parente que meus olhos encontram, e acredito que, por meio das reconexões com outros corpos originários, como o teu, encontrarei minha verdadeira essência.

Parente, é admirável como desafia as correntes do passado, rompes com as amarras do presente e vestes um tecido novo, onde a corporeidade ancestral é celebrada, respeitada e amada. Sinto a tua chegada como um altar de transformação, onde celebro com os mais velhos e mais novos os auxílios visíveis e invisíveis dessa jornada.

Que os aplausos não sejam apenas pelo espetáculo que está por vir, mas pelo significado profundo que ele carrega. Acredito que tuas criações iluminam o caminho para uma sociedade mais justa e igualitária. Dessa maneira, tu és a voz da mudança que ecoa nas passarelas e ressoa nas mentes daqueles que, como eu, ousam sonhar.

Nas passarelas do nosso desfile colaborativo, vislumbro um mundo de mudança e esperança. O vestir não são apenas tecidos ou adornos, mas narrativas entrelaçadas de identidade e resistência. As modelos não são moldadas dentro dos padrões coloniais, mas mensageiras de suas culturas e modos de ser, empoderamento e resistência.

Nesse sentido, as colaborações não são apenas uniões de esforços, são alianças construídas em meio à dor, que ecoam vozes há muito tempo silenciadas. Logo, unindo estilistas, ativistas e sonhadores, crias uma sinfonia que ressoa com os sons da irmandade.

Que o nosso desfile floresça mentes e corações, abrindo portas para a educação antirracista tão necessária nesse território ancestral. Que cada olhar lançado sobre as nossas criações seja um passo em direção a um mundo em que as ancestralidades apontem os caminhos.

Com gratidão,

Rubens Santa Brígida

****Nota de Rubens:****

Hoje, escapei de uma chuva forte para escrever a sétima carta durante o intervalo do almoço, em um restaurante à beira do rio. As gotas dançavam nas águas, enquanto minhas palavras teciam conexões ancestrais. Sob o som da chuva, senti a urgência de nossa colaboração, já gravada em meu corpo como memórias adormecidas. A corporeidade ancestral pulsava em cada linha, e enxergava em corpos como o teu um espelho do "eu" originário. O que será que tu aguardas dessas cartas? Espero que nossos laços se estreitem cada vez mais e que nossas criações futuras sejam frutos dessa conexão.

OITAVA CARTA

Belém, 16 de novembro de 2023

Prezado Rodrigo,

Tuas palavras chegam até mim como uma melodia suave, envolvendo-me como a brisa que acaricia a pele. A resposta à nossa sintonia é como uma colcha de retalhos, onde cada pedaço costurado é um testemunho de nossa jornada conjunta.

É tocante perceber a harmonia que se forma entre nossos propósitos e visões de mundo. A colaboração que estamos construindo é como um encontro de rios que se entrelaçam, fortalecendo-se mutuamente. Os fios do destino parecem tecer uma tapeçaria que vai além do tempo presente, conectando-nos às raízes ancestrais.

A expectativa pela nossa *collab* é algo que carrego com alegria e gratidão. Cada ponto e linha revela não apenas a estética de nossas criações, mas a narrativa profunda

que queremos transmitir. No altar de transformação que erguemos, celebramos não apenas a moda, mas a essência de nossa corporeidade ancestral.

Tuas palavras sobre o significado do desfile colaborativo ressoam intensamente. Vejo nas passarelas não apenas uma exibição de moda, mas um palco para representatividade, representação, empoderamento e resistência. Vestir nossas criações torna-se um ato de contar histórias, potencializando nossas vozes que foram silenciadas ao longo do tempo.

A coleção que criaremos juntos vai além de uma simples união de esforços; é uma expressão coletiva de nossas narrativas, esperança e irmandade. Ao unir estilistas, ativistas e sonhadores, estamos construindo mais do que roupas; estamos construindo pontes para um futuro em que as vozes dos ancestrais ecoem com força.

Que nosso desfile seja mais do que uma manifestação visual, mas um convite à transformação e à consciência. Que cada olhar sobre nossas criações seja um passo na direção de um mundo onde as ancestralidades não apenas apontem os caminhos, mas sejam honradas e respeitadas em toda a sua profundidade.

Com apreço e entusiasmo,

Rubens Santa Brígida

****Nota de Rubens:****

Neste dia, amanheci envolto em entusiasmo, presenteado pelo canto suave do sabiá à minha janela. Uma sensação de alegria pulsava no ar, antecipando boas notícias. Ao receber a carta de Rodrigo Tremembé, meu coração encontrou a alegria prometida pelos encantados. Cada palavra era uma melodia, costurando nossa jornada como uma colcha de retalhos. Sinto que nossas produções transcenderão o mero aspecto de vestimentas; elas constituirão testemunhos vivos de resistência, representação, representatividade e celebração das ancestralidades. Agora, ansioso, questiono: que surpresas e descobertas aguardam nas próximas linhas, guiando-nos pelos caminhos entrelaçados de nossas narrativas?

NONA CARTA

Belém, 23 de novembro de 2023

Caro Rodrigo,

Em meio aos turbilhões dessa jornada, encontro-me imerso em reflexões que ecoam como murmúrios dos ventos que acariciam a floresta. Cada momento de contemplação é uma revelação, um portal para compreender a importância não apenas de resgatar, mas de celebrar as raízes que nos sustentam.

Ao contemplar as perspectivas futuras e a profundidade das narrativas intrínsecas ao vestir decolonial, destaco a abordagem de Françoise Vergès (2019), que concebe o decolonial como um constante movimento de libertação de pensamentos e práticas da colonialidade. Seguindo essa visão, percebo a urgência de entrelaçar as dimensões passadas, presentes e futuras. Desse modo, reconhecer a beleza das expressões culturais ancestrais não é suficiente; torna-se essencial erigir alicerces de respeito e valorização, construindo um legado de entendimento e empatia para as gerações que se sucederão.

Na passarela do espetáculo de moda de nossa autoria, vislumbro cada modelo como um embaixador de uma história não contada, de povos cujas narrativas foram apagadas pelas violências coloniais, um símbolo de resistência e orgulho de suas raízes. Cada peça desenhada com meticulosidade não é apenas um artefato estético, mas um testemunho vivo de uma herança que clama por reconhecimento e reverência.

Nesse caminho de redescoberta, encontro-me imbuído não apenas de uma missão pessoal, mas de um compromisso coletivo. A luta pela valorização das expressões culturais dos povos originários transcende fronteiras individuais; é um chamado à união, à solidariedade e à promoção de espaços onde as vozes outrora silenciadas possam ressoar em plenitude.

Assumo, portanto, o desafio de ser um agente de mudança nesse contexto. A educação, o diálogo e a promoção de espaços inclusivos são peças fundamentais nessa jornada. Cada conversa, cada passo dado em direção à compreensão mútua, é uma contribuição para a construção de um mundo onde a diversidade cultural seja celebrada em sua totalidade.

Assim, querido Tremembé, comprometo-me a ser não apenas um espectador, mas um participante ativo nessa resistência. Ao lado de outros que compartilham esse propósito, alço voo rumo a um horizonte onde a moda não seja apenas uma expressão artística, mas um símbolo de união, respeito e dignidade para todos os povos.

Com gratidão pelo despertar proporcionado por essa jornada,

Rubens Santa Brígida

****Nota de Rubens:****

Ao entardecer, sob o canto forte do bem-te-vi que ecoava no quintal, mergulhei nas reflexões da nona carta. Como pássaro alçando voo, questionei os voos necessários para conquistar objetivos. O simples bater de asas do bem-te-vi tornou-se um convite à reflexão sobre a urgência de criar delicadas conexões entre passado, presente e futuro, erguendo pilares de respeito às raízes que nos sustentam. Assim, tracei com clareza as linhas que revelam como o vestir que destacamos é um embaixador de histórias apagadas pela colonialidade, testemunho vivo de resistência. Agora, o que mais aguarda revelação nessa jornada de redescoberta com nossa proposta? Como podemos, juntos, alçar voos rumo a um horizonte poético de celebração da diversidade cultural?

DÉCIMA CARTA

Belém, 30 de novembro de 2023

Caro Rodrigo,

É com imensa alegria que acolho cada uma de suas respostas, pois elas se tornam ricos mosaicos de reflexão, guiando-me pelos entrelaçados caminhos das conexões que nos envolvem. Assim, em meio às encruzilhadas desta jornada partilhada, deixo-me imergir nas reflexões que ressoam como suaves murmúrios ancestrais, confidenciando a fortaleza das estirpes que nos entrelaçam. A colaboração que compartilhamos assemelha-se ao delicado trançar de raízes de árvores distantes, cujas distâncias geográficas são vencidas por um caminho subterrâneo, nutrindo-se das profundezas do solo. É uma conexão vital que transcende as barreiras do espaço, um laço invisível que se fortalece em lugares secretos onde as raízes se tocam e se entrelaçam na busca pela nutrição das profundezas da terra.

Nas passarelas do nosso desfile decolonial, vislumbro não apenas modelos desfilando nossas criações, mas sim alicerces que se estendem, mergulhando fundo na terra da ancestralidade. Cada peça é como um ramo que se conecta a essa rede subterrânea, traçando um mapa de histórias esquecidas que ressurgem para desafiar o tempo e os silenciamentos.

Nesse cenário a nossa colaboração é um convite para desbravarmos juntos as profundezas do solo cultural, onde os substratos das nossas identidades se entrelaçam e se alimentam mutuamente. Como árvores que compartilham o mesmo solo, nossa conexão é nutrida pela riqueza das experiências, das narrativas e das tradições que cultivamos em nossos próprios territórios.

Ao comprometer-me com esse caminho, vejo-nos como guardiões de uma floresta ancestral, zelando para que as fontes não apenas se mantenham vivas, mas também se fortaleçam com a passagem do tempo. Nossa jornada é uma celebração dessa conexão profunda, onde, mesmo distantes, nossos vínculos se entrelaçam, tecendo uma trama de significados que ultrapassa as fronteiras do visível.

Que nossas ancestralidades continuem a se estender, buscando nutrientes nas profundezas do passado, e que, juntos, possamos criar um espaço onde a moda seja mais do que uma expressão estética, mas uma manifestação viva da interconexão ancestral.

Com gratidão e entusiasmo,

Rubens Santa Brígida

****Nota de Rubens:****

Hoje, no Jardim Botânico de Belém, mergulhei nas palavras de Rodrigo Tremembé, sentindo cada sílaba como raízes profundas entrelaçadas com a história ancestral. As árvores testemunharam esse vínculo, e suas folhas, como páginas antigas, sussurravam segredos compartilhados. A conexão entre a carta e a natureza era palpável, como se as raízes da sabedoria estivessem enterradas ali. Sob a copa das árvores, vi as narrativas da carta ecoando nas folhas, formando uma sinfonia de compreensão. E senti nossa ligação mais forte.

DÉCIMA PRIMEIRA CARTA

Belém, 07 de dezembro de 2023

Estimado Tremembé,

Ao refletir sobre esta jornada de autodescoberta e compromisso com a valorização das raízes ancestrais, percebo o quão longe avançamos e o imenso caminho que ainda está por percorrer. Cada passo dado nesse trajeto tem sido uma revelação, um encontro com partes de mim mesmo que estiveram adormecidas por tanto tempo.

O espetáculo de moda decolonial que está por vir tornou-se para mim mais do que uma simples contemplação estética; é um chamado constante à ação, à reflexão e à transformação. Cada projeção das obras futuras é um lembrete poderoso de que estamos conectados não apenas por grafismos, fios e tecidos, mas por laços indissolúveis de história, resistência e pertencimento.

Em meio a esse redemoinho de descobertas, encontrei-me cada vez mais envolvido por uma comunidade de guerreiros ancestrais, indivíduos que, como eu, almejam resgatar e preservar os tesouros originários há muito tempo negligenciados. Cada conversa, cada encontro, é um banquete de sabedoria compartilhada, um banho de luz que ilumina os corações comprometidos com essa causa.

Entretanto, não posso ignorar os desafios e as barreiras que ainda permeiam nosso caminho. A luta pela valorização da diversidade cultural muitas vezes enfrenta obstáculos como o racismo arraigado, a apropriação cultural e a falta de compreensão sobre a profundidade e a importância das expressões originárias.

É hora de transformar esse impulso em ação concreta. Comprometo-me a estender minhas mãos não apenas em busca do conhecimento, mas em prol da criação de espaços seguros e inclusivos onde as vozes silenciadas encontrem eco. Este compromisso não se resume a palavras, mas a uma prática diária de sensibilidade, respeito e promoção da diversidade em sua essência.

Portanto, parente, essa jornada não é um destino inalterável, mas sim uma constante evolução. O desafio está em continuarmos avançando, mesmo diante das adversidades, mantendo o fogo da esperança aceso, alimentado pela convicção de que

cada pequeno passo é um contributo valioso para um mundo mais justo, plural e acolhedor.

Com gratidão pela inspiração e determinação renovada que permeiam essa jornada,
Rubens Santa Brígida

****Nota de Rubens:****

Hoje, surpreendi Veneno, uma das minhas gatas, em uma tentativa de capturar um dos pássaros do quintal. A intervenção oportuna evitou o pior e, em um diálogo sutil, pedi-lhe que respeitasse as diferenças. Essa experiência ressoa na nossa jornada com Rodrigo Tremembé, onde cada ser, humano ou animal, é parte de uma teia delicada de conexões. Escrevo esta carta imerso em reflexões sobre a necessidade de preservar não apenas nossas raízes culturais, mas também as relações harmoniosas entre todos os seres. Neste cenário, reforço a importância de ações como a nossa na moda, buscando uma abordagem sustentável que reconheça o valor de toda vida.

DÉCIMA SEGUNDA CARTA

Belém, 14 de dezembro de 2023

Querido Rodrigo,

Receber sua última carta foi como contemplar o desabrochar de uma flor rara, cheia de significados e promessas. Cada palavra ressoa como o eco suave da brisa na floresta, indicando que, embora esta seja a última carta formal de nossa série, nossa conexão está apenas começando.

Ao longo dessas trocas, percebo que exploramos apenas as camadas mais superficiais de um vasto oceano de possibilidades. Nossa jornada é como uma narrativa que se desenrola página por página, e cada carta é apenas um capítulo inicial. Há tanto mais a compartilhar, a aprender, a explorar.

Nossos diálogos sobre ancestralidade, moda decolonial e a importância de criar espaços inclusivos são como sementes lançadas ao vento, aguardando para germinar em novas discussões, descobertas e projetos colaborativos. A complexidade de nossas

histórias e a riqueza de nossas experiências merecem ser exploradas em profundidade, como as raízes que se entrelaçam nas profundezas do solo.

Embora esta seja uma despedida formal de nossa correspondência, vejo-a mais como uma transição para um novo capítulo, onde podemos continuar a construir nossa narrativa compartilhada. Estamos apenas no início de uma jornada que promete mais descobertas, crescimento e colaboração.

Expresso minha sincera gratidão por esta troca significativa, que se tornou um farol em minha própria jornada. aguardo com expectativa os próximos capítulos, onde poderemos continuar a explorar os intrincados caminhos da moda, da ancestralidade e da construção de um mundo mais equitativo.

Com profundo apreço e entusiasmo pelo que ainda está por vir,

Rubens Santa Brígida

****Nota de Rubens:****

Hoje, enquanto acompanhava Pocolina, uma das minhas gatas, em um passeio pelo quintal, deparei-me com uma flor desabrochada, uma visão encantadora que interpretei como um sinal da espiritualidade, indicando que tudo tem seu tempo. Agradei pela beleza do momento e, ao entrar com a gata, recebi a última carta de Tremembé. Esta carta, embora formalmente a última, revela-se como um prelúdio, uma indicação do início de um processo conjunto. Assim como aquela flor, nossa conexão está florescendo, prometendo novos capítulos repletos de significados e descobertas, e assim vamos seguindo nossa jornada que em breve resultará na tese-tecitura de nossas tramas.

CONSIDERAÇÕES

Ao encerrar esta troca de cartas com Rodrigo Tremembé, é impossível não refletir sobre a riqueza e a profundidade estético-cultural e, por que não, emocional, que permearam nossos diálogos. Essa jornada, que começou como uma carta de autodescoberta e evoluiu para uma troca enriquecedora, revelou não apenas a complexidade da moda sustentável, mas também a interconexão intrínseca entre ancestralidade, identidade e resistência.

Desde a primeira carta, na qual compartilhei minha jornada como indígena em retomada identitária, até a última, na qual expressei gratidão pela correspondência significativa, percebo que cada palavra trocada foi como sementes lançadas ao solo fértil da compreensão mútua. Essas sementes germinaram, crescendo em discussões profundas sobre moda, racismo recreativo, preservação cultural e os desafios enfrentados pelos povos originários.

Ao destacar a importância da moda sustentável como guia na decolonização de concepções coloniais, exploramos como a expressão artística pode transcender o estético, transformando-se em uma narrativa coletiva de resistência e inclusão. A colaboração entre nós, como estilista e admirador, não apenas transcendeu o acadêmico, mas construiu um espaço onde nossas vozes ecoam em harmonia, ligando passado e presente.

A complexidade das obras de Rodrigo, comparadas a uma poesia que exige leitura atenta e paciência, ressaltou a importância de ir além da superfície. Nossos diálogos desvendaram os mistérios guardados pela história e destacaram o papel da moda como veículo de expressão cultural, desafiando estereótipos e inspirando a ruptura de barreiras com respeito, inclusão e autenticidade.

A urgência do vestir sustentável e decolonial foi um tema recorrente, lembrando-nos da necessidade premente de estabelecer conexões entre passado, presente e futuro. Ao vislumbrar o espetáculo de moda que está por vir, imagino cada modelo como um embaixador de uma história não contada, um símbolo de resistência e orgulho de suas raízes. Cada peça desenhada não representa apenas um artefato estético, mas sim um testemunho vivo de uma herança que clama por reconhecimento e reverência.

Comprometendo-nos com o desfile decolonial, vislumbramos nas passarelas não apenas uma exibição de moda, mas um palco para representatividade, representação, empoderamento e resistência. Celebramos a diversidade, rompendo com padrões coloniais e construindo alianças verdadeiras em meio à dor, ecoando vozes outrora silenciadas.

Ao longo das cartas, assumi não apenas uma missão pessoal, mas um compromisso coletivo. Reconheci que a luta pela valorização das expressões culturais dos povos originários vai além das fronteiras individuais, sendo um chamado à união, à solidariedade e à promoção de espaços onde as vozes outrora silenciadas possam ressoar em plenitude.

Este compilado de cartas, que começou como um mergulho íntimo em minha jornada, evoluiu para uma narrativa compartilhada de descobertas, aprendizados e compromissos. Encerro estas considerações com a convicção de que nossa jornada está apenas começando. As cartas trocadas são capítulos iniciais de uma narrativa mais ampla, onde as raízes se entrelaçam, buscando nutrientes nas profundezas do passado, e onde a moda se torna uma manifestação viva da interconexão ancestral.

Agradeço a Rodrigo Tremembé pela inspiração, pelo diálogo profundo e pela colaboração enriquecedora. Que esses escritos sirvam como um convite à reflexão, à transformação e à celebração das diversas vozes que contribuem para a construção de um mundo mais inclusivo, respeitoso e consciente das ancestralidades que moldam nosso presente e guiam nosso futuro. Que as sementes plantadas em nossos diálogos continuem a florescer, inspirando outros a trilhar o caminho da autenticidade, respeito e valorização das riquezas culturais que enriquecem a tapeçaria da humanidade.

REFERÊNCIAS

BERLIM, Lilyan. **Moda e sustentabilidade**: uma reflexão necessária. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

COUTINHO, Camila. O Poder das collabs. **Nosso meio**. Fortaleza, CE, 25 mar. 2022. Disponível em: <https://nossomeio.com.br/o-poder-das-collabs/>. Acesso em: 26 jan. 2024.

GUTERRES DEIFELD, Alessandra. **Palavra-alma**: o grito da terra em Eliane Potiguar. Orientador: Artur de Vargas Giorgi. 2022. 147 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022. Disponível em: . Acesso em: 26 dez.2023

HOOKS, Bell. **Olhares Negros: Raça e Representação**. São Paulo: Editora Elefante, 2019. 352 p. Disponível em: <https://elivros.love/livro/baixar-livro-olhares-negros-bell-hooks-em-epub-pdf-mobi-ou-ler-online>. Acesso em: 27 nov. 2023.

KAMBEBA, Márcia Wayna. Índio eu não sou. In: KAMBEBA, Márcia Wayna. **Ay Kakyri Tama**: eu moro na cidade. São Paulo: Pólen, 2018. p. 27.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2020.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu editora, 2019.

MEMÓRIAS, PROCESSOS BONITOS & ELOQUENTES

ou a história de como a Arte me chamou para dançar

por Yasmin Gomes⁴⁷.

É, é verdade, eu não me lembro de tudo. Não lembro muito bem como tudo começou, mas eles sempre existiram, desde o dia em que eu percebi que o meu nome, era o meu nome. Acho que nem sei como começar a escrever sobre isso, por que é tão estranho? Não que seja estranho, mas é algo tão singular que talvez me achem doida-e tudo bem, eu sou mesmo. Eu confesso que, no início, cogitei escrever algo em que as pessoas pensassem “uau que genial” ou qualquer outra coisa melodramática na qual pudesse arrancar suspiros, mas eu parei pra pensar e vi que não iria rolar, MESMO, porque sou tão pé no chão e nada me tira do solo. N a d a. Exceto os meus animais.

Ahhh os animais. Eles sabem de tudo, bem mais do que eu. Eles sabem que eu era uma criança esquisita e que eu teria dificuldades de comunicação, ao longo de toda a minha vida, daí eles devem ter pensado: “bem, talvez essa possa ser uma boa cabecinha para chamar de casa”. Eu acho que foi aí, eles se mudaram de malas prontas para a minha cabeça de criança e nunca mais ousaram sair (e olha que eu já tentei expulsá-los), em vão, pois eles insistem em me lembrar de algo a mais, ... – seria da minha parte meio selvagem? Admito que o lado lúdico, espontâneo, franco e, por vezes, zombeteiro, sempre esteve em mim, embora camuflado por indagações tantas...hoje, começo a reconhecer que tais indagações me movem e que elas são inesgotáveis!

Os animais sempre existiram, bem antes de eu conhecê-los. Bem antes de eu entender que eram animais, que eu era eu, com minhas memórias e fabulações, e que Arte é Arte. Ah, a Arte, a mãe de todos eles e minha também. Claro, também fui a

⁴⁷Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (PPGARTES/UFPA) e Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC/UNAMA), Especialista em História da Arte (Faculdade Multivix), Licenciada em Artes Visuais (UNAMA). Curadora e pesquisadora.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5183960216855924>

criança que gostava de lápis de cor e giz de cera e assim como as demais, queria expressar o meu pequeno universo em um papel, e bem, quando criança até que tive muitos amigos, mas não sabia como desenhar essas pessoas...pessoas...sempre foi uma tarefa difícil desenhar pessoas. Então, com a minha cabeça de criança, por que não desenhar animais já que é o que eu sei fazer? O que na minha opinião, foi uma decisão sábia ao se tomar aos 6 anos de idade – e desde esse dia, os peraltinhas não me deixaram mais em paz. Nunca mais.

Animais que desenhei aos 5 anos

(eu sei que eles eram esquisitos mas na minha cabeça estavam lindos)



(obrigada pai por guardá-los)

É, eu fui uma criança muito mimada pela minha família. Uma criança abençoada pelos anos 90 e pelas locadoras que meus pais administravam ao lado de minha casa, então dá pra se imaginar que assisti a todos os filmes e desenhos da Disney da época. Eu gostava tanto dos animais falantes, queria desenhar como aqueles animadores – Ahh os animadores...meus grandes heróis! Ficava maravilhada em ver como eles conseguiam transformar o mundo real em desenho animado, e pedi ao universo, com meu coração infantil, que fosse como eles algum dia. E de certo modo, hoje eu sou.

Nunca fui alguém de muitos amigos, sempre contida e sempre pensando duas vezes antes de dar uma opinião. Sofri bullying por muito tempo na escola, e essas coisas deixam marcas e são como posso comparar com uma faxina: por mais que a

gente passe a vassoura, sempre escapam rastros pelos cantos. Esses rastros, mesmo que ignorados, permanecem lá e, por vezes, podem se fazer, incomodamente, notar, como uma provocação: ei? Não me ignore, veja o que poderá fazer, não estamos aqui por acaso.

Assim como fez Beatrix Potter⁴⁸ (1866-1943), ao longo de sua vida, ao mergulhar nos seus desenhos de animais, eu vi nesses momentos em especial, uma forma, um jeito de sair da realidade e ser quase um personagem das histórias que eu criava. Era tão simples, eu abria um caderno e enchia-o de desenhos, como portas para outros universos em que me sentia não apenas acolhida, mas protagonista ao viver essas aventuras – inclusive, muito útil durante crises de ansiedade. Creio até que, assim como os animais têm o farejar aguçado, eu empinava minhas antenas, meus ouvidos, meu olhar e, atenta aos cheiros e rastros deixados por eles, me deixava conduzir para alhures. Assim como analisado por Gabler⁴⁹ (2020) em relação ao senhor Walt Disney, minhas fantasias e imaginação me compuseram na pessoa que estou hoje, continuo atento aos ruídos, às possibilidades de minha evolução em todos os aspectos do Ser humano!

Mas, com o decorrer do tempo e a chatice da fase adulta, me encontrei na situação de precisar “escolher” uma profissão. Aquele momento em que a sociedade fica no seu pé para que, aos 16 anos, você já saiba o que quer fazer para a vida inteira. Dá até vontade de rir se não fosse uma realidade. Bem, o que diabos escolher como profissão quando nem você sabe o que pretende fazer profissionalmente? – Ao que me perguntava? Preciso responder a isso? Já? Não posso continuar a ser uma criança em crescimento? Quero crescer, mas sem perder o poder de perceber as pequenas coisas que me rodeiam e que são tão caras à imaginação.

Nunca fui boa nas disciplinas de escola, e sempre tive problemas com os meus pais por sempre tirar notas baixas. Nunca me dei bem em matemática, nem física, nem química e não queria fazer medicina como os meus demais colegas. Artes sempre foi

⁴⁸Beatrix Potter foi uma autora, ilustradora e conservacionista britânica, mais conhecida por seus livros infantis e seus contos de animais como *The Tale of Peter Rabbit*, *Jemima Puddle-Duck* e *Benjamin Bunny*.

⁴⁹Neal Gabler é escritor, biógrafo, jornalista e crítico cultural americano, muito conhecido por suas pesquisas e estudos sobre a cultura popular americana. Escreveu uma biografia aclamada sobre Walt Disney, intitulada *Walt Disney: O Triunfo da Imaginação Americana*.

minha aula favorita, mas nunca passou pela minha cabeça escolhê-la como possível profissão, o que me guiou para a área da Moda, já que na época, fui uma grande consumidora de revistas de estilos (patético hein?!). Ou melhor, essas aparentes futilidades também tiveram certa influência na minha escolha de vivenciar as belezas do pensar estético, do pensar em/com/para a arte!

Ao ingressar na universidade, com o devido curso, comecei a sentir diversas inquietações, as quais ainda não compreendia. Me sentia descontente? Insegura? Entediada? Seria um processo normal que todo calouro vivenciava? As perguntas evoluíram para vozes pontuais, como um chamado. Eram tão baixinhas, sussurros, murmúrios, quase não conseguia ouvi-las, mas que tornaram-se repetitivas, como um mantra, a cada dia. Hoje, procuro ouvi-las e dialogo com elas, são boas companhias.

Vale ressaltar que foi numa temporada de estresse e incômodo entre eu e os animais, na qual desenhava: “afinal, por que estás estudando desenho humano se odeias? ”, eles me questionavam. Como se me desafiassem: - Não somos nós os teus preferidos? Nós que a inspiramos, que nos aproximamos de teu íntimo? Que a despertamos para outros horizontes?

Pouco tempo depois, comecei a entender que aquilo não era de fato para mim e que o desconforto, as vozes e os animais estavam certos sobre o meu futuro. Lembro de ter entrado no carro de meu pai chorando, para contar-lhe que não estava feliz com a decisão que eu havia tomado, há alguns meses atrás. Preocupada com o julgamento de meu pai, que me deixou desabafar em desespero, com as seguintes indagações de “e agora o que eu faço?”. Até hoje, lembro de sua paciência e seu olhar gentil ao me responder: “acho que todos nós sabemos o que queres cursar de verdade”. Ali eu soube. Eu nunca havia escolhido a Arte como profissão, mas a Arte já havia me escolhido. Já havia me escolhido desde o ventre. Escolhido a dedo. Desde o meu primeiro respirar neste mundo. Acatei.

Ufa! Que alívio, meu pai já havia percebido que minha sensibilidade exigia, clamava por espaço para expressar anseios outros, muito subjetivos, vindos de ecos antigos, daí a entender aquelas vozes, aqueles sussurros constantes em mim. Eram uma espécie de ventos benfazejos teimando em me devolver a mim, às minhas criatividades, por um tempo renegadas! Que alívio, admitir que somente nas artes me encontraria.

Finalmente, sob a ciência de que dessa vez eu estava no lugar certo, segui minha trilha neste ofício que ainda era um terreno desconhecido por mim. Mas, mesmo que eu, enfim, estivesse neste espaço tão sonhado, ainda não me sentia realizada. Lembro de observar timidamente meus colegas de sala na qual produziam grandes pinturas, desenhos tão profundos e tão reflexivos, e aquilo me assustava? Não sei ao certo o sentimento a qual me envolvia. Um misto de ansiedade, incerteza, insuficiência e insegurança, pois não via meus animais da mesma forma, minhas produções, não apenas eu, mas como os demais também.

Lembro de começar a comprar livros de anatomia e tentar reproduzi-los incansavelmente para que, talvez, pudesse reproduzi-los em um futuro próximo. Não obtive sucesso. Bem, talvez desenhar pessoas não fosse de fato, para mim, pensei em tentar arte abstrata e colagens. Lembro de adquirir uma grande tela e passar horas do meu dia recortando revistas para uma possível construção do que poderia ser uma obra. Gostava do processo, era divertido, mas ainda assim, sabia que estava fazendo algo por fazer, por conveniência, por aceitação. Engraçado recordar do seu título: “Tá tudo bem?”, com uma carinha sorridente ao centro. A “obra” (sim, com aspas) estava finalizada.

“Tá tudo bem?” (2019)



(essa obra me fez chorar por semanas)

A Mostra Universitária em Artes da minha universidade, era um momento sublime, afinal, seria o primeiro passo dos novos artistas no mercado. Seus primeiros trabalhos passando por uma equipe de avaliação e curadoria para ter a chance de pendurá-los na parede da galeria. Era um momento de aflição, correria e busca pelos melhores materiais para impressionar os jurados. Depois de muito pensar, inscrevi a tal “obra” das colagens para a Mostra, até que confiante, pois tinha um apelo visual muito comum às produções contemporâneas. Ao sair o resultado, soltei o ar com um forte “novamente, declinei”.

Por ser um momento único para qualquer jovem estudante de Arte, a angústia tomou conta do meu peito por muito tempo. Já não desenhava mais. Já estava a anos sem pensar nos meus animais, engavetados, escondidos, como uma mera lembrança. Lembro de pedir ao meu pai para buscar a “obra” desclassificada, pois não suportava olha-la. Meu pai, sempre muito orgulhoso, deixou-a na parede da sala bem exposta, mas eu só conseguia chorar ao olhar para ela. Chorei por muitos dias em meu quarto, e em alguns momentos, chorava baixinho na janela do ônibus, às 22 horas, horário que voltava para casa. Estava cansada, desmotivada e com receio de ter errado novamente em minha escolha – na qual defendia tanto em finalmente estar correta.

Com a chegada do meu último ano de graduação, o medo e a angústia eram meus principais companheiros, tendo meu trabalho de conclusão sobre animação, como minha única fonte de alegria (sim, meu TCC foi sobre Walt Disney, mas isso é uma outra história). A chegada de uma Pandemia foi um susto para todos, principalmente para mim e meus colegas que estavam a desenvolver os seus trabalhos de conclusão.

Acho que, por sempre ter sido alguém tão sozinha, sem muitos amigos e de certo modo, individualista, não achava tão ruim estar em casa. Gostava da minha própria companhia e da companhia de meus livros, mas questionava-me sobre os possíveis desafios que teria de enfrentar para compreender as disciplinas de forma remota. Ah, não disciplinas qualquer, estávamos em etapas finais. Com o último ano de graduação, fomos concebidos por disciplinas extremamente teóricas e cabeçadas. Mas, para a minha surpresa, e em meio ao caos, eu a conheci.

Não, ela não me encheu os olhos nos primeiros meses. Lembro que mal escutava sua voz. Talvez ela já tivesse jogado alguns olhares para mim, mas não percebi. Para falar a verdade, achava-a muito chata, exigente, metódica, sempre insatisfeita, curiosa

demais. Quem ela pensa que é?! Tá, tudo bem, teria que lidar com ela (ou pelo menos tentar) se eu quisesse de fato, me formar. Mas, certo dia, a danadinha deu um jeito de, enfim, chamar minha atenção. Ela não desistiu e me pegou de jeito em momento de pura tensão. Sim, ela me pegou durante uma prova, me atirou contra a parede e olhou no fundo dos meus olhos e sem eu perceber, estava entregue, ali, atirada, diante ao grande amor da minha vida que finalmente, havia encontrado: A Crítica e Curadoria de Arte.

Meu primeiro amor foi Jorge Guinle Filho, um dos muitos artistas da Geração 80. Lembro-me de pensar nele por dias e, assim que finalizei minha graduação, conversávamos na minha cabeça. Eu dizia:

- Guinle, não sou uma artista de galeria, tampouco uma fotógrafa. Arte e tecnologia não me crescem os olhos, e performances estão fora de cogitação. Mas, eu acho que sei criticar uma obra quando vejo-a, fiz isso com um trabalho seu na prova de crítica de arte ano passado, me saí super bem e você sabe o que eu senti alí, naquele momento né? Não nasci no Rio de Janeiro como Marcus Lontra, nem em São Paulo como Ricardo Basbaum. Sou a primeira da minha família a seguir a carreira artística e, apesar de não ser a pessoa mais inteligente do mundo, sou esforçada. Achas que eu posso ser uma crítica e curadora de arte?

Guinle me olhou e respondeu:

- Ora e por que não poderia? – Ele dizia enquanto acendia um cigarro – Eu sei o que eu vi naquele dia, eu sei o que você sentiu naquele dia. Tá tudo aí, adormecido, te esperando, sonolento, calmo, mas ardente.

Perguntei:

- E se eu não conseguir? E se não der certo? Como eu vou me responsabilizar por tanto?

- E se der certo? Você sabe que pode.

Não muito tempo depois, estava decidida a ser crítica de arte. Quis entrar num mestrado e de imediato, comecei os meus estudos. Sim, do zero, pois nada sabia de curadoria, crítica e até história da arte, já que minha cabeça estava inteiramente centrada

nos mergulhos do cinema e animação. Li Gombrich (2000)⁵⁰, para entender a história da arte, enquanto Barrett (2014)⁵¹, me mostrava brevemente, como fazer uma crítica de arte. Também li Ostrower (2013)⁵², para entender sobre processos criativos, e me apeguei ao Ato Criador (1957), de Duchamp⁵³ e claro, sempre estive em companhia de Guinle, que foi meu amigo durante esse processo, lendo e relendo alguns de seus textos, como Papai era surfista profissional, mamãe fazia mapa astral legal: "Geração 80" ou Como matei uma aula de artes num shopping center (1984).

Acho que foi uma fase das mais loucas da minha vida de recém agente da arte. Por (re)estudar tudo sozinha, mal sabia se estava no caminho certo. Estava perdida, mas, como no livro de Lewis Carroll (2010), pra quem estava perdido, qualquer caminho servia. E assim foi até minha primeira inscrição de mestrado. Declinei. Apesar da angústia em “perder” um ano inteiro de estudos, simultaneamente, fui convocada para o meu primeiro grande projeto de pesquisa em curadoria.

Medos, inseguranças e principalmente, a ausência de experiências, me colocou num poço escuro e solitário, mas como em Clarice Lispector (1998), minha força estava na solidão, e ali aprendi a lidar com tudo o que ainda era desconhecido para mim. O receio de falhar era tanto, que olhar para quaisquer obras em minha frente parecia um pesadelo na Terra. Mas, como de costume, segui em frente, no mesmo mesmo, peguei o jeito. Conduzida pela vontade eloquente de conquistar o que sempre sonhei, um ano depois, entrei no mestrado. Ou melhor, em DOIS mestrados.

Nunca achei que fosse estudar pintura, apesar de sempre ter tido uma ligação com ela, seja nos desenhos, seja nas obras que observava de perto em exposições. Gosto de olhar para a textura das pinturas, e as cores sempre me despertaram curiosidade, não é à

⁵⁰Refere-se ao livro “A História da Arte” originalmente publicado em 1950, do historiador da arte Ernst Hans Josef Gombrich (1909-2001), um dos mais populares pesquisadores do campo da história da arte do século XX.

⁵¹Terry Barrett (1945) é crítico de arte, professor e autor do livro “A Crítica de Arte” (2014).

⁵²Fayga Ostrower (1920-2001) foi artista, historiadora da arte e professora, a qual escreveu diversos livros com temas voltados para a criação artística, história da arte e suas experiências educativas.

⁵³Marcel Duchamp (1887-1968) foi um dos artistas mais emblemáticos da história da arte, vinculado ao movimento artístico do Dadá e inventor dos ready-mades (materiais já existentes transformados em obras de arte).

toa que encontrei-me no belo caos de Jorge Guinle Filho e nas complexidades da abstração. Eu não sabia que tinha esse sonho, até começar a vivenciá-lo.

Eu não poderia estar mais feliz. Entretanto, abri mão dos meus animais. Pelo menos por enquanto. Sinto que experimentar a pesquisa e absorver a carga emocional de tantos escritos, me faz perder os suspiros aliviados ao tocar no papel para desenhá-los. Nunca quis juntar estes mundos, pois assim como Clement Greenberg (2013), prefiro uma arte “pura”, intactos de minhas próprias cobranças. “Você vai voltar? - Perguntam sempre, e eu prometi: “sim, e volto pra ficar”.

O cervo adormecido (2020), um dos meus últimos desenhos



Nunca quis te dizer adeus. Mas precisei.

Apesar das lágrimas nos olhos, vi meus animais partindo, felizes. Eles sabiam que meu coração estava dividido, mas sempre foram gentis, e me permitiram seguir uma outra estrada o que, no início, achei que seria solitário, pois estaria sem eles por perto mas, aos poucos, outras presenças estavam ao meu lado, alguns já ditos aqui e outros como David Anfam (2013), Susie Hodge (2019) - minha amiga de graduação, Carlo Argan (1992) - sempre disposto a acolher os novos pesquisadores, Harold Rosenberg (1974) e alguns outros que ainda preciso e estou conhecendo melhor.

Acho que estou indo bem, ou pelo menos, indo em frente. Mando lembranças aos meus animais sempre que posso, e assim como Beatrix Potter passeava pelo campo e sempre encontrava seu velho amigo Peter, o coelho (2006) e suas aventuras entre os

rabanetes, com frequência, sou visitada por meus animais e quando me dou conta, meus estudos são invadidos por cães, camundongos, gatos, lebres e cervos. Surgem sem minha autorização e correm por todo o papel, assim como ocorreu com Elias José (2011) e sua menina bonita e sorridente.

“Como estão os estudos? Os críticos de arte são tão chatos como imaginou?” Parecem me perguntar. E eu, sorrindo, retorno dizendo: “achei que tinha dito a vocês para me esperarem nos cadernos de desenho”. E lá, eu sei, ainda aguardam pacientemente, gentilmente e alegremente, o meu retorno. Os patos ainda mergulham na lagoa, os cães ainda são príncipes e, assim como os gansos de passagem de Kobayashi Issa (2019), o meu coração, meio animalesco-selvagem-sonhador, também voa alto.

REFERÊNCIAS

BATTCOCK, Gregory. **A Nova Arte**. São Paulo. Perspectiva, 2013. ISBN 9788527302913.

CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá**. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2010. ISBN 9788537801727.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. São Paulo. Martins Fontes, 2010. ISBN 9788561635541.

GABLER, Neal. **Walt Disney: O Triunfo da Imaginação Americana**. São Paulo. Editora Novo Século, 2020.

GOMBRICH, E.H. **A História da Arte**. 16ª. ed. Rio de Janeiro. LTC- Livros Técnicos e Científicos Editora. 2001. 688p. v. 1. ISBN 9788521611851.

ISSA, Kobayashi. **The Spring of My Life: And Selected Haiku**. Shambhala, 2019. 240p. ISBN 9781611806939.

JOSÉ, Elias. **Viagem Criada, Emoção Dobrada**. 4ª.ed. São Paulo. Saraiva Didáticos. 2011. 24p. ISBN 9788570569752.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. 1ª.ed. São Paulo. Editora Pontes. 1969. 276p. v. 1. ISBN 9788571139879

MILNE, A.A. **Ursinho Pooh**. 2ª.ed. São Paulo. Editora Martins Fontes. 2018. 168p. v.1. ISBN 9788580633542.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e Criação Artística**. São Paulo: Editora Unicamp, 2013. ISBN 9788526810235.

POTTER, Beatrix. **Beatrix Potter: The Complete Tales**. Frederick Warne and Company, 2006. 400p. ISBN 978072325.

Com este VI e-book abrimos mais um leque de alternativas para uma escrita autoral no corpo das pesquisas acadêmicas na área das artes, especialmente no nosso Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES-UFGA).
Que a leitura destes textos desencadeie outros tantos, vida afora!

Boa Leitura!

